

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Instituto de Psicologia
Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica

**Domínio e culpa na neurose obsessiva: marcas da
destrutividade**

Camila Peixoto Farias

2013



UFRJ

Domínio e culpa na neurose obsessiva: marcas da destrutividade

Camila Peixoto Farias

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Teoria Psicanalítica.

Orientadora: Marta Rezende Cardoso

Rio de Janeiro

Fevereiro/2013

Domínio e culpa na neurose obsessiva: marcas da destrutividade

Camila Peixoto Farias

Orientadora: Marta Rezende Cardoso

Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Teoria Psicanalítica.

Aprovada por:

Profa. Dra. Marta Rezende Cardoso

Prof. Dr. Paulo Carvalho Ribeiro

Profa. Dra. Cláudia Amorim Garcia

Profa. Dra. Regina Herzog

Prof. Dr. Joel Birman

Rio de Janeiro

Fevereiro/2013

Peixoto Farias, Camila

Domínio e culpa na neurose obsessiva: marcas da destrutividade

Camila Farias Peixoto. Rio de Janeiro: UFRJ/IP, 2013.

138 f. ; 29,7 cm

Orientadora: Marta Rezende Cardoso

Tese (Doutorado) – UFRJ/IP/Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, 2011.

Referências Bibliográficas: f. 136-138.

1. Neurose obsessiva. 2. Pulsão de morte. 3. Domínio. 4. Psicanálise. 5. Tese (Doutorado). I. Cardoso, Marta Rezende. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Instituto de Psicologia/ Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica. III. Título

Agradecimentos

À Marta Rezende Cardoso por sua incansável e estimulante orientação, que desde o mestrado me impulsionou a ir além, me possibilitando chegar onde nem eu mesma julgava possível. Agradeço, especialmente, pela amizade fortalecida ao longo desses anos.

Aos colegas de equipe pelas trocas, que tanto contribuíram para este percurso, mas principalmente pela amizade construída. Agradeço especialmente a André Luiz Vale e Ney Klier Netto.

Aos professores Regina Herzog e Paulo Carvalho Ribeiro pelas preciosas contribuições no exame de qualificação.

Ao Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica da UFRJ e aos funcionários e professores deste programa pelos ensinamentos que me permitiram chegar até aqui.

À CAPES pelo financiamento desta pesquisa.

A Pedro Henrique Bernardes Rondon, pela cuidadosa revisão.

A meus pacientes que sempre renovam minhas interrogações, me possibilitando repensar a clínica e a teoria psicanalíticas.

À Maria Luiza Furtado Kahl, pelo incentivo, pela amizade e pelos ensinamentos que me permitiram chegar até aqui.

A Maiquel dos Santos Canabarro por sua presença cheia de amor e carinho, por nosso lar cheio de vida, por nossa vida cheia de graça e alegria, e especialmente pelo caminho que estamos construindo e trilhando juntos! Meu amor e gratidão.

A Luis Aldenir Rolin Farias, meu pai, por desde muito cedo ter me ensinado que há o tempo de plantar e o tempo de colher e que entre eles, há o tempo da espera, do respeito, do cuidado e do investimento. Agradeço pelos ensinamentos mais importantes de minha vida. À Dalva Terezinha Peixoto Farias, minha mãe, pelas escolhas e pelos caminhos que sua presença e seus ensinamentos me possibilitaram e me possibilitam seguir. Ambos inspirações permanentes de vida. A eles, meu amor e gratidão.

A Gilson Peixoto Farias e a Luiz Francisco Peixoto Farias pela felicidade de tê-los como irmãos e pela amizade que compartilhamos.

A Camillo Ilha Peixoto que transmitiu à família o amor pelo conhecimento.

À Nilza Izabel Peixoto por ter desde muito cedo me incentivado e apoiado a seguir o caminho do conhecimento.

À família Pereira pelo carinho, pelo apoio e pelas visitas que sempre enchem a casa de amor e alegria.

À Shana Wottrich e à Síglia Pimentel Höher Camargo por estarem sempre por perto, mesmo quando estão longe, pela presença tão especial em minha vida.

À Raquel del Giudice Monteiro por muito mais do que amizade, pela alegria e leveza que enriquecem minha vida.

À Patrícia Paraboni pela amizade, pela generosidade, pela disponibilidade e pelos momentos especiais compartilhados.

A Marcos Monteiro e Diego Antonello pela amizade e ótimos momentos compartilhados.

À Gabriela Maldonado Borges pela amizade e especialmente pelos risos, fundamentais neste percurso.

À Carolina Cibella pelas trocas, pela presença carinhosa, pela amizade.

À Renata Mattos por sua generosidade, por seu apoio, e especialmente, por nossas “correspondências” tão ricas e estimulantes.

À Ana Bárbara Andrade, amiga e companheira de dúvidas, angústias e alegrias desde o mestrado.

À Ana Maria Continentino pela escuta sensível e pela presença carinhosa e encorajadora.

Dedicatória

A Maiquel dos Santos Canabarro

Porque ter você ao meu lado encheu esse percurso de sentidos especiais.

Resumo

Domínio e culpa na neurose obsessiva: marcas da destrutividade

Camila Peixoto Farias

Orientadora: Marta Rezende Cardoso

Resumo da Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Teoria Psicanalítica.

O objetivo central desta tese é promover um aprofundamento do estudo da neurose obsessiva sob uma nova perspectiva a partir da qual se destaca a sua dimensão destrutiva. O traumático é um fator relevante na gênese dessa patologia, tendo em vista o caráter violento de seu sistema defensivo, indicativo de que sua análise foi determinante para a emergência da pulsão de morte na obra de Freud.

O modo singular de relação com o objeto na neurose obsessiva é um dos tópicos essenciais desta investigação. São analisados os elementos traumáticos envolvidos na sua etiologia a partir do plano da relação primária, e de seu entrecruzamento com o plano edipiano. A noção de domínio é o articulador principal desta reflexão sobre a relação eu/outro nos registros intrapsíquico e intersubjetivo. Quanto à dimensão de alteridade interna na neurose obsessiva, o foco de análise incide sobre as modalidades compulsivas de resposta psíquica diante do constante vivido de ameaça de transbordamento pulsional. São respostas que implicam complexa articulação entre ato e pensamento em cujo eixo há a compulsão à repetição e a onipotência narcísica, conduzindo à uma compulsão à síntese, destrutiva, por seu caráter fechado, de imobilismo.

O pensamento ganha, neste caso, valor de ato, abrindo a discussão sobre a natureza das violentas autoacusações, em suma, da problemática da culpa. Explora-se o acirrado combate entre ego e superego para se demonstrar que a ferocidade do sentimento de culpa na neurose obsessiva já constitui uma primeira tentativa egoica de “dominação” do excesso pulsional.

Palavras-chave: Neurose obsessiva – Pulsão de morte – Domínio – Psicanálise – Tese (Doutorado).

Rio de Janeiro
Fevereiro/2013

Abstract
Domination and guilt in obsessional neurosis: the marks of destructiveness

Camila Peixoto Farias

Tutor: Marta Rezende Cardoso

Abstract of the Thesis presented to the Post-graduation Programme of Psychoanalytic Theory, Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, as a part of the requisite for obtaining the Doctor's Degree in Psychoanalytic Theory.

The central aim of this thesis is to promote the deepening of the study of obsessional neurosis in a new perspective, from which its destructive dimension is emphasized. The traumatic is a relevant factor in the genesis of this pathology, given the violent nature of its defensive system, indicating that its analysis was crucial for the emergence of the death drive in Freud's work.

The unique way of relating to the object in obsessional neurosis is one of the key-topics of this investigation. We analyze the traumatic factors involved in its etiology from the plane of the primary relationship, and its intersection with the oedipal plane. The notion of domination is the main organizer of this reflection on the relation self / other in intrapsychic and intersubjective registers. As for the dimension of internal otherness in obsessional neurosis, the focus of the analysis is on the compulsive modes of psychic response before the constant experience of the threat of instinctual flooding. These answers imply the complex articulation between thinking and acting, on whose axis there are the repetition compulsion and the narcissistic omnipotence, leading to the idea of compulsion to synthesis – that is destructive, because of its closed nature, because of stagnation.

In this case, thinking gains the value of an act, opening the discussion about the nature of the violent self-accusations, in short, the problem of guilt. We explore the fierce combat between ego and superego to demonstrate that the ferocity of guilt feelings in obsessional neurosis is already a first attempt of ego "domination" of the drive excess.

Keywords: Obsessional Neurosis - Death instinct - Domination - Psychoanalysis - Thesis (Doctor's grade).

Rio de Janeiro

Fevereiro/2013

Sumário

Introdução	14
Capítulo I – O impacto da neurose obsessiva para a teoria freudiana: desdobramentos e impasses	18
I.1 O surgimento da neurose obsessiva: a base traumática nos primeiros escritos.....	19
I.2 Os primeiros rastros da compulsão	23
I.3 Os cerimoniais compulsivos: avatares da culpa e do castigo	27
I.4 Regressão à organização sádico-anal.....	28
I.5 Defesas Arcaicas e império da dúvida	31
I.6 A dívida impossível de saldar.....	34
I.7 A proibição do toque.....	36
I.8 Regressão do ato ao pensamento: um crime cometido	40
I.9 O núcleo violento: uma cena de espancamento.....	44
I.10 Indicações mais nítidas do mortífero	50
Capítulo II – A busca pelo domínio do “outro”	57
II.1 Pulsão de domínio e “dominação” da excitação pulsional	58
II.2 Relação com o objeto primário	61
II.2.1 O ódio materno	66
II.2.2 Mensagens maternas	68
II.3 Triangulação precoce.....	72
II.4 Domínio e destrutividade	76
II.5 Singularidade da relação de domínio.....	79
Capítulo III – O cárcere obsessivo: o pensamento como ato	85
III.1 Perda do objeto: alicerce do processo de pensamento	85
III.2 A regressão à onipotência.....	88
III.3 A busca pelo saber.....	91
III.4 Pulsão de saber versus dúvida.....	94
III.5 Tabu do toque: inibição da ação.....	95
III.6 Rituais obsessivos: império da inação.....	98
III.7 A singularidade da compulsão obsessiva	100
Capítulo IV – O apelo à culpa: da transgressão pulsional à transgressão da lei	108
IV.1 As autoacusações obsessivas	108
IV.2 O superego em Freud	109
IV.3 Mensagens maternas e superego.....	112
IV.4 Incorporação do outro: na base do superego feroz	113
IV.5 Angústia Moral	117
IV.6 O desamparo e sua relação com a angústia moral	118
IV.7 Culpa insensata: abertura ao registro edipiano	123
Considerações finais	126
Referências Bibliográficas	134

*Assim, o domínio do obsessivo é um **domínio da morte e pela morte**, da morte destilada e invasiva. De uma morte que aqui resulta tanto da ação de Tânatos quanto da das pulsões de vida, cada qual agindo por sua própria conta, porque essa tendência inata para a entropia, para a redução de toda tensão é, em nós, a marca do pulsional em estado bruto.*

(Dorey, 1981, p. 128. A tradução é nossa. O grifo é do original.).

Introdução

A pesquisa de doutorado que desenvolvemos desde 2009 veio dar continuidade à nossa dissertação de mestrado intitulada “Bulimia: uma resposta paradoxal”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica. Nessa investigação exploramos dentre outros aspectos, o papel da dimensão de trauma e de seus desdobramentos na gênese da patologia da bulimia. Um dos elementos contemplados nesse trabalho foi o caráter compulsivo e ritualizado das crises bulímicas, levando-nos a problematizar a presença de um forte traço obsessivo nessa patologia, que integra, no entanto, os chamados estados limites. Desta forma, começamos a nos interessar – além da questão da violência psíquica nessas situações clínicas e, particularmente, nas patologias alimentares – pela eventual presença de uma dimensão especialmente destrutiva, que poderia estar na base e nas formações sintomáticas da neurose obsessiva.

Essa discussão, desvelada em grande parte pelo encaminhamento das ideias propostas em nossa dissertação, descortinou para nós um novo e instigante desafio: refletir acerca da singularidade da ação da pulsão de morte nas neuroses, mais especificamente na neurose obsessiva. Assim, as questões suscitadas em nosso percurso de mestrado, aliadas à nossa experiência clínica, motivaram a realização do estudo aprofundado sobre a neurose obsessiva que viemos a realizar no doutorado.

Pretendemos melhor entender o lugar da teoria da neurose obsessiva no conjunto da teoria freudiana. Reconhecemos que esta teorização aí aparece ancorada, essencialmente, no primeiro dualismo pulsional. Porém, pressentimos que algumas de suas características teriam contribuído de maneira significativa para a reviravolta que vai se operar no pensamento de Freud a partir de 1910, e cujo momento culminante, em 1920, nos coloca frente a frente com o “estranho” da pulsão de morte.

Embora até o final da obra Freud estime que a neurose obsessiva permanece como um problema teórico-clínico não “dominado”, e este quadro persiste fortemente na clínica psicanalítica atual – e talvez possamos até pensar num certo incremento de casos graves de tal patologia nos últimos anos – constatamos, na literatura, a tendência predominante a considerá-la como já compreendida. A busca por referências bibliográficas para nossa pesquisa comprovou isso, posto que poucos são os trabalhos, além daqueles considerados clássicos, que foram dedicados à retomada do estudo da

neurose obsessiva. Constatamos isso com grande espanto, que se transformou em motivação, reiterando, assim, a importância e a relevância do trabalho que nos propusemos a realizar. Nossa pesquisa representa uma tentativa de dar continuidade às reflexões acerca da neurose obsessiva iniciadas por Freud e que ficaram, de certo modo, deixadas de lado nas últimas décadas.

O nosso desafio não foi o de inaugurar um novo campo de estudo, mas o de construir um olhar renovado sobre um tema bastante explorado por Freud, desde os primórdios da psicanálise e, posteriormente, por outros autores. Desejávamos, por exemplo, identificar e compreender os elementos em jogo na neurose obsessiva, no processo de elaboração do segundo modelo da teoria das pulsões. A violência que caracteriza esta patologia, intimamente articulada ao mecanismo da compulsão, constitui, no nosso entender, um aspecto dos mais decisivos para os remanejamentos ao longo da construção do percurso de Freud. Ou seja, a violência constitui um dos elementos que irão possibilitar o avanço da compreensão sobre o psiquismo humano, seja em seus aspectos constitutivos, seja em suas determinações patológicas.

Consideramos que a análise da neurose obsessiva, embora realizada por Freud prioritariamente no contexto da primeira teoria pulsional, pode ser situada em uma região fronteiriça entre a primeira e a segunda teorias pulsionais. Destacaremos, em nossa pesquisa, algumas das mais significativas noções que fazem parte dessa espécie de espaço de transição de um modelo a outro, abrindo um novo horizonte teórico – noções que virão a ser iluminadas pela neurose obsessiva: a onipotência narcísica, a compulsão, a repetição, o traumático, as autoacusações “demoníacas”, figuras das mais essenciais de um ataque pulsional mortífero no mundo interno, ferrenhas e violentas defesas contra a irrupção de um transbordamento pulsional no espaço egoico.

Para promovermos o aprofundamento desse novo olhar sobre a neurose obsessiva, revelou-se necessário inaugurarmos outro patamar de análise dessa patologia, articulado ao conceito de pulsão de morte. A postulação de tal conceito produziu inúmeras consequências para a teoria psicanalítica, dentre elas, o ressurgimento e a redefinição da teoria do trauma, o reexame dos elementos em jogo na luta entre pulsões, e a construção de uma segunda tópica do aparelho psíquico. Essas reformulações constituem alicerces importantes sobre os quais iremos apoiar a nossa investigação.

Cabe ressaltar que, após conceituar a pulsão de morte, Freud não chegou a realizar um estudo mais sistemático da neurose à luz do novo modelo. Porém, em textos posteriores indicou certas pistas de pesquisa acerca disso, como procuraremos mostrar

ao longo de nossa tese, particularmente no que concerne ao campo específico da neurose obsessiva. Este foi um dos grandes desafios que Freud nos legou e nos aventuraremos aqui a realizar esse percurso da pesquisa psicanalítica: repensar a metapsicologia e a psicopatologia do quadro clínico da neurose obsessiva à luz da pulsão de morte e de outros conceitos e noções que vêm sendo desenvolvidos a partir de então.

Esperamos com nossa investigação contribuir para o enriquecimento da discussão acerca da neurose obsessiva, discussão que se mostra tão árdua e complexa, mas de fundamental importância no campo da psicopatologia psicanalítica.

Nossa tese está dividida em quatro capítulos que expressam, do ponto de vista metodológico, a tentativa de sistematizarmos e articularmos diferentes aspectos aos quais consagramos a nossa atenção.

O primeiro capítulo é dedicado ao desenvolvimento da teoria da neurose obsessiva em Freud, com a perspectiva de promover uma releitura de suas contribuições, buscando as bases para a constituição desse olhar renovado que queremos construir sobre a neurose obsessiva. Seguiremos o percurso de Freud, sublinhando os pontos em que a neurose obsessiva nos parece vir interrogar o primeiro dualismo pulsional. Estes pontos serão aprofundados nos capítulos seguintes a partir das contribuições das “pistas” deixadas em aberto na obra freudiana.

No segundo capítulo, exploraremos o papel do traumático na neurose obsessiva, considerando a reformulação que a noção de trauma sofreu a partir de 1920. Será analisado, em detalhe, o modo singular de relação que o eu estabelece, neste caso, com o objeto, tópico através do qual acreditamos poder mostrar a insistência da violência, da destrutividade, nessa patologia. Daremos especial ênfase ao registro da relação primária, procurando articulá-la com a problemática edipiana.

No terceiro capítulo, investigaremos a problemática do ato e de sua relação com o pensamento na neurose obsessiva, destacando a sua dimensão eminentemente compulsiva. Procuraremos compreender como se dá a constituição do processo de pensamento nessa patologia, sublinhando, dentre outros aspectos, o fato deste adquirir valor de ato, marca particular da neurose obsessiva.

No último capítulo da tese procuraremos alcançar uma melhor compreensão da dinâmica psíquica subjacente à insistente e violenta presença de severas autoacusações na neurose obsessiva. Esta investigação centrar-se-á principalmente na problemática do sentimento de culpa e em suas determinações, com relevo na problemática do superego,

da complexa relação entre ego e superego e da importância que aí reside da dimensão de alteridade.

Após anunciarmos o roteiro que orienta a nossa investigação e antes de dar início à apresentação de nosso percurso, cabe ressaltar que, ainda que sem a pretensão de esgotar a discussão, seguimos motivados e desafiados pelas palavras de Freud:

A neurose obsessiva é, indubitavelmente, o tema mais interessante e compensador da pesquisa analítica. O problema que ela coloca ainda não está dominado. É preciso confessar que, se queremos penetrar mais adiante em sua natureza, não podemos ainda dispensar-nos de adiantar hipóteses incertas e suposições desprovidas de provas. (FREUD, 1926/2006, p.115).

Capítulo I

O impacto da neurose obsessiva para a teoria freudiana: desdobramentos e impasses

A neurose obsessiva apresenta uma multiplicidade tão vasta de fenômenos que, apesar de todos os esforços envidados até agora, não se conseguiu fazer uma síntese coerente de todas as suas variações. Tudo que podemos fazer é colher certas correlações típicas, mas há sempre o risco de que tenhamos desprezado outras uniformidades de natureza não menos importante (FREUD, 1926/2006, p. 119).

Nosso objetivo neste capítulo é seguir o percurso trilhado por Freud ao longo de seus estudos da neurose obsessiva, procurando destacar os pontos em que essa patologia questiona a teoria psicanalítica, em especial aqueles em que questiona o primeiro dualismo pulsional e o primeiro modelo tópico. Em outras palavras, interessa-nos mostrar como sua inteligibilidade apenas com as “ferramentas” ligadas ao primeiro modelo tópico torna-se, em alguns momentos, muito difícil para Freud, pois o confronto com os limites de sua teoria, o que, acreditamos, o impulsiona a repensá-la.

Nossas indicações acerca da neurose obsessiva na obra freudiana, longe de ser exaustivas, buscam marcar pontos que acreditamos indicar sua importância para vários dos desdobramentos sofridos pela teoria psicanalítica ao longo de seu desenvolvimento, particularmente para as transformações da teoria pulsional. Apresentaremos um panorama abrangente dos postulados freudianos acerca desta patologia, tendo como principal objetivo demonstrar sua importância para as construções teóricas referentes ao segundo dualismo pulsional, ou seja, para a postulação do conceito de pulsão de morte. Ademais, consideramos estar claro que o nosso interesse dirige-se, particularmente, à estreita relação entre a violência que a neurose obsessiva coloca em relevo e o conceito de pulsão de morte.

Procuraremos mostrar a seguir como a violência que caracteriza esta patologia interpelou as bases da teoria psicanalítica, exigindo modificações que foram fundamentais para a postulação do segundo dualismo pulsional.

1.1 O surgimento da neurose obsessiva: a base traumática nos primeiros escritos

O tema da neurose obsessiva aparece na obra freudiana desde os primeiros escritos. Em “A hereditariedade e a etiologia das neuroses”, de 1896^a, Freud está preocupado em discutir a etiologia das neuroses e defende, como tese principal, que as neuroses teriam como fonte comum uma base traumática assentada na vida sexual do sujeito, seja ela atual ou passada. Este texto inaugura a apresentação da neurose obsessiva como quadro de neurose autônomo.

Fui obrigado a começar meu trabalho por uma inovação nosográfica. Julguei razoável dispor ao lado da histeria a neurose obsessiva (*Zwangsneurose*), como distúrbio auto-suficiente e independente, embora a maioria das autoridades situe as obsessões entre as síndromes constitutivas da degeneração mental ou as confunda com a neurastenia (FREUD, 1896a/2006, p. 146).

A partir desse momento, a histeria e a neurose obsessiva vão integrar o quadro das psiconeuroses de defesa (no qual ainda estão situadas as fobias e as psicoses) e que se distingue do quadro das neuroses atuais, que abarca a neurose de angústia e a neurastenia. O estudo da histeria conduziu Freud a propor a neurose como formação defensiva contra uma representação incompatível que atinge a consciência. “Na histeria, a representação incompatível é tornada inócua pela transformação de sua soma de excitação em alguma coisa somática. Para isso eu gostaria de propor o nome de conversão” (FREUD, 1894/2006, p. 56). A tarefa da conversão é, assim, enfraquecer a ideia por meio da descarga, da liquidação da tensão. A neurose obsessiva segue um caminho diferente:

Quando alguém com predisposição /à neurose/ carece da aptidão para a conversão, mas, ainda assim, parece rechaçar uma representação incompatível, dispõe-se a separá-la de seu afeto, esse afeto fica obrigado a permanecer na esfera psíquica. A representação, agora enfraquecida, persiste ainda na consciência, separada de qualquer associação. Mas seu afeto, tornado livre, liga-se a outras representações que não são incompatíveis em si mesmas, e graças a essa “falsa ligação”, tais representações se transformam em representações obsessivas (FREUD, 1894/2006, p. 58-59).

O afeto ligado à representação sexual recalçada é deslocado para outra representação, a qual se tornará obsessiva. É essa “falsa ligação” entre o afeto e a representação substitutiva que explica as manifestações aparentemente descabidas que caracterizam a neurose obsessiva. Essa distinção entre a representação e o estado afetivo é o traço dominante que caracteriza esta patologia, sendo a representação submetida à mudança e o estado afetivo permanecendo o mesmo. Assim, as obsessões apresentam dois componentes: uma ideia que se impõe ao sujeito e um estado afetivo associado a

ela que o atormenta, como angústia, dúvida, remorso, raiva, etc. Esses afetos estariam ligados a uma experiência sexual perturbadora e podem também ser deslocados para atos ou impulsos que passarão a servir como medidas de proteção: os rituais obsessivos.

Percebemos, então, diferença fundamental entre os sintomas histéricos e os obsessivos, o que conduz Freud a propor a neurose obsessiva como patologia autônoma. Essa diferença refere-se à impossibilidade de liquidação da tensão por meio da conversão – a tensão permanece agindo no psiquismo, o estado afetivo mantém-se o mesmo, embora separado da representação traumática e ligado a uma representação substitutiva. Isso aponta para a fragilidade do recalque, uma vez que ele não alcança seu principal intento, que é eliminar ou pelo menos diminuir o desprazer; consegue apenas separar a representação traumática de seu afeto. Como destaca Green “Na obsessão o recalque não é mais que uma das defesas, na histeria a defesa limita-se ao recalque” (2005, p. 184). A impossibilidade de liquidação do afeto começa a revelar uma economia psíquica singular nesta patologia, o que conduz Freud a postular seu caráter autônomo e diferenciado da histeria. Assim, em função de uma economia singular, a neurose obsessiva surge como um primeiro desdobramento da teoria freudiana das neuroses (MÉNÉCHAL, 2000).

Segundo Freud (1896a/2006), esse estado afetivo origina-se de um trauma sexual primitivo, cuja reconstituição dependeria da restauração da ligação entre a ideia incompatível e o estado afetivo. Freud propõe que a neurose obsessiva apresenta uma etiologia semelhante à da histeria, referida a experiências de efeito traumático relacionadas à vida sexual. Como na histeria, Freud indica que na neurose obsessiva encontraríamos um evento sexual precoce, anterior à puberdade, cuja lembrança se tornaria ativa durante ou depois deste período, desencadeando o trauma. Porém, Freud destaca que há uma diferença de grande importância:

Na base da etiologia da histeria encontramos um evento de sexualidade passiva, uma experiência à qual alguém se submeteu com indiferença ou com um pequeno grau de aborrecimento ou medo. Na neurose obsessiva, trata-se, por outro lado, de um evento que proporcionou prazer, de um ato de agressão inspirado no desejo (no caso do menino) ou de um ato de participação nas relações sexuais acompanhado de gozo (no caso da menina) (FREUD, 1896a/2006, p. 154).

Há aqui a indicação de que as experiências traumáticas sofridas pelo obsessivo ocorrem muito cedo na vida e possuem especificidade: são experimentadas inicialmente de maneira passiva e em seguida de maneira ativa e com prazer – estas últimas sendo as mais importantes, por seu teor perverso e agressivo (GREEN, 2005). Nesse momento, a

noção de ativo e passivo está associada à ideia de seduzir ou de ser seduzido, respectivamente.

Freud (1896b) mantém na análise da neurose obsessiva um pano de fundo onde se encontra uma base histórica, de sedução passiva, uma vez que ele acredita que a agressividade sexual precoce implica sempre uma experiência anterior de ter sido seduzido. Ménéchal (2000) destaca que a neurose obsessiva é apresentada como tendo, em algum sentido, proximidade com a histeria, em função da experiência passiva, mas ao mesmo tempo diferenciando-se dela, pela presença de uma experiência ativa de teor perverso e agressivo.

A etiologia da neurose obsessiva, segundo Green (2005), apresenta-se de forma mais complexa em função da atividade e do prazer ligados às atividades sexuais de cunho agressivo experimentadas na infância. Como vimos, na neurose obsessiva encontramos prazer sexual de caráter pré-sexual (anterior ao encontro com a genitalização) produzido por uma experiência sexual ativa de cunho agressivo. Tal experiência, ao ser lembrada, gera intenso desprazer provocando a instauração de uma luta violenta entre o ego e as pulsões sexuais, exigindo um amadurecimento precoce da instância egoica. Laplanche (1987) destaca que a ideia de uma experiência ativa como fundamento da neurose obsessiva não será abandonada, mas será transposta para a noção de prematuridade do desenvolvimento do ego em relação à evolução da libido.

O amadurecimento precoce do ego é especialmente marcado pela convocação de uma hipermoralidade como recurso na luta contra o sexual. Em função disso, a cena sexual ativa e prazerosa passará a ser acompanhada de intensa autoacusações, a qual também será recalçada e retornará sob a forma de representações obsessivas. As autoacusações que a experiência traumática provoca terão papel importante para a instauração do que Freud chamou de luta precoce entre o sexual e seu domínio.

Num primeiro período – o período da imoralidade infantil – ocorrem os eventos que contêm o germe da neurose posterior. Antes de tudo, na mais tenra infância, temos as experiências de sedução sexual que mais tarde tornarão possível o recalçamento, e então sobrevêm os atos de agressão sexual contra o outro sexo, que aparecerão depois sob a forma de atos que envolvem auto-acusações. Este período é encerrado pelo advento da ‘maturação’ sexual, frequentemente precoce demais (FREUD, 1896b/2006, p. 169).

As autoacusações, que se ligam às lembranças prazerosas da experiência sexual ativa, associadas ao impacto da primeira experiência passiva, têm como resultado a intensificação do desprazer. Nesse ponto encontramos um aspecto importante, já que o

desprazer não decorre apenas das autoacusações que o sujeito dirige a si próprio, mas da coalescência entre estas últimas e o impacto da experiência mais inicial de natureza passiva, sendo essa combinação fundamental para o estabelecimento do recalque. É como se a cena de sedução passiva arrastasse para o inconsciente o segundo evento de caráter ativo.

O período inicial de imoralidade infantil termina com a maturação sexual prematura, em função da qual, através da moralidade, o ego passa a se opor à pulsão sexual. Encontramos na neurose obsessiva o amadurecimento precoce do eu e o recalque prematuro da pulsão sexual. É importante lembrar que a vergonha, o asco e a moralidade são diques usados contra a sexualidade ao longo do desenvolvimento; no caso da neurose obsessiva, porém, a moralidade é convocada precocemente e de forma exacerbada e isso acarretará consequências importantes para o funcionamento psíquico. O conflito intenso entre o ego e a pulsão na neurose obsessiva é percebido através da angústia moral, inicialmente pensada como angústia diante da consciência moral que, após a postulação da segunda tópica, será entendida como angústia diante do superego.

Green (2005) indica que essas experiências traumáticas singulares engendram uma construção defensiva também singular, marcada por um desenrolar temporal polifásico característico da neurose obsessiva, que indica uma tendência à multiplicação das defesas, à criação de novos sintomas, diferentemente da histeria. Isso torna a neurose obsessiva a mais típica das neuroses de defesa.

Em um primeiro período as autoacusações retornam à consciência como sentimento de culpa, sem conteúdo definido, e posteriormente multiplicam suas formas de chegar à consciência: angústia, vergonha, conscienciosidade excessiva. Isso conduzirá à produção dos sintomas secundários de defesa como as rumações obsessivas e os rituais. As autoacusações estão na base do circuito defensivo autopunitivo que encontramos na neurose obsessiva. São acompanhadas de violenta expectativa de punição (MAHONY, 1991).

Inicialmente, frente à reativação da experiência traumática e das autoacusações que provoca, encontramos um sintoma primário de defesa caracterizado por uma alteração do caráter, uma formação reativa: escrupulosidade, conscienciosidade, vergonha, etc. A segunda espécie de defesa caracteriza-se pelo retorno do recalcado, pelo fracasso da defesa primária; encontramos, assim, uma formação de compromisso entre as representações recalcadas e as representações recaladoras. A defesa trabalhará em sua ação de separar a ideia do afeto, substituindo uma ideia por outra. Neste caso,

um elemento contemporâneo toma o lugar de algo do passado, e um elemento de origem sexual é substituído por outro não sexual que seja equivalente, mas o estado afetivo de reprovação e desprazer continua presente. Os sintomas secundários de defesa, como os rituais obsessivos, caracterizam a última espécie de defesa, que visa rechaçar os derivados da representação recalçada, funcionando como medidas protetoras contra as representações e afetos obsessivos.

Essa construção defensiva polifásica evidencia a precariedade do recalçamento: a necessidade da construção de múltiplas formas de defesa, a necessidade de contrainvestimento constante. Em outras palavras, evidencia o quanto o domínio do pulsional é difícil. Além disso, “(...) a precocidade sexual dificulta o desejável domínio posterior da pulsão sexual pelas instâncias anímicas superiores, e aumenta o caráter compulsivo que, à parte, os substitutos psíquicos da pulsão reivindicam para si” (FREUD, 1905/2006, p. 227).

A construção de múltiplas defesas e a necessidade de contrainvestimento constante apontam para a dimensão compulsiva que caracteriza esta patologia. É a partir da análise dessa construção defensiva singular que Freud começará a atentar para essa força imperativa: a compulsão. Dessa forma, ganha relevo a dimensão compulsiva, aspecto central para a compreensão da neurose obsessiva.

1.2 Os primeiros rastros da compulsão

Zwangsneurose é o termo alemão usado por Freud para designar a neurose obsessiva. *Zwang* designa o constrangimento interno, uma força interna imperativa, a compulsão. Não foi sem razão que Freud usou essa designação que aponta para a característica fundamental desta patologia: o constrangimento interno, seja constrangimento a pensar – as obsessões; seja constrangimento a agir – as compulsões.

De origem inconsciente e difícil de controlar, esse constrangimento interno leva o sujeito a se colocar repetitivamente em situações que não fazem sentido para ele. O ego trava luta contínua para se libertar dessa força imperativa, embora seja constantemente compelido a obsessões ou a compulsões, pois a não realização dessas imposições é sentida como causadora de intenso aumento de angústia. Encontramos, por um lado, pressão constante que visa a satisfação pulsional que tem como resposta, por outro lado, um contrainvestimento constante. Portanto, encontramos o neurótico

obsessivo às voltas com o pulsional, procurando fazer frente a ele através da construção de um compulsivo aparato defensivo.

A primeira confrontação de Freud com a problemática da compulsão se deu a partir da análise dos sintomas obsessivos. Foram eles que lançaram o primeiro raio de luz sobre essa exigência severa, à qual o ego não pode se furtar. Segundo Assoun (1994), a neurose obsessiva é o solo sobre o qual a problemática da compulsão surge na teoria freudiana.

O *Zwang* que, de maneira inquestionável, a neurose obsessiva põe em relevo passou a interrogar a teoria freudiana, ao desvelar um aspecto do funcionamento psíquico até então ignorado. A compulsão surge diretamente ligada ao retorno do recaiado e ao sentimento de culpa, ou seja, ao ponto de vista da defesa como motor do conflito psíquico. Dessa forma, considera-se que sempre que uma compulsão neurótica ocorre no psíquico é do recaiamento que ela provém. É importante atentarmos para a causalidade psíquica do recaiamento, a qual insere a compulsão na dinâmica do conflito psicosssexual. Neste momento a análise de um comportamento compulsivo passa a remeter necessariamente ao exame de uma dinâmica subjacente, uma dinâmica ligada à sexualidade (ASSOUN, 1994).

Cabe ressaltar que estamos situados no contexto da primeira teoria do trauma. Neste período inicial do estudo da neurose obsessiva a compreensão freudiana da dinâmica sexual estava calcada na teoria da sedução. Essa teoria atribuía à lembrança de cenas reais de sedução o papel determinante na etiologia das neuroses. Freud acreditou, inicialmente, que essas cenas de sedução, relatadas por seus pacientes ao longo do tratamento, explicariam o recalque da sexualidade. Nessas cenas de cunho sexual, a iniciativa caberia sempre ao outro (na maioria das vezes um adulto) que submetia a criança em questão, que sofria passivamente.

Dizer que a cena de sedução é vivida passivamente não significa apenas que o sujeito tem um comportamento passivo nessa cena, mas ainda que a suporta sem que ela possa evocar nele qualquer resposta, sem que ela faça eco a representações sexuais: o estado de passividade é correlativo de uma não-preparação (LAPLANCHE & PONTALIS, 1982/2001, p. 470).

A sedução ganha destaque para se pensar a gênese do recalque. Freud procura mostrar a presença de cenas de sedução passiva na base tanto da histeria quanto da neurose obsessiva. Como destacamos, anteriormente, isso não compromete a distinção entre as duas patologias: ao contrário, enriquece a compreensão e, especialmente, da neurose obsessiva, indicava sua complexidade.

Neste momento, o trauma é concebido como acontecimento externo que se interioriza e fica dissociado da consciência; valorizava-se, nesta concepção, a realidade do fato desencadeador do traumatismo. O papel patogênico do trauma é situado na situação da infância, porém sua prematuridade faz com que suas consequências não se limitem a seu efeito imediato, mas que tenham papel importante no *a posteriori*, especialmente na puberdade. Neste caso, a lembrança do fato produz o efeito traumático. A lembrança parece, já nesta teoria, indicar a ideia de realidade psíquica, que será posteriormente atribuída à fantasia.

Há, portanto, complexificação da temporalidade traumática, que passa a ser pensada em dois tempos. No primeiro tempo, um acontecimento provoca impacto psíquico e, em um segundo tempo, depois de um hiato temporal, um acontecimento posterior, com poder evocativo do primeiro, faz com que o sintoma surja como um processo de defesa, para impedir a lembrança do primeiro acontecimento. O afluxo de excitação desencadeado pela lembrança ativa o processo defensivo que terá como objetivo recalá-la. O conceito de defesa inaugura a noção de conflito entre o ego e o núcleo inconsciente – o conflito passa a ser intrapsíquico.

Toda a ênfase das formulações desloca-se do externo para o interno, da exterioridade do acontecimento para a interioridade das fantasias, substituindo-se a realidade objetiva da cena da sedução traumática, pela realidade psíquica dos desejos e fantasias inconscientes (LEJARRAGA, 1996, p. 21).

A forma de pensar a dinâmica sexual subjacente à compulsão vai sofrendo modificações e sendo enriquecida. Freud renuncia à teoria da sedução a partir de 1897, passando a distinguir as fantasias de seus pacientes das lembranças reais e, com isso, abre espaço para a teoria da fantasia. “Freud descobre que as cenas de sedução são às vezes produto de reconstruções fantásticas, descoberta correlativa da elucidação progressiva da sexualidade infantil” (LAPLANCHE & PONTALIS, 1982/2001, p. 470).

A primeira teoria do trauma é modificada quando Freud passa a dar um valor maior para a noção de “realidade psíquica”, o que faz com que a fantasia ganhe estatuto de verdade, tirando o peso do fator externo. A descoberta e a progressiva elucidação da sexualidade infantil, bem como do complexo de Édipo, são fundamentais para essa mudança, pois questionam a factualidade acentuada dessa primeira teoria: as fantasias apoiam-se na sexualidade infantil, no substrato pulsional. Porém é importante destacar que Freud não deixou de considerar o valor patogênico das cenas de sedução efetivamente vividas pelas crianças, ou seja, a importância do acontecimento real na

gênese do trauma. A partir de 1920 esse aspecto ganhará novo fôlego ao ser trabalhado no escopo da segunda teoria do trauma.

A valorização da fantasia leva Freud a ver a sedução factual, em que a teoria anterior estava calcada, como constituinte. Segundo Ménéchal (2000), o caráter ativo do trauma na neurose obsessiva será o suporte privilegiado de uma teoria atualizada da sedução, que admite o lugar do trauma sexual infantil em sua articulação com a fantasia. A compreensão de Freud acerca da sexualidade infantil vai sendo enriquecida, o que conduz sua teoria a novos desdobramentos.

Em 1905 Freud introduzirá a noção de pulsão parcial procurando discernir os componentes da atividade sexual. Ele procura ligar tais componentes a fontes orgânicas, e definir suas metas específicas. Freud indica que as primeiras satisfações sexuais são experimentadas apoiando-se nas funções corporais necessárias à conservação da vida: as funções corporais fornecem à sexualidade uma zona erógena. Só posteriormente a necessidade de repetir a satisfação sexual irá separar-se da necessidade orgânica. Em outras palavras, a sexualidade somente se torna autônoma secundariamente. Portanto, as pulsões sexuais surgem apoiadas nas pulsões de autoconservação. Dessa forma, o primeiro dualismo pulsional é traçado: a oposição entre pulsões sexuais e pulsões de autoconservação. Neste momento, esta oposição passa a ser pensada como o cerne do conflito psíquico.

A sexualidade infantil aparece na teoria freudiana intimamente articulada aos cuidados dirigidos ao bebê pela mãe. É a partir da relação estabelecida com a mãe que a sexualidade infantil seguirá se delineando. Os cuidados corporais dispensados ao lactente pela mãe seriam a sedução sexual real, protótipo das fantasias posteriores, alicerce da realidade psíquica. Portanto na base das fantasias construídas acerca da realidade psíquica está o encontro do bebê com a sexualidade da mãe (LAPLANCHE, 1980/1987).

A ideia de passividade se mantém na teoria da fantasia, porém de forma complexificada. Pressupõe-se uma passividade do sujeito diante das exigências pulsionais inconscientes, que vêm da alteridade interna a ele, constituída a partir da interiorização ou da incorporação de traços do objeto e levando à produção fantasmática como resposta (LAPLANCHE & PONTALIS, 2001).

Com a valorização da realidade psíquica, Freud ressitua a gênese da neurose na realidade dos desejos e das fantasias inconscientes. Assim, o que é recalcado são desejos sexuais infantis. Na neurose obsessiva, como veremos, o recalçamento desses

desejos é frágil, o que tem íntima relação com a dimensão compulsiva dessa patologia. Esta dimensão está diretamente ligada aos desdobramentos da sexualidade infantil, à relação que o obsessivo estabeleceu com a figura materna, e aparece de forma preponderante nos rituais obsessivos, como procuraremos mostrar a seguir.

1.3 Os cerimoniais compulsivos: avatares da culpa e do castigo

Em 1907, Freud escreve “Atos obsessivos e práticas religiosas”, texto no qual encontramos um maior detalhamento de um dos polos sintomáticos da neurose obsessiva: os rituais obsessivos ou atos compulsivos. Neste texto, o autor indica a proximidade entre os atos obsessivos e as práticas através das quais os crentes expressam sua devoção. Os rituais obsessivos têm como característica principal o fato de obedecer a leis desconhecidas que regulam o que é permitido e o que fica proibido. Segundo Freud, “(...) uma das condições da doença é o fato de que a pessoa que obedece a uma compulsão, o faz sem compreender-lhe o sentido – ou, pelo menos, o sentido principal” (FREUD, 1907/2006, p. 113).

Ferraz (2005) destaca que “Na neurose obsessiva os sintomas – ações obsessivas – são, assim, uma formação cujo objetivo é conciliar moções pulsionais antagônicas, vividas como forças que induzem a atos contraditórios” (p. 127). A força da pulsão recalcada é vivida, portanto, como uma tentação perigosa, contra a qual o ego deve defender-se, cercar-se de medidas de proteção, como os cerimoniais neuróticos. Freud indica que

O processo de repressão que acarreta a neurose obsessiva deve ser considerado como um processo que só obtém êxito parcial, estando constantemente sob ameaça de um fracasso. Podemos, pois, compará-lo a um conflito interminável; reiterados esforços psíquicos são necessários para contrabalançar a pressão constante do instinto (FREUD, 1907/2006, p. 114).

Logo, o ego está constantemente sob a ameaça do fracasso do recalque, o que exige esforço constante para impedir tal emergência, para combater a angústia, provocando grande dispêndio de energia. As medidas de proteção podem tornar-se insuficientes contra a tentação; surgem, então, as proibições, visando manter à distância situações que possam originar tentações. “Sob esse aspecto a neurose obsessiva parece uma caricatura, ao mesmo tempo cômica e triste, de uma religião particular” (FREUD, 1907/2006, p.111). Dessa forma, na neurose obsessiva o trabalho do recalque se

prolonga numa luta estéril e interminável, na qual os cerimoniais compulsivos têm papel fundamental.

Os cerimoniais neuróticos consistem, à primeira vista, em meras formalidades destituídas de sentido. Porém, são sempre executados como se o sujeito tivesse de obedecer a certas leis secretas que não podem ser desrespeitadas, pois isso causa intensa angústia. A angústia está ligada à expectativa de punição que assola o obsessivo, e que adviria do sentimento inconsciente de culpa.

Podemos dizer que aquele que sofre de compulsões e proibições comporta-se como se estivesse dominado por um sentimento de culpa, do qual, entretanto, nada sabe, de modo que podemos denominá-lo de sentimento inconsciente de culpa, apesar da aparente contradição dos termos (FREUD, 1907/2006, p. 113).

Os rituais e cerimoniais obsessivos surgem como proteção contra essa punição esperada. O sentimento inconsciente de culpa, através da expectativa de punição, instaura um circuito autopunitivo que deixa o obsessivo submetido aos imperativos de sua religião particular.

Neste ponto surge a questão: qual é a origem do sentimento de culpa na neurose obsessiva? Avançando na apresentação das ideias freudianas, procuraremos encaminhar essa questão.

1.4 Regressão à organização sádico-anal

Em seu mais famoso estudo de caso acerca da neurose obsessiva, “O Homem dos Ratos” (1909), a atitude de Freud quanto à neurose obsessiva modifica-se. Percebemos sua constatação da complexidade de tal patologia até então pouco considerada. Nesse estudo, Freud indica que o ponto nodal do conflito obsessivo é um desejo agressivo, o desejo de morte dirigido a um objeto amoroso (LAPLANCHE, 1980/1987). Este desejo está ligado à regressão à organização sádico-anal, que provoca a transformação das pulsões sexuais dirigidas ao objeto em agressividade, em ódio. A oposição precoce entre amor e ódio ganha destaque aqui, indicando o papel fundamental que o conflito ambivalente terá nesta patologia – detalharemos melhor esse aspecto mais à frente.

O desejo de morte dirigido ao pai está no cerne da problemática do homem dos ratos, especialmente o intenso sentimento de culpa que tal desejo engendra. Primeiramente tal desejo surge como uma lembrança da infância:

Aos doze anos de idade, gostava de uma menina, irmã de um colega. Mas ela não era tão carinhosa com ele quanto ele teria desejado. Ocorreu-lhe então a ideia de que, se

sucedesse alguma desgraça a ele, a menina o trataria com mais afeto; o pensamento de que a morte de seu pai poderia ser essa desgraça se impôs para ele. Descartou imediatamente e energicamente tal pensamento (FREUD, 1909/2006, p. 159).

A ocorrência de uma desgraça – morte do pai – é vista pelo homem dos ratos como o que possibilitaria que a menina dirigisse a ele maior afeição. Porém, diante das indicações de Freud, o homem dos ratos defende-se da possibilidade de tratar-se de um desejo, declara que se trata apenas de associação de ideias. Freud insiste argumentando que, caso fosse uma simples associação de ideias, não haveria razão para ele defender-se de maneira tão intensa. O paciente declara que se defendeu do conteúdo da representação em questão. Nesse momento, Freud segue o caminho da argumentação racional, procurando atingir o inconsciente do paciente, mas logo percebe que este caminho não será produtivo.

Em seguida, o paciente lembra-se de outro momento em que teve um pensamento semelhante ao anterior, dessa vez relacionado com a dama da qual estava enamorado.

Ocorrera-lhe, então, a ideia de que a morte de seu pai poderia torná-lo rico o suficiente para desposá-la. Defendendo-se dessa ideia ele estivera a ponto de desejar que seu pai não lhe deixasse absolutamente nada, de modo que ele não pudesse ter compensação alguma pela sua terrível perda. A mesma ideia, ainda que de forma muito mais amena, lhe adviera pela terceira vez, no dia anterior à morte de seu pai. Ele pensara: ‘Agora posso estar perdendo o que mais amo’; e então viera a contradição: ‘Não, existe alguém mais, cuja perda seria bem mais penosa para você.’ Esses pensamentos surpreenderam-no muito, de vez que ele estava bem seguro de que a morte de seu pai jamais poderia ter sido objeto de seu desejo, mas apenas de seu medo (FREUD, 1909/2006, p. 159/160).

O medo a que se refere o homem dos ratos não se trata de um afeto de temor, mas de um afeto de censura, de autoacusação, sinalizando que o desejo presente em seu pensamento é fortemente combatido. Freud põe em evidência aqui as autoacusações como vetores do desejo (LAPLANCHE, 1980/1987).

O fato de algo ser fantasiado por alguém coloca esse alguém na posição de atividade, em posição sádica. O fato de pensar na morte do pai coloca o homem dos ratos em posição de organizar essa morte. O combate a esse desejo é feito através das violentas autoacusações. Elas estão intimamente articuladas às fantasias sádico-anais.

É por meio da noção de regressão que Freud (1909/2006) compreende a importância das fantasias sádicas próprias à organização sádico-anal na neurose obsessiva. A libido confrontada com o conflito edipiano, em função da intensidade dos desejos incestuosos, regride à organização sádico-anal. Numa regressão dupla do objeto e da libido, o sujeito passa a buscar os objetos e os objetivos que caracterizam essa

organização. Não se trata de uma regressão tópica, operada pelo ego, mas de uma regressão no tocante à organização libidinal, acionada defensivamente. Porém, as satisfações libidinais ligadas a ela tornam-se inaceitáveis para o ego, que as recalca.

Na organização sádico-anal o que predomina não é a oposição entre masculino e feminino, mas a oposição entre ativo e passivo. A passividade está ligada ao erotismo anal e a atividade à pulsão de domínio. A ação desta última determinará o modo de relação estabelecido com o outro externo, marcado pela busca de domínio, pela oposição entre ativo e passivo. Este aspecto será desenvolvido de forma detalhada no segundo capítulo.

É fundamental atentarmos para o papel da organização genital, da problemática edipiana, que não desaparece com a regressão à organização sádico-anal. Como destaca Green (2005), a regressão nos faz ouvir a linguagem da genitalidade na transcrição sádico-anal. Não há um desligamento definitivo dos objetos incestuosos. A problemática edipiana segue infiltrada na lógica sádico-anal. Na neurose obsessiva, a regressão à organização sádico-anal indica coalescência entre a problemática genital e a problemática sádico-anal: os desejos incestuosos agem disfarçados através dos desejos sádico-anais. O embate estabelece-se, portanto, entre o ego e os desejos incestuosos disfarçados em desejos agressivos, em desejos sádico-anais, ou seja, a problemática edipiana passa a comandar a lógica sádico-anal.

Neste contexto, a identificação edipiana, a interiorização da lei, realiza-se de forma frágil. “Tudo se passa como se na neurose obsessiva esse empréstimo, que fornece à interdição a energia necessária de seu funcionamento, devesse ser indefinidamente renovado” (GREEN, 2005, p. 227). Isso indica que a interdição é frágil e está constantemente sob ameaça de fracassar. A força das medidas defensivas e a energia que o obsessivo precisa despender para que a interdição não fracasse, evidencia essa ameaça. É o complexo de Édipo em sua configuração completa que possibilita o encaminhamento da problemática da ambivalência e da dimensão bissexual da ligação ao outro; na neurose obsessiva a regressão diante do complexo de Édipo prejudica de forma importante o encaminhamento dessas problemáticas.

As autoacusações obsessivas estão ligadas ao retorno das representações recalçadas, dirigem-se a impulsos censuráveis que foram recalçados, impulsos ligados a satisfações sádico-anais, a desejos hostis dirigidos ao objeto – que trazem subjacentes desejos incestuosos –, os quais foram separados da carga afetiva, que continua atuando na consciência. O afeto se desloca de uma representação à outra, sob a forma de

angústia. Esse é um dos aspectos fundamentais para a compreensão da neurose obsessiva: angústia gerada pela exigência pulsional.

Laplanche (1980/1987) destaca que é justamente na tentativa de conter essa angústia que o ego lança mão de uma defesa com conotação moral, especialmente através da culpabilidade, das ferozes autoacusações. O sentimento de culpa está intimamente ligado aos desejos incestuosos que, em função da regressão à organização sádico-anal, transformam-se em desejos agressivos, desejos de morte dirigidos ao objeto. A autopunição obsessiva indica a satisfação das tendências do sadismo e do ódio relacionadas ao objeto, e que então retornam sobre o próprio eu.

Percebemos, então, que na neurose obsessiva a pulsão não só é recalcada, como é revertida em seu oposto e retornada em direção ao próprio eu; o amor transforma-se em ódio e a atividade sádica, inicialmente orientada para o objeto, passa a dirigir-se ao próprio eu. Freud (1915) caracteriza esses dois modos de defesa contra o pulsional como sendo arcaicos, pouco elaborados, normalmente presentes no início da vida psíquica. Esse aspecto, aliado à ameaça constante de fracasso do recalque, nos conduz a pensar, por um lado, em uma fragilidade egoica diante do pulsional, em sua impossibilidade de estabelecer modos de defesa mais elaborados e bem-sucedidos e, por outro lado, na força violenta do pulsional que encontramos em ação na neurose obsessiva.

Buscando enriquecer nossa compreensão acerca desses modos arcaicos de defesa contra o pulsional, retomaremos a seguir algumas ideias propostas por Freud (1915) no texto “Os instintos e suas vicissitudes”.

1.5 Defesas Arcaicas e império da dúvida

A reversão no oposto, segundo Freud, pode ser encontrada em dois processos diferentes: na mudança da atividade para a passividade e na reversão de seu conteúdo. O primeiro atinge apenas a finalidade da pulsão: uma finalidade ativa é substituída por uma finalidade passiva. A reversão de conteúdo encontra-se apenas na transformação do amor em ódio.

Freud (1915) nos alerta quanto a que o retorno em direção ao próprio eu e a transformação da atividade em passividade convergem ou coincidem, porém, o segundo caso pode ter uma variação: o eu pode estar passivo diante do pulsional ou diante de outra pessoa. O autor usa o exemplo do par sadismo/masoquismo para tornar essa ideia

mais clara. O sadismo implica o exercício da violência sobre outra pessoa tida como objeto. Em um segundo tempo, esse objeto é abandonado e substituído pelo eu. Neste momento já ocorre uma mudança de uma finalidade ativa para uma passiva. E em um terceiro momento outra pessoa é procurada como objeto, devendo agora exercer o papel de sujeito (agente), em função da modificação da finalidade pulsional. Esse terceiro momento é o que, segundo Freud, caracteriza o masoquismo.

Freud, referindo-se à neurose obsessiva, destaca: “Ali existe um retorno em direção ao eu do sujeito sem uma atitude de passividade para com outra pessoa. O desejo de torturar transforma-se em autotortura e autopunição, não em masoquismo” (FREUD, 1915/2006, p. 133). Logo, na neurose obsessiva a modificação só vai até o segundo momento; a posição passiva não é adotada diante de outra pessoa, porém o ego permanece passivo diante do pulsional.

Dessa forma, o sadismo que foi recalcado, anteriormente dirigido ao objeto, segue sua ação no inconsciente sob a forma de ódio que retorna sobre o eu. O eu permanece passivo diante das pulsões sádicas e tenta sair dessa posição passiva através de formações reativas, mas seu esforço não alcança êxito, e muitas vezes, intensifica as autopunições.

O amor não conseguiu extinguir o ódio, mas apenas reprimi-lo no inconsciente; e no inconsciente o ódio, protegido do perigo de ser destruído pelas operações do consciente, é capaz de persistir e, até mesmo, de crescer. Em tais circunstâncias, o amor consciente alcança, via de regra, mediante uma reação, um sobremodo elevado grau de intensidade, de maneira a ficar suficientemente forte para a eterna tarefa de manter sob repressão seu oponente (FREUD, 1909/2006, p. 207).

Estabelece-se assim intenso conflito entre os sentimentos conscientes de afeição que ficam exacerbados em função de tornar-se reativos e, por outro lado, o sadismo persiste no inconsciente sob a forma de ódio. Estamos no cerne do intenso conflito de ambivalência que encontramos nesta patologia. Uma das consequências do recalque do sadismo é a intensificação da ambivalência, o estabelecimento de violento combate entre amor e ódio. O ego passa a ser o campo de batalha onde esse combate acontece. Isso compromete a capacidade de decisão, o que deixa o obsessivo abandonado ao império da dúvida, à paralisia do pensamento (MÉNÉCHAL, 2000). Amor e ódio são dirigidos ao mesmo objeto, provocando um embate que impede uma escolha, que impede a ação.

Se a um amor intenso se opõe um ódio de força quase equivalente e que, ao mesmo tempo, esteja inseparavelmente vinculado a ele, as consequências imediatas serão certamente uma paralisia parcial da vontade e uma incapacidade de se chegar a uma

decisão a respeito de qualquer uma das ações para as quais o amor deve suprir a força motivadora. Essa indecisão, todavia, não se restringirá, por tanto tempo, a um mero grupo de ações. A paralisia de seus poderes de decisão vai-se gradualmente estendendo por todo o terreno do comportamento do paciente (FREUD, 1909/2006, p. 208).

Uma das formas que a dúvida adquire é a indecisão que se apodera do obsessivo a cada intenção de agir e somente o agir compulsivo rompe esse domínio. Segundo Freud (1909), a compulsão é a única forma de fazer frente ao império da dúvida. Porém, o rompimento desse domínio é ainda parcial, uma vez que na maioria das vezes os atos compulsivos ocorrem em dois tempos, sendo o primeiro anulado pelo segundo. Assim, a ação é ao mesmo tempo redobrada e anulada: repetir é ao mesmo tempo insistir e anular a primeira vez. Instaura-se uma lógica de anulação retroativa pela reiteração. Isso evidencia que o domínio da ambivalência permanece; evidencia, em outras palavras, que o combate entre amor e ódio segue de forma irreduzível.

Sua real significação [dos atos obsessivos em dois tempos], contudo, reside no fato de serem eles representação de um conflito entre dois impulsos opostos de força aproximadamente igual; e, até agora, tenho achado, invariavelmente, que esta se trata de uma oposição entre o amor e o ódio (FREUD, 1909/2006, p. 169).

Portanto, o conflito entre amor e ódio torna-se elemento fundamental para a compreensão da montagem psíquica subjacente à neurose obsessiva. Esse conflito está na base das autoacusações obsessivas, aparecendo de forma emblemática nos cerimoniais compulsivos.

Na dinâmica obsessiva predominam as formações reativas aos desejos hostis dirigidos ao objeto. Em outras palavras, o que predomina é a oposição ao desejo recalcado e a constituição de uma reação contra ele, um contrainvestimento de um elemento consciente, de força igual e de direção oposta ao investimento inconsciente. A formação reativa permite excluir da consciência a representação sexual e o sentimento de reprovação ligado a ela, e o substitui por uma virtude moral excessiva. Esta forma de defesa promove alterações no eu, que se tornam traços de caráter, o que nos conduz a pensá-la como defesa de grande importância para a estruturação da neurose obsessiva.

A dinâmica obsessiva se organiza em torno do ódio e dos desejos hostis recalcados. Segundo Ménéchal (2000), a neurose obsessiva põe em evidência o lugar prioritário que o ódio ocupa na constituição subjetiva e, também, sua importância para o nascimento da moral. O ódio e a agressividade ganham a cena nesta patologia e engendram uma dinâmica destrutiva, violenta, conduzindo a atenção de Freud para um aspecto até então desconhecido: o aspecto destrutivo do pulsional. Sabemos que esse

aspecto será efetivamente apreendido e teorizado por Freud a partir de 1920, com a postulação da segunda teoria das pulsões (FREUD, 1920).

A complexidade da neurose obsessiva começa a ser desvelada, e a desvelar também a complexidade do pulsional, sua dimensão destrutiva. A violência da pulsão é revelada na neurose obsessiva através da multiplicação das medidas defensivas adotadas, ou seja, através do violento circuito autopunitivo no qual o obsessivo permanece aprisionado. A problemática da dívida desempenha papel de fundamental importância no circuito autopunitivo.

1.6 A dívida impossível de saldar

Um dos aspectos intimamente relacionados à problemática moral que ganha destaque na análise do caso do homem dos ratos é o da dívida, dívida impossível de saldar. Este aspecto pode ser percebido de forma preponderante quando Freud aborda a grande apreensão obsessiva – cerne do violento circuito autopunitivo que o paciente se impõe.

O homem dos ratos apresentou-se a Freud com a queixa de obsessões desde sua infância, mas que haviam se intensificado nos últimos quatro anos. A denominação dada por Freud ao paciente deve-se a uma terrível apreensão que o torturava de maneira violenta: que o suplício dos ratos fosse aplicado ao pai e à mulher que amava.

O suplício dos ratos constituía-se em uma forma de tortura oriental, da qual o homem dos ratos tomou conhecimento por meio de histórias contadas por um de seus superiores, por ele denominado “capitão cruel”. Essa tortura consistia em que o prisioneiro ficasse sentado nu, amarrado sobre um recipiente contendo ratos, que penetrariam em seu ânus. Tal pensamento passou a invadir sua mente sem que ele fosse capaz de evitá-lo. Cabe destacar que seu pai já havia morrido havia nove anos.

Esta terrível apreensão que atormentava o homem dos ratos está ligada à dívida que se tornara impossível de saldar, dívida relacionada ao desejo de morte que ele dirige ao pai. Essa problemática aparece de forma preponderante na construção sintomática do homem dos ratos.

O homem dos ratos perdera seu *lorgnon* e solicitara o envio de outro. O envio fora feito pelo correio, e ele precisava reembolsar a pessoa que o enviara. Em um primeiro momento supôs que esta pessoa tivesse sido o tenente A. Neste momento formou-se nele uma sanção: não devolver o dinheiro ao tenente A, se não o suplício dos

ratos se realizará no seu pai e na mulher amada. Em seguida, para combater tal sanção surgiu um comando, um imperativo: você terá que pagar o tenente A.

Instaura-se uma lógica imperativa contraditória, que passa a atormentá-lo: formula o juramento de devolver o dinheiro ao tenente A e, ao mesmo tempo, se o devolver, a tortura dos ratos acontecerá ao seu pai e à mulher amada. A característica principal desta injunção contraditória é que o sentimento de culpa se faz presente de qualquer forma, na ordem e na contraordem, tornando-se um sentimento categórico, absoluto: “Seja como for, és culpado”.

Além disso, há uma contradição no centro desta lógica, pois mais tarde o homem dos ratos descobre (alguns elementos nos levam a crer que ele já o soubesse desde o início, mas o ignorou) que não foi o tenente A, mas o tenente B que lhe enviou o *lorgnon*, porém quem pagara o envio tinha sido a funcionária da agência dos correios. O juramento torna-se assim impossível de ser mantido. O imperativo que se formou, segundo o qual o homem dos ratos deveria pagar a dívida ao tenente A, torna a dívida insolúvel e perpetua a autotortura, a culpa categórica. “Portanto, um circuito de dívida extremamente complexo, dívida inextricável e dívida impossível de saldar, dado que a obrigação é restituir o dinheiro a uma pessoa que não foi aquela que efetivamente o desembolsou” (LAPLANCHE, 1980/1987, p. 269). Desta forma, a dívida não poderia ser saldada, o que em sua construção fantasmática determinava que o suplício dos ratos ocorreria ao pai e à dama.

O cenário da dívida desdobra-se em diversas facetas. O pai do homem dos ratos, um “rato de jogo”, perdera uma pequena soma de dinheiro, sendo que para saldar essa dívida precisou da ajuda de um de seus amigos, transferindo a dívida para ele – dívida que nunca foi quitada. Além disso, o pai do homem dos ratos casou-se por dinheiro, abandonando a dama pobre que amava para casar-se com uma dama rica, para realizar um casamento de aparência. Uma união por dinheiro, da qual nasceu o paciente. Segundo Laplanche (1980/1987), a dívida familiar se entrelaça ao circuito da dívida que aparece no sintoma através da lógica anal, dos objetos anais, dos ratos, do dinheiro. A equivalência simbólica entre ratos e dinheiro aparece também no tratamento – para pensar no valor das sessões, o homem dos ratos usava a seguinte comparação: “tantos florins, tantos ratos.” O circuito sádico-anal, dos objetos parciais, perpassa várias dimensões da vida do homem dos ratos.

Por fim, Freud descobre que há mais uma equivalência simbólica para os ratos, e a mais importante para o processo analítico: crianças. Isso possibilitou que outras

lembranças da infância pudessem ser lembradas pelo paciente: lembranças de momentos da infância em que era tomado pelo ódio, mordida outras pessoas e era terrivelmente punido por isso. Freud percebe a identificação do paciente com um rato, rato que morde, rato que penetra, rato que provoca o sofrimento e a satisfação; rato que é o personagem principal do circuito autopunitivo.

O homem dos ratos assume o papel de carrasco de si mesmo, engendrando um circuito autopunitivo cujo rompimento torna-se impossível, pois em sua base encontramos uma dívida insolúvel. Isso evidencia de forma exemplar como todo o aparato defensivo do qual o obsessivo lança mão está a serviço da autopunição; o obsessivo faz dos sintomas uma máquina de tortura, como indica Laplanche (1980/1987).

O homem dos ratos, autor da fantasia, identifica-se tanto com a pessoa que sofre o suplício dos ratos, quanto com o rato que o inflige. Estamos diante de uma organização marcada pela lógica sádico-anal, em que o rato representa o objeto anal e é protagonista de um roteiro sadomasoquista. Estabelece-se uma lógica extremamente torturante e imobilizadora, marcada pela dialética entre atividade e passividade. É uma lógica de tortura, sexual, que organiza o cenário da dívida. Este cenário pode ser percebido especialmente na organização sintomática construída pelo homem dos ratos. Como destaca Laplanche (1980/1987), trata-se de uma punição, mas que traz subjacente uma dimensão de intensa satisfação, ignorada pelo homem dos ratos.

Como vimos, na neurose obsessiva, os desejos sádico-anais são comandados pela lógica edipiana, incestuosa. Além da dimensão autopunitiva que a organização sintomática evidencia, encontramos também uma dimensão de grande satisfação ligada à realização deslocada dos desejos incestuosos. Portanto, punição e satisfação aparecem articuladas no circuito autopunitivo que o obsessivo constrói. Detalharemos melhor essa articulação a seguir.

1.7 A proibição do toque

Articulada ao desejo agressivo dirigido ao objeto e à dívida impossível de saldar, Freud indica a proibição de contato com o objeto de desejo como sendo outro aspecto fundamental para compreendermos a dinâmica obsessiva. Estamos diante de outro matiz da problemática da ambivalência, que acreditamos poder nos indicar novos elementos para nossa investigação acerca da origem do sentimento de culpa.

Em “Totem e Tabu”, Freud (1913a), partindo de uma análise antropológica, indicará o tabu de tocar – a proibição do toque, do contato com o objeto de desejo – como aspecto fundamental na problemática obsessiva. O autor indica a neurose obsessiva como uma “doença do tabu”, já que tais neuróticos criam para si mesmos proibições que vão gradativamente reduzindo sua possibilidade de ação. Como destaca Couvreur (2003), esse tabu é erigido visando evitar que o desejo agressivo dirigido ao objeto seja satisfeito, pois o toque e o contato físico são a finalidade imediata dos investimentos objetivos tanto agressivos quanto amorosos. Portanto o “tabu de tocar” está intimamente relacionado à regressão do ato ao pensamento. O tabu é uma forma de proibição que impede o ato, impede o contato com o objeto.

A proibição do contato não se restringe apenas ao âmbito físico, mas estende-se ao âmbito psíquico, aplicando-se a tudo que põe os pensamentos em contato com o objeto interdito. Além disso, é necessário manter separados, sem comunicação, o desejo e sua proibição (COUVREUR, 2003). Esse isolamento atinge seu objetivo através de proibições. Estas se estendem de um objeto a outro por qualquer caminho, através do deslocamento do afeto, o que pode restringir significativamente o contato com o mundo externo.

Dessa forma, as ações do obsessivo tornam-se cada vez mais restritas, restringindo também as possibilidades de satisfação, que podem ficar reduzidas aos sintomas. Embora o esforço das proibições seja o de manter separados o desejo e seu objeto (um esforço para evitar a satisfação), elas acabam por unir a defesa contra o desejo e sua satisfação – temos que atentar que se trata aqui de uma satisfação substitutiva. Isso ocorre especialmente nos rituais compulsivos.

A ação obsessiva é aparentemente um ato de defesa contra o ato proibido, mas, realmente, a nosso ver, é uma repetição deste. É uma lei da neurose que esses atos obsessivos se coloquem, mais e mais, a serviço do desejo e se aproximem, cada vez mais, da ação primitivamente proibida (FREUD, 1913a/2006, p. 48).

O ato obsessivo além de revelar o intenso conflito entre amor e ódio, como vimos, revela também um intenso conflito entre o desejo e sua proibição. Este aspecto desvela, como já havíamos mencionado, outra faceta da ambivalência à qual este ato está submetido, um imperativo que conduz à ação, que obriga de forma implacável, mas ao mesmo tempo restringe, limita. Esse é o cerne da compulsão: defesa contra a tentação, de um perigo ligado a uma satisfação ilícita, e medida de proteção contra o risco futuro de uma punição ou de uma “desgraça”.

Em 1918 Freud publicou a “História de uma neurose infantil”, estudo clínico sobre um caso de neurose obsessiva, escrito no final de 1914, após a conclusão do tratamento do paciente por ele denominado “Homem dos lobos”, o russo Sergei Pankejeff. Neste estudo clínico, Freud procura destacar o papel determinante das experiências sexuais vividas na infância.

O Homem dos lobos tornou-se um dos casos clínicos mais famosos e revisitados da teoria freudiana. Um dos aspectos que mais mobiliza inúmeros psicanalistas a revisitá-lo é a questão diagnóstica. A posição freudiana de o considerar como um caso de neurose obsessiva é questionada por alguns teóricos. Não pretendemos adentrar esta discussão acerca da divergência diagnóstica, pois isso nos afastaria de nossos objetivos, uma vez que demandaria extensa e detalhada análise do caso e das posições divergentes. Pretendemos destacar elementos deste caso que estão intimamente articulados aos aspectos da reflexão freudiana acerca da neurose obsessiva, que estamos procurando colocar em relevo.

A análise do caso do Homem dos lobos esteve voltada preponderantemente para o sonho com lobos, que o paciente teve aos quatro anos de idade.

Sonhei que era noite e que eu estava deitado na cama. (Meu leito tem o pé da cama voltado para a janela: em frente da janela havia uma fileira de velhas nogueiras. Sei que era inverno quando tive o sonho, e de noite.) De repente, a janela abriu-se sozinha e fiquei aterrorizado ao ver que alguns lobos brancos estavam sentados na grande nogueira em frente à janela. Havia seis ou sete deles. Os lobos eram muito brancos e pareciam-se mais com raposas ou cães pastores, pois tinham caudas grandes, como as raposas, e orelhas empinadas, como cães quando prestam atenção a algo. Com grande terror, evidentemente de ser comido pelos lobos, gritei e acordei (FREUD, 1918/2006, p. 41).

Freud (1918/2006) considerava que as causas da neurose infantil do paciente estavam ocultas no relato deste sonho. A busca pela compreensão deste sonho perpassou todo período da análise do paciente, mas segundo Freud, somente nos últimos meses de sua análise foi possível compreendê-lo completamente. Depois de analisar detalhadamente cada elemento presente no sonho, Freud (1918/2006) concluiu que o sonho representava a observação do coito *a tergo* (por trás) dos pais, indicando a revivescência da cena primária. O autor destaca que a ativação desta cena teve vários efeitos sobre a vida do paciente. Dentre estes, colocou-o sob a influência do reconhecimento do perigo de castração, desencadeando intensa angústia. Portanto, encontramos neste sonho dois aspectos intimamente articulados: a cena primária e o perigo de castração.

A análise do sonho revelou o desejo que o menino dirigia ao pai, desejo de obter uma satisfação sexual do mesmo modo que sua mãe obteve, porém esse aspecto foi recalcado e em seu lugar surgiu o medo do pai, sob a forma de uma fobia de lobos. O lobo representa uma ameaça simbólica da ameaça de castração e é identificado ao pai. Essa identificação do pai ao castrador tornou-se fonte de intensa hostilidade inconsciente contra ele, expressa por um desejo de morte dirigido ao pai e pela intensa culpabilidade que tal desejo engendrava.

Laplanche (1988) nos adverte que o lobo é também um animal devorador, o que põe em evidência a complexidade da ameaça que tal figura representa. O autor questiona se a angústia causada pelo sonho estaria referida apenas ao perigo de castração ou se também implicaria o perigo de ser devorado, o perigo de aniquilamento.

No capítulo VI deste texto, intitulado “A neurose obsessiva” Freud descreve as condições nas quais apareceram os sintomas obsessivos do paciente aos quatro anos e meio. Associado a fobia de lobos, o paciente passou por um período de grande irritabilidade e angústia; então, sua mãe resolveu ensinar-lhe histórias religiosas, com a esperança de distraí-lo e de educar sua alma. Freud (1918) relata que a mãe alcançou seu intento, a irritabilidade e a angústia sumiram, porém foram substituídas por sintomas obsessivos.

Tais sintomas obsessivos caracterizavam-se por extrema devoção religiosa acompanhada por blasfêmias inspiradas no diabo. Até então o menino não conseguia conciliar o sono facilmente porque tinha medo de ter maus sonhos, como o sonho com os lobos que tivera anteriormente. Durante a noite realizava rezas ritualizadas antes de dormir, uma série infundável de sinais da cruz e, durante a tarde tinha que passar por todas as imagens sagradas da casa com o objetivo de beijá-las. Esses rituais possibilitavam que ele dormisse, pois acreditava que o protegiam dos sonhos temidos.

A devoção tornou-se a força dominante na vida do menino. Concomitante a todos esses cerimoniais de devoção, ocorriam-lhe à mente, incessantemente, pensamentos do tipo “Deus-suíno”, “Deus-merda”. Ao longo de uma viagem, ao avistar três montes de esterco ou de qualquer outro excremento era atormentado pela obsessão de ter que pensar na santíssima trindade (FREUD, 1918/2006). Esses pensamentos compulsivos que o atormentavam são expressões da ambivalência, da ação de moções pulsionais opostas, que o conduziam a atos e pensamentos antagônicos, o que indica a intensa ambivalência que caracteriza esta patologia.

O principal aspecto que queremos destacar deste relato clínico é a utilização dos rituais e pensamentos obsessivos como recursos defensivos contra a angústia. Em consonância, com a posição de Laplanche (1988), nos questionamos se a angústia da qual o obsessivo se defende estaria referida somente à problemática da castração, à problemática edipiana. Acreditamos que o caráter compulsivo e violento de tais rituais nos indica a complexidade desta questão.

A compulsão representa a irrupção de uma pulsão recalcada inaceitável, que passa a dirigir-se a um objeto substituto, uma vez que a satisfação pulsional foi barrada no nível do objeto adequado. A compulsão é, portanto, uma forma de, em uma mesma ação, não repetir o ato proibido e praticá-lo. Por um lado, o ato compulsivo é uma homenagem à onipotência, mas por outro ele parece mascarar um vivido de impotência de caráter mais fundamental.

O ato obsessivo conjuga, assim, o desejo e sua proibição, porém a dimensão de proibição aparece já como punição pela satisfação obtida, como punição por seu descumprimento; em outras palavras, a dimensão de proibição se faz presente por seu negativo. O ato obsessivo parece ser um ato destinado a agir pela culpa. Dessa forma, ao mesmo tempo em que a neurose obsessiva vai iluminando a problemática da compulsão, esta última vai iluminando a neurose obsessiva, permitindo o enriquecimento de sua compreensão, revelando sua complexidade.

O sentimento de culpa e a autopunição, formas de a proibição se manifestar na neurose obsessiva, nos parecem indicar a realização do desejo proibido mas, como vimos, a proibição sob a forma de “tabu de tocar” vem justamente impedir isso. Tendo isso em vista, surge a questão: como explicar essa dinâmica psíquica dominada pelo sentimento de culpa e pela autopunição?

Acreditamos que outros aspectos apresentados por Freud em 1913 possam nos ajudar na continuidade de nossa investigação.

1.8 Regressão do ato ao pensamento: um crime cometido

O obsessivo acredita que seus pensamentos inevitavelmente se tornarão realidade, ou seja, o pensamento é logo considerado suscetível de se realizar pelo simples fato de ter sido pensado. A onipotência é a característica principal do pensamento obsessivo. A noção de onipotência do pensamento refere-se a um estado infantil mítico no qual bastaria a criança pensar para que logo seu desejo se realizasse.

Acreditamos que o sentimento de onipotência que caracteriza a neurose obsessiva tenha tido papel importante nas reflexões freudianas que o conduziram à construção do conceito de narcisismo, uma vez que a onipotência do pensamento é indicada por Freud como a característica principal do narcisismo primário, do momento de revivescência do narcisismo dos pais que atribuem ao bebê todas as perfeições, concedendo-lhe privilégios que eles foram obrigados a abandonar. Neste momento, o bebê não está sujeito às necessidades objetivas e não conhece restrições à sua vontade, ele é “sua majestade, o bebê.” Isso constitui um ideal narcísico de onipotência. Esse estado corresponderia à crença da criança na onipotência dos seus pensamentos.

Todo o processo de transformação da teoria freudiana organiza-se, em grande parte, em torno do eixo do narcisismo e da compulsão à repetição. A virada provocada pela introdução do narcisismo vai resultar na construção de uma segunda teoria das pulsões e de um novo modelo tópico. A postulação do conceito de narcisismo abala a oposição entre pulsões sexuais e pulsões do eu. O conceito de narcisismo evidencia que as pulsões sexuais podiam retirar a libido investida nos objetos e fazê-la voltar sobre o próprio eu, constituindo-se em libido narcísica. A necessidade de repensar a teoria pulsional fica evidente, o alicerce para postulação da pulsão de morte vai solidificando-se tendo a neurose obsessiva como um de seus pilares fundamentais. Todas essas questões, intimamente articuladas à neurose obsessiva, preparam a construção da segunda tópica. Esta, com aspectos estruturalmente diversos do primeiro modelo do aparelho psíquico, contemplando a complexificação que a teoria do narcisismo produziu na conceituação do ego.

Em função de sua importância para a compreensão da neurose obsessiva, a problemática da onipotência do pensamento – especialmente a singular relação entre pensamento e ato que ela engendra – será discutida com maior detalhamento no terceiro capítulo.

A onipotência do pensamento indica intelectualização e isolamento defensivos, além do domínio de pulsões parciais, como a de ver e a de saber. Freud compara o obsessivo ao homem primitivo que recorre ao animismo e à magia para tentar explicar o mundo à sua volta. Destaca, porém, que essa aproximação não cabe no que se refere à problemática do ato, pois no homem primitivo o ato substitui a ideia. No obsessivo a ação encontra-se inibida, e a ideia a substitui (COUVREUR, 2003). Isso indica uma regressão tópica do ato ao pensamento. A regressão do agir ao pensar apresenta-se como processo de base, como estruturante desta patologia.

Freud indica que a regressão do ato ao pensamento é:

(...) favorecida por um outro fator que participa da gênese da neurose. Encontramos, quase regularmente, na história dos obsessivos o aparecimento e o recalque precoces da pulsão sexual de ver e de saber. Esta relação da pulsão de saber com o processo de pensar torna esta aqui particularmente apta, nas diversas formas da neurose obsessiva das quais ela participa, para captar a energia que se esforça, em vão, por abrir para si um caminho até um ato, para atraí-lo em direção ao pensar em que se oferece a possibilidade de uma outra espécie de satisfação plena de prazer. Assim, com a ajuda da pulsão de saber, o ato substituto pode continuar a ser substituído por atos de pensar preparatórios (FREUD, 1909/2006, p. 212).

O surgimento precoce e o recalque prematuro das pulsões de ver e de saber estão intimamente relacionados à regressão do ato ao pensamento. Freud (1909) indica que a pulsão de saber seria um derivado sublimado, intelectualizado da pulsão de domínio. O ato substituto é substituído, com a ajuda da pulsão de saber, por atos preparatórios do pensamento. O próprio pensamento é sexualizado, “(...) a satisfação experimentada ao atingir um resultado cogitativo é percebida como uma satisfação sexual” (FREUD, 1909/2006, p. 212-213). Portanto, na neurose obsessiva os processos de pensamento são atingidos por um desdobramento de energia que se destina originalmente ao agir, o que lhe confere seu caráter compulsivo.

Ménéchal (2000) destaca que o pensamento acerca da ação toma o lugar da ação efetiva; em outras palavras, a fantasia suplanta o ato. Dessa forma, um pensamento obsessivo ou compulsivo é aquele que, em consequência de uma inibição, representa regressivamente um ato. Na neurose obsessiva o pensamento equivale ao ato, ou seja, um desejo equivale a um ato, equivale à sua realização. Como vimos, para o homem dos ratos o fato de pensar na morte do pai é equivalente a executar tal crime. Há uma identidade entre o pensamento e a realização do desejo. Isso nos permite compreender por que a dinâmica psíquica nesta patologia é dominada pelo sentimento de culpa e pela autopunição e compreender, especialmente, por que o ato compulsivo conjuga o desejo proibido e a punição por sua realização.

Na base da autopunição encontramos um desejo agressivo recalçado, que, como vimos, é percebido como um ato realizado, como um crime cometido. Há, assim, um desdobramento importante que vai do pensamento do crime (desejo proibido) ao crime de pensamento (desejo percebido como ato realizado). O pensamento passa a ser crime, passa a indicar a realização do desejo proibido. Estamos, assim, diante de um crime de pensamento, um crime em pensamento, desejar passa a ser crime, passa a ser transgressão, cerne da problemática moral que marca esta patologia (LAPLANCHE,

1980/1987). Na base do crime do pensamento está a onipotência das ideias. O sentimento de responsabilidade está alicerçado na realidade psíquica e não sobre a realidade material. Portanto a identidade entre o pensamento e a ação é fundamental para compreendermos a problemática do sentimento de culpa.

Em função de o desejo equivaler ao ato na neurose obsessiva, o desejo de morte dirigido às figuras parentais, no contexto do conflito edipiano – que já é muito perturbador – pode tornar-se ainda mais violento para o obsessivo. Essa equivalência entre desejar e realizar pode adquirir caráter amedrontador quanto ao seu potencial destrutivo.

Retomaremos a questão levantada anteriormente: Como explicar essa dinâmica psíquica dominada pelo sentimento de culpa e pela autopunição? Neste momento nos parece que esta questão pode ser minimamente encaminhada. O sentimento de culpa parece estar intimamente articulado ao desejo recalçado, percebido como crime cometido, uma vez que na dinâmica psíquica obsessiva não há diferença entre pensar (desejar) e realizar. Isso ocorre, como vimos, em função de o pensamento ter mantido sua característica infantil de onipotência, e da regressão do ato ao pensamento. Dessa forma, o sentimento de culpa, as autoacusações e autopunições obsessivas apontam em direção ao desejo recalçado: evitam seu retorno, sua realização efetiva, mas ao mesmo tempo permitem uma satisfação deslocada, substitutiva.

Porém, um aspecto permanece obscuro: Onde o sentimento de culpa se apoia, a qual instância está ligado?

Essa questão, talvez, também tenha perseguido Freud no percurso de investigação da neurose obsessiva, pois é difícil de responder, principalmente porque o contexto da distinção entre inconsciente, pré-consciente e consciente (primeira tópica) dificulta essa tarefa. A questão que adquire importância não é determinar se o sentimento de culpa é inconsciente ou consciente, mas determinar entre quais instâncias se dá o embate subjacente a ele. A dinâmica obsessiva, assim, começa a questionar a tópica psíquica a partir da indicação de uma complexificação do funcionamento psíquico, exigindo que esta comece a ser repensada.

Freud tenta encaminhar este problema postulando a ação de uma instância moral, a consciência moral, que seria uma diferenciação da instância egoica. Cria-se um observador interno, mas externo ao ego, cuja função seria impedir a realização e a tomada de consciência dos desejos. Com isso, Freud situa o conflito psíquico na neurose

obsessiva como sendo um conflito entre o ego e a consciência moral. Freud toca, então, no limite da explicação metapsicológica compatível com o primeiro modelo tópico.

Neste ponto podemos perceber mais um desdobramento da teoria freudiana em que a neurose obsessiva parece ter papel importante: ela questiona a tópica psíquica vigente até então, exigindo que novos elementos passem a integrar as discussões tópicas. Acreditamos que a postulação da consciência moral pode ser pensada como a semente da qual, posteriormente, nascerá o superego. Portanto, esses aspectos que a dinâmica obsessiva começa a iluminar nos parecem ter papel determinante para a posterior postulação do superego e, assim, para a postulação da segunda tópica.

O sentimento de culpa, portanto, sinaliza o conflito entre o ego e a consciência moral. Freud indica que ela dirige ao ego suas exigências de forma implacável, sua ferocidade está relacionada ao crime de pensamento, aos desejos recalcados (LAPLANCHE, 1980/1987). Estabelece-se, portanto, uma batalha intrapsíquica, constitui-se uma cena interior. Esta é uma cena violenta, de julgamento e condenação, de exercício de poder, e de subjugação. A seguir, buscaremos compreender melhor essa cena, de caráter violento e destrutivo, que domina as relações intrapsíquicas na neurose obsessiva, e que é o solo sobre o qual se apoia o sentimento de culpa.

1.9 O núcleo violento: uma cena de espancamento

Freud, em 1917, ao dedicar-se ao estudo do erotismo anal, destaca que nos neuróticos obsessivos “(...) podemos observar o resultado de um aviltamento regressivo da organização genital. Isso se expressa pelo fato de que toda fantasia originalmente concebida em nível genital é transposta para o nível anal” (FREUD, 1917/2006, p. 139). Neste momento, Freud indica como principal consequência da regressão à organização sádico-anal a transposição das fantasias para essa lógica. A organização sádico-anal é caracterizada por um modo de relação de objeto que Freud denomina “ativo” e “passivo”, sendo que a polaridade atividade/passividade passa a dominar as relações tanto intrapsíquicas quanto intersubjetivas. Dessa forma, as fantasias obsessivas estão submetidas a essa dialética entre atividade e passividade.

Esse aspecto nos parece indicar essa batalha que se estabelece entre o ego e a consciência moral, essa cena violenta de julgamento e condenação, como orientada por uma fantasia, por um roteiro inconsciente. Logo, esse roteiro está submetido à lógica sádico-anal, portanto, à dialética atividade/passividade. Essa cena psíquica parece tratar-

se de uma cena sadomasoquista, o que nos conduz a pensar que a fantasia subjacente a ela, o roteiro inconsciente que a determina, também o seja.

Buscando enriquecer nossa investigação deste ponto, passaremos à discussão do texto “Uma criança é espancada” (FREUD, 1919/2006).

Freud (1919/2006), no referido texto, analisa as fantasias de fustigação que alguns pacientes adultos relatam em análise. Inicia o texto destacando que os neuróticos, dentre eles os neuróticos obsessivos, durante o tratamento, confessam ter-se abandonado à fantasia de uma criança sendo espancada. Essa confissão é acompanhada de vergonha e intenso sentimento de culpa.

A fantasia tem sentimentos de prazer relacionados com ela e, por causa deles, o paciente reproduziu-a em inúmeras ocasiões, no passado, ou pode até mesmo ainda continuar a fazê-lo. No clímax da situação imaginária, há quase invariavelmente uma satisfação masturbatória – realizada, em outras palavras, nos órgãos genitais. De início, isso acontece voluntariamente, mas depois ocorre contra a vontade do paciente e com as características de uma obsessão (FREUD, 1919/2006, p. 195).

Freud supõe que essa fantasia surja na primeira infância, no momento correspondente ao complexo de Édipo. Ele a compreende como sendo um traço primário de perversão, um traço passageiro, uma vez que sobrevenha o recalque, uma formação reativa ou a sublimação.

Freud busca aqui compreender as fantasias perversas, que, segundo ele, não atuam apenas nas perversões, mas estão presentes em neuróticos, de forma inconsciente, desempenhando, inclusive, papel central na formação do sintoma neurótico. Porém, na neurose, devido à ação do recalque, elas não são atuadas como na perversão; o neurótico obtém sua satisfação por meio da fantasia. Esse aspecto evidencia sua postulação de 1905: “(...) a neurose é, por assim dizer, o negativo da perversão” (FREUD, 1905/2006, p. 157). Na neurose, essas fantasias não são atuadas, mas permanecem comandando a dinâmica psíquica. Como vimos, o recalque na neurose obsessiva é frágil, está sob constante ameaça de fracassar. Isso nos faz pensar que nesta patologia a realização da fantasia perversa recalçada é uma ameaça constante.

Freud indica que esta construção fantasmática ocorre em três fases distintas, que variam dependendo do sexo de seu autor. Nosso interesse dirige-se especialmente para a fantasia que caracteriza a segunda fase para a menina e que, para o menino, caracteriza a fase inicial. Acreditamos que ela pode nos auxiliar em nossa tentativa de aprofundar a compreensão acerca da batalha que se estabelece entre o ego e a consciência moral, acerca dessa cena intrapsíquica de violência. Inicialmente, apresentaremos brevemente

as três fases da fantasia de fustigação indicadas por Freud, e, posteriormente, nos dedicaremos a uma análise mais detalhada da fase que nos interessa particularmente.

Na menina, Freud distingue três fases diferentes que precedem a fantasia final, consciente, relatada em análise. Na primeira fase, a criança que está sendo espancada não é a que está relatando a cena, mas sempre outra criança, muitas vezes um irmão ou irmã, o que indica não se tratar de uma fantasia masoquista. Por outro lado, também não podemos considerá-la sádica, uma vez que a criança que produz a fantasia não é a pessoa que bate. Quem bate, nesse momento, é indefinido; apenas se sabe que é um adulto, posteriormente percebe-se que a pessoa que bate é o pai. O que ganha destaque aqui é a dimensão de rivalidade, excluindo o caráter sádico da fantasia. Nessa fase, a fantasia é apresentada pela seguinte proposição: “meu pai está batendo na criança que eu odeio”.

Na segunda fase, a criança que está sendo espancada passa a ser aquela que produz a fantasia. A pessoa que bate continua sendo o pai. Freud indica que a fantasia “estou sendo espancada pelo meu pai” é inconsciente; ela é uma construção da análise e, portanto, não é lembrada, não consegue tornar-se consciente. Essa fase da fantasia de fustigação comporta caráter masoquista, uma vez que é acompanhada de prazer. Freud afirma que a fase mais primitiva da fantasia de fustigação no menino corresponde à segunda fase da fantasia na menina: “estou sendo espancado pelo meu pai”. Freud considera essa segunda fase a mais importante e mais significativa para ambos os sexos.

Na terceira fase dessa fantasia, a criança que produz a fantasia passa a ser apenas espectadora de uma cena de espancamento. Além disso, a pessoa que bate passa a ser um substituto do pai, como um professor, por exemplo. Freud indica que esta fase da fantasia de fustigação aproxima-se muito da primeira fase, porém nesta terceira fase a fantasia possui caráter propriamente sádico, ligado à excitação sexual, sendo um meio para satisfação masturbatória.

Quanto aos meninos, na fantasia de fustigação em sua fase final, o conteúdo apresentado é o de ser espancado pela mãe. Freud vai mostrar que o que está na base dessa fantasia é um impulso incestuoso pelo pai, o qual sofre transformações no sentido de manter a fantasia original inconsciente. As transformações que se operam para que a fantasia final no menino chegue a tal formulação são semelhantes às ocorridas na fantasia da menina: uma fantasia de tipo genital de ser amado pelo pai que, pela regressão ao estágio sádico-anal, transforma-se em ser espancado pelo pai, sendo, posteriormente, transformada em “sou espancado pela minha mãe”. Cabe ressaltar que a

fantasia de fustigação na menina provém da fase positiva do complexo de Édipo, já no menino provém da fase negativa. Portanto, ambas são derivadas da ligação incestuosa com o pai.

Essa última fase da fantasia de fustigação aparece no final do complexo de Édipo, em um momento em que a criança precisa renunciar aos objetos de amor incestuosos. O recalque neste momento é inevitável.

Ao mesmo tempo em que ocorre esse processo de repressão, surge um sentimento de culpa. Este é também de origem desconhecida, mas não há dúvida de que, por qualquer que seja, está ligada aos desejos incestuosos e justificada pela persistência desses no inconsciente (FREUD, 1919/2006, p. 204).

Retomemos, a seguir, a fantasia presente na segunda fase das fantasias de espancamento na menina – e que no menino é indicada como a fase inicial. Sobre esta, como havíamos adiantado, dirige-se nosso maior interesse.

Freud acredita que o sentimento de culpa guiaria a fantasia – “estou sendo espancado pelo meu pai” –, conferindo a esta seu caráter masoquista. Ele indica que o sentimento de culpa estaria relacionado ao amor incestuoso que a criança alimentou pelo pai. Além disso, acrescenta ainda que essa fantasia não é apenas expressão do sentimento de culpa, mas também da regressão a uma organização anterior do desenvolvimento libidinal, a organização sádico-anal. Como vimos, diante do confronto com a problemática edipiana a libido regride da organização genital para a organização sádico-anal. Ser amado, em função dessa regressão, transforma-se em ser espancado pelo pai.

Dessa forma a compreensão da fantasia de *ser espancado pelo pai* é enriquecida: não seria apenas fruto de punição pelo amor incestuoso, mas também o substituto regressivo dessa relação. Esta fantasia conjuga, portanto, o desejo incestuoso e sua proibição através da punição. Esse é um aspecto central na dinâmica obsessiva: como vimos, a interiorização da lei realiza-se de forma frágil e o obsessivo permanece siderado ao embate entre o desejo e sua proibição, a qual se expressa através da punição.

Isso nos leva a acreditar que a fantasia inconsciente que serve de roteiro para a cena intrapsíquica violenta entre o ego e a consciência moral seria a fantasia de ser espancado pelo pai, uma fantasia sádica, marcada pela oposição entre atividade e passividade, que condensa punição e satisfação. Em função da lógica sadomasoquista que rege esta fantasia, o expectador anônimo, autor da fantasia, torna-se também parte

da fantasia. Isso ocorre devido à satisfação que ele experimenta. A satisfação é possível em virtude de sua aliança com a punição, o que encobre a transgressão da lei. Trata-se de uma fantasia incestuosa, na qual se encena ao mesmo tempo a transgressão da lei e a punição pelo crime cometido. Segundo Brunot (2005) a fantasia de fustigação evidencia a forma como a lei se mantém na neurose obsessiva.

O obsessivo constrói uma forma muito singular de manutenção da lei, a qual somente pode efetivar-se a partir da transgressão. “Ele [o obsessivo] assegurará a observância da lei no transgredi-la e a transgressão no observá-la” (GREEN, 2005, p. 235). Este aspecto enriquece nossa compreensão acerca do amálgama entre o desejo e a punição: os desejos são limitados pela punição, o que exige que sua satisfação – transgressão –, mesmo deslocada, se faça necessária.

Resta a questão: como explicar a fixação à fantasia de *ser espancado pelo pai* ?

Como vimos, na neurose obsessiva, ao confrontar-se com o conflito edipiano, a libido regride à organização sádico-anal. Isso transforma em desejos agressivos os desejos amorosos dirigidos aos objetos – neste caso, aos objetos incestuosos. Porém, isso se torna inaceitável ao ego que recalca tais desejos. O ódio e a agressividade recalcados retornam através da consciência moral sobre o ego.

A fantasia de fustigação parece dar certa ordenação a essa dimensão destrutiva, sendo um roteiro que a organiza. Esse roteiro nos parece um roteiro edipiano que condensa a lei e sua transgressão; em outras palavras, um roteiro edipiano marcado por uma dimensão perversa. Nosso ponto de vista está afinado com as ideias de Dorey (2003), que indica a importância da fantasia de fustigação para a compreensão da neurose obsessiva. Ele pensa tal fantasia como ponto de contato entre a neurose obsessiva e a perversão, indicando, assim, a presença de uma dimensão perversa na primeira.

Como vimos, embora o conflito edipiano sucumba à dialética atividade/passividade, os desejos sádico-anais permanecem onerados por sua carga libidinal e principalmente pelo sentimento de culpa ligado a ele. É através de uma dinâmica violenta e destrutiva que o conflito edipiano continua atuando na neurose obsessiva. O aspecto destrutivo e violento ganha, então, visibilidade nesta patologia. Ao invés de recobrir o destrutivo, o sexual sucumbe ao destrutivo e passa a atuar por meio deste, em uma dinâmica em que predominam o ódio, a passividade e o sentimento categórico de culpa.

Portanto, nos parece que a fantasia em torno da qual se organiza a dinâmica obsessiva é a de uma fantasia de espancamento que põe em evidência, de forma deslocada, o conflito edipiano, mas que também evidencia, de forma não menos importante, a dimensão violenta e perversa do pulsional. O recalque impede que a perversão impere, mas ela permanece como fantasia nuclear em torno da qual a dinâmica obsessiva é construída, indicando uma ameaça permanente. A fantasia na neurose obsessiva tende a perder seu lugar de construção psíquica essencialmente mutável, deformável, para tornar-se um elemento estrutural, pouco plástico, ao qual o obsessivo está aprisionado (MÉNÉCHAL, 2000). Este aspecto está intimamente articulado à ação da compulsão, além de nos questionar acerca da ação da compulsão à repetição nesta patologia.

O que resta no inconsciente parece ser uma inclinação à perversão, que precisa ser incansável e incessantemente combatida. Em outras palavras, o obsessivo permanece aprisionado ao conflito entre lei e transgressão. Como aponta Ménéchal (2000), o obsessivo constrói uma problemática singular que o mantém no campo da neurose, mas mantendo, com o conflito edipiano, uma ligação particular situada no limiar da perversão.

A violência do pulsional mostra sua força, impondo ao conflito edipiano um recuo em direção à organização sádico-anal, comprometendo sua elaboração, o que está na base da compulsão obsessiva. Esse núcleo violento pressiona sem cessar, exigindo contra-vestimento constante do eu. O obsessivo fica siderado em torno de uma dinâmica violenta, que se atualiza de forma emblemática por meio dos rituais compulsivos. Dessa forma, em função da violência da compulsão em ação nesta patologia, o obsessivo é constantemente confrontado à impossibilidade de dominar o pulsional.

Até este momento, seguimos as indicações acerca da neurose obsessiva dos textos freudianos anteriores a 1920, procurando destacar os pontos em que essa patologia questiona o primeiro dualismo pulsional e o primeiro modelo tópico. Este percurso colocou em relevo o papel essencial que a dimensão compulsiva e violenta desempenha nesta patologia. Acreditamos que esta dimensão desempenhou papel fundamental para os desdobramentos da teoria freudiana que se seguiram.

Dessa forma, nos parece que a dimensão compulsiva e violenta da neurose obsessiva teve papel essencial para mudança de uma teorização acerca das obsessões e compulsões que passam a ser inseridas na dinâmica do conflito psicosexual, ligadas à

elaboração metapsicológica da neurose. Além disso, em nosso ponto de vista, a compulsão obsessiva, ao lançar o primeiro feixe de luz sobre o mais essencial do pulsional, revela-se como alicerce fundamental para a posterior postulação de uma compulsão à repetição.

A seguir, resgataremos as indicações deixadas por Freud após 1920 acerca da neurose obsessiva – indicações após a postulação do conceito de pulsão de morte.

1.10 Indicações mais nítidas do mortífero

Em 1920, no texto “Além do princípio do prazer,” Freud postula uma nova teoria das pulsões; tal postulação, como estamos procurando mostrar, começou a ser construída no escopo da neurose obsessiva, especialmente articulada à violência que encontramos nesta patologia.

Freud inicia o texto discorrendo acerca da soberania do princípio de prazer no psiquismo, o que o faz buscar a eliminação da excitação ou sua manutenção no nível mais baixo possível ou constante. Isso ocorre porque todo desprazer corresponde a um aumento da excitação, e o prazer a uma diminuição. Tendo isso em vista, Freud é interpelado pela repetição de experiências manifestamente desagradáveis, e procura resolver tal impasse postulando que haveria desprazer para uma instância e prazer para a outra. Porém tal tese não resolve o problema.

Freud prossegue descrevendo fenômenos que parecem escapar ao reinado do princípio de prazer: o jogo infantil, a repetição no tratamento analítico, certa compulsão de destino e os sonhos de neuroses traumáticas. Tendo em vista a descrição desses fenômenos clínicos, Freud indicará novas hipóteses teóricas e procurará desenvolvê-las.

O autor conclui que as brincadeiras infantis, embora gerem desprazer, produzem satisfação; o psiquismo permanece regido pelo princípio de prazer, não se constituindo, assim, como exemplo de algo mais elementar que o princípio de prazer. Os demais fenômenos elencados escapariam ao reinado do princípio de prazer; o que conduz Freud a indicar a existência de um funcionamento anterior à vigência do princípio de prazer, que chamou de compulsão à repetição. Após postular a existência de uma compulsão à repetição, Freud indica a necessidade de esclarecer sua função, em que condições surge e qual sua relação com o princípio de prazer. Freud encaminha esses aspectos tendo em vista a noção de trauma.

Freud apresentará uma nova concepção do trauma, intimamente articulada ao pulsional e profundamente transformada. A partir do modelo da vesícula, ele sustenta que o trauma seria a consequência do excesso de excitação, do rompimento da proteção que defenderia o “órgão anímico” contra as excitações. Neste momento, ao pensar o traumático, Freud articula dois aspectos fundamentais: o efeito devastador dessa excitação que atinge o escudo protetor e o completo despreparo do ego (ou do escudo protetor) para receber essa excitação. Então, a responsável pelo fator traumático não seria apenas a quantidade de excitação, mas também a impossibilidade do ego, naquele momento, de responder ao excesso de excitação. O ego permanece passivo diante do pulsional.

Ganha destaque a dimensão de susto, dando ênfase à dimensão de surpresa, ou seja, a ideia de um perigo que o sujeito não está preparado para enfrentar. Nesses casos, as possibilidades do ego de defender-se desse afluxo encontram-se muito diminuídas. A indicação da condição de despreparo do escudo protetor como elemento fundamental do traumático possibilitará a Freud mostrar que a situação traumática também diz respeito às excitações advindas do interior. Desta forma, o que é excessivo para o aparelho psíquico não viria apenas do exterior, mas também de dentro do próprio sujeito, de seu universo pulsional (FREUD, 1920/2006). A articulação entre o trauma e a pulsão reitera a importância do ponto de vista econômico e põe em evidência a força do pulsional.

Freud aponta para a presença, no mundo interno, de uma força pulsional excessiva que deverá ser sujeitada através de um trabalho de ligação, para que o princípio de prazer possa se exercer. Isso não ocorre na situação traumática, pois o psiquismo é invadido por um excesso de excitação que o ego não consegue dominar, o que impede o reinado do princípio de prazer.

A análise dos fenômenos marcados pela compulsão à repetição conduziu Freud a formular a hipótese da pulsão de morte, do retorno de algo desprazeroso, sem relação com a realização de desejos. A pulsão de morte é indicada como a pulsão por excelência. Cabe destacar que as indicações freudianas acerca da pulsão de morte neste texto são, em alguns momentos, contraditórias: apontam tanto para o caráter conservador da pulsão de morte, de retorno a um estado anterior, quanto para a ideia de destruição, de agressão, de ódio. O que predomina nas formulações freudianas posteriores é a concepção da pulsão de morte como pulsão de destruição (LEJARRAGA, 1996).

O traumático, esta força pulsional excessiva, estaria articulado diretamente à ação da pulsão de morte. O ego passa a estar à mercê de um pulsional mortífero, que não se submete a uma ligação efetiva, a um efetivo recalçamento. O pulsional traumático corresponde à irrupção da pulsão de morte no aparelho. Dessa forma, a dimensão de violência psíquica reaparece na teoria, em sua faceta mais radical.

Freud destacará que apenas em raros casos a compulsão à repetição se manifestaria em estado puro, sem a interferência de outros motivos. E indica que frequentemente a satisfação pulsional e a compulsão à repetição estariam intimamente articuladas. Segundo Cardoso (2002a/2010) a partir da postulação da pulsão de morte, a relação entre compulsão e interdição desdobra-se na relação entre compulsão à repetição e necessidade de punição.

Tendo isso em vista, situar a neurose obsessiva no que se refere à ação da pulsão de morte nos parece uma tarefa de fundamental importância para o enriquecimento de sua compreensão, uma vez que, como vimos, a interdição nesta patologia estabelece-se através da punição, através do circuito autopunitivo que o obsessivo se impõe; ocorre uma junção entre interdição e punição. Além disso, como vimos, o circuito autopunitivo é caracterizado por sua violência e compulsão, o que indica a ação de elementos ligados ao traumático. Freud não ressitua sua indicação da base traumática da neurose obsessiva, tendo em vista a reformulação que a noção de trauma sofre.

Após as postulações de 1920 Freud faz indicações escassas acerca da neurose obsessiva. Em 1926, no texto “Inibições, Sintomas e Ansiedade”, Freud adverte de imediato acerca da complexidade desta patologia, indicando a necessidade do incremento de sua análise.

A neurose obsessiva apresenta uma multiplicidade tão vasta de fenômenos que, apesar de todos os esforços envidados até agora, não se conseguiu fazer uma síntese coerente de todas as suas variações. Tudo que podemos fazer é colher certas correlações típicas, mas há sempre o risco de que tenhamos desprezado outras uniformidades de natureza não menos importantes (FREUD, 1926/2006, p. 119).

Freud começa sua análise da neurose obsessiva retomando as modalidades de formação dos sintomas, lembrando que elas se apresentam como interdições, medidas de precaução (contra a punição pelo crime cometido), penitências, ou mesmo satisfações substitutivas. Destaca que a interdição pode assumir, também, o sentido de uma satisfação. Isso, como já vimos, indica a intensidade do conflito de ambivalência. Porém, Freud destaca que na maior parte das vezes:

(...) o impulso instintual encontrou um substituto apesar da repressão, mas um substituto muito mais reduzido, deslocado e inibido, e que não é mais reconhecível como uma satisfação. E, quando o impulso substitutivo é levado a efeito, não há qualquer sensação de prazer; sua realização apresenta, ao contrário, a qualidade de uma compulsão (FREUD, 1926/2006, p. 98).

Parece-nos que o ponto que Freud quer destacar é a qualidade compulsiva destes sintomas. Como estamos procurando mostrar, esse aspecto põe em relevo a luta interminável que o neurótico obsessivo trava com o pulsional. Isso, como vimos, confere caráter compulsivo ao aparato defensivo. Freud indica o caráter compulsivo dos sintomas obsessivos, mas em nenhum momento se questiona acerca do papel da compulsão à repetição nos mesmos. Em nosso ponto de vista, essa exigência severa, de caráter imperativo, à qual o ego não pode se furtar, está intimamente relacionada à ação da compulsão à repetição. E como vimos a compulsão à repetição caracteriza-se por ser uma resposta ao traumático, à invasão do psiquismo pelo pulsional mortífero. Porém Freud não aborda esses aspectos em sua análise.

Outro aspecto que Freud volta a destacar é a importância da regressão da libido, diante do conflito edipiano, à organização sádico-anal.

(...) a organização genital da libido vem a ser débil e insuficientemente resistente, de modo que, quando o ego começa seus esforços defensivos, a primeira coisa que ele consegue fazer é lançar de volta a organização genital (da fase fálica), no todo ou em parte, ao nível anal-sádico mais antigo. Esse fato de regressão é decisivo para tudo o que se segue (FREUD, 1926, p. 115).

A explicação metapsicológica que Freud apresenta para a regressão é a seguinte:

Quanto à explicação metapsicológica da regressão, eu a procuro em uma desintração das pulsões, isto é, no fato de que os componentes eróticos, que haviam vindo juntar-se, com o início da fase genital, aos investimentos destrutivos da fase sádica, se vejam deles separados. Vimos a compreender que a defusão instintual e o surgimento pronunciado do instinto de morte exigem consideração específica entre os efeitos de algumas neuroses graves, tais como, por exemplo, as neuroses obsessivas (FREUD, 1923/2006, p. 54-55).

Percebemos, então, que a regressão tem seu significado modificado a partir da noção de desintração pulsional. Freud situa a ação da pulsão de morte como consequência da regressão, apontando-a como fator decisivo, aspecto fundamental para compreensão da neurose obsessiva. Como percebemos, mesmo após a ação da pulsão de morte ter sido articulada ao trauma em 1920, a regressão continua sendo o mecanismo sobre o qual está calcada a compreensão freudiana acerca da neurose obsessiva.

Seguindo as indicações freudianas, em função da regressão, as moções agressivas da infância são reativadas e as novas moções libidinais irão expressar-se, em

parte ou totalmente, sob a forma de intenções agressivas e destruidoras. Os componentes sádicos do pulsional ganham autonomia e passam a atuar desligados da pulsão sexual, intensificando a violência e a destrutividade.

Na neurose obsessiva tornou-se possível – mediante uma regressão à organização pré-genital – aos impulsos amorosos transformarem-se em impulsos de agressividade contra o objeto. Aqui, o instinto de destruição foi liberado e mais uma vez busca destruir o objeto, ou, pelo menos, parece ter essa intenção. Esses objetivos não foram adotados pelo ego, e este luta contra eles com formações reativas e medidas precatórias; eles permanecem no id (FREUD, 1923/2006, p. 66).

Portanto, os desejos agressivos não são aceitos pelo ego, que luta contra eles, recalçando-os. O superego, contudo, comporta-se como se o ego fosse responsável por eles e o ataca de forma impiedosa.

Consideremos novamente, por um momento, a neurose obsessiva. Aqui, o estado de coisas é diferente. A desfunção de amor em agressividade não foi efetuada por ação do ego, mas é o resultado de uma regressão que ocorreu no id. Esse processo, porém, estendeu-se além do id, até o superego, que agora aumenta a sua severidade para com o inocente ego (FREUD, 1923, p. 67).

Freud indica que os efeitos da regressão não se limitam ao id, mas estão agindo de forma preponderante no superego. A regressão indica a desintração pulsional; o ego recalca as pulsões sádicas, porém, o efeito deste recalque é que as pulsões sádicas não passam a atuar apenas no id, mas tornam-se o núcleo do superego. Portanto, na neurose obsessiva, estamos diante da preponderância do superego em sua vertente feroz e violenta, que ataca o ego de maneira impiedosa. Neste momento, já no contexto da segunda tópica, o conflito passa a ser situado entre o ego e o superego, que substitui a consciência moral proposta anteriormente.

O superego na neurose obsessiva apresenta uma característica especial: ele é o responsável pelo retorno das pulsões destrutivas sobre o ego. Em outras palavras, é o responsável pelo ataque violento que o obsessivo inflige a si mesmo. A problemática da relação entre o ego e o superego – especialmente as ferozes autoacusações que ela engendra – será retomada e detalhada no quarto capítulo.

As indicações acerca da neurose obsessiva feitas por Freud, já levando em consideração os remanejamentos tópicos que a segunda tópica introduziu, possibilitaram que a dinâmica obsessiva, especialmente sua violência e destrutividade, fosse descrita com mais clareza. O ego luta contra o recalçado, que exige satisfação de uma maneira cada vez mais imperiosa, buscando, ao mesmo tempo, obter o objeto do desejo e

destruí-lo. Além disso, o ego está em embate constante com o superego cruel e intolerante, que o ataca de forma permanente.

* * *

Acreditamos que a análise da neurose obsessiva, em função das contradições e dificuldades que evidencia, interpelou Freud acerca de vários aspectos de sua teoria; adquirindo, assim, importância fundamental para a postulação da segunda teoria pulsional e do segundo modelo tópico, ou seja, tornando-se um dos mais importantes fatores que conduziram a pesquisa metapsicológica ao aprofundamento na compreensão da violência e da compulsão. A passagem do primeiro para o segundo dualismo pulsional pode ser pensada como uma passagem de um momento primordialmente representacional a um momento onde a ênfase recai sobre o pulsional. A neurose obsessiva nos parece a patologia que “encarna” esta transição, uma patologia onde estes dois aspectos aparecem entrecruzados.

A neurose obsessiva contribuiu sobremaneira para as transformações que a teoria freudiana vai sofrendo até 1920; porém, tais transformações não foram efetivamente incluídas em sua análise. As indicações feitas por Freud após 1920 acerca da neurose obsessiva nos parecem ainda alicerçadas na primeira teoria pulsional: Freud não considera efetivamente os postulados de 1920 e seus desdobramentos teóricos. Embora em 1920 indique claramente a articulação entre a ação da pulsão de morte e o traumático, para pensar a neurose obsessiva ele articula a ação da pulsão de morte à regressão à organização sádico-anal, demonstrando sua dificuldade quanto a, de fato, analisar esta patologia a partir das ferramentas desveladas pelo segundo dualismo pulsional. O autor permanece apoiado no desejo como fonte explicativa da dinâmica psíquica em sua análise.

Embora seja uma análise muito rica em diversos aspectos, a análise freudiana da neurose obsessiva apresenta limitações e impasses, especialmente no que se refere à explicação acerca da violência e da compulsão em ação. Em nosso ponto de vista, Freud não conseguiu abandonar a análise da neurose obsessiva ancorada apenas no complexo de Édipo e em seus desdobramentos; não conseguiu articulá-la a uma dimensão mais primitiva, dimensão traumática, evidenciada de forma preponderante pela violência que caracteriza esta patologia.

Dessa forma, as indicações deixadas por Freud após 1920 acerca da neurose obsessiva reiteram nossa convicção da necessidade de revisitar esta patologia, a partir das “ferramentas” desveladas pelo segundo dualismo pulsional; em outras palavras, de repensá-la à luz da concepção de pulsão de morte. Isso, em nosso ponto de vista, implica a inauguração de outro patamar de análise, centrado no segundo dualismo pulsional e em seus desdobramentos.

A compulsão à repetição recoloca a pesquisa metapsicológica no caminho rumo ao aprofundamento da compreensão da *Zwangneurose*. Portanto, repensar a metapsicologia da neurose obsessiva à luz da pulsão de morte é o desafio que perseguiremos ao longo dos capítulos seguintes. No próximo capítulo, daremos continuidade a nossa empreitada procurando repensar a indicação freudiana acerca da base traumática que caracteriza a neurose obsessiva, tendo em vista a reformulação que a noção de trauma sofreu em 1920.

Capítulo II

A busca pelo domínio do “outro”

*Penso que a agressividade dirigida para fora,
a agressividade diante do outro,
é uma reação à agressividade contra si mesmo, isto é,
justamente a agressividade da sexualidade
que não se consegue dominar
(LAPLANCHE, 2004, p. 194).*

O obsessivo tem necessidade de se opor, de contrariar os projetos dos outros, argumentar infinitamente, frear toda iniciativa que não seja a sua. Seu objetivo é imobilizar o curso dos acontecimentos, fixar, petrificar o vivo, favorecer a inércia; ele exige o cumprimento rigoroso de suas condições absolutas, visando criar um mundo sem falhas – que se parece com a morte. É desse universo ordenado que o obsessivo faz sua morada, ocupando-se constantemente de sua manutenção.

Nesse árido contexto chama nossa atenção a busca desesperada desses sujeitos por controle, domínio, especialmente a busca pelo domínio do outro, assim como a forma como o exercem: por meio do ódio e da agressividade. As relações travadas com o outro se transformam em uma prova de força, um meio de exercer seu imperioso domínio. Diante disso, surge a questão: o que estaria na base dessa busca imperiosa do domínio do outro, que encontramos na neurose obsessiva? Este questionamento orientará nossa investigação acerca da problemática do domínio nesta patologia.

Neste capítulo nosso interesse dirigir-se-á especialmente para a busca de domínio do objeto externo; não deixaremos, porém, de investigar as implicações da relação travada com o objeto interno em tal fenômeno. Procuraremos indicar o papel desta, sublinhando sua dimensão de sedução traumática, aspecto essencial para a compreensão do predomínio do ódio nas relações objetais. Daremos especial atenção à singular relação estabelecida com o objeto primário e sua articulação com a problemática edipiana. Destacaremos, assim, a importância da alteridade tanto externa quanto interna, e seu entrelaçamento com a problemática do domínio.

Exploraremos a perspectiva das relações objetais de forma entremeada à perspectiva da dinâmica pulsional, pois acreditamos que a consideração e a articulação

dessas duas dimensões é que nos possibilitarão avançar na compreensão da relação eu/outro na neurose obsessiva.

Iniciaremos nossa investigação pela análise da noção freudiana de pulsão de domínio, aspecto que consideramos fundamental. Nossa discussão acerca desta problemática foi inspirada pelo texto *Violência, domínio e transgressão* de Marta Rezende Cardoso (2002a/2010).

II.1 Pulsão de domínio e “dominação” da excitação pulsional

A problemática do domínio liga-se diretamente à noção freudiana de pulsão de domínio. *Bemächtigungstrieb* é o termo usado por Freud para designar aquilo que, em português, convencionou-se chamar de pulsão de domínio. A problemática da pulsão de domínio é extremamente rica, e muito complexa. Segundo Dorey (1981), embora esta seja uma noção que carece de precisão, é possível localizar na obra freudiana três momentos em que a pulsão de domínio é apresentada: no primeiro, o domínio seria a finalidade de uma pulsão específica, não sexual; no segundo, vincular-se-ia ao sadomasoquismo e, no terceiro, o domínio seria expressão da pulsão de morte.

Freud (1905/2006) indica o domínio como uma pulsão a partir de sua análise do tema da masturbação infantil. O domínio do objeto é precedido pelo domínio do órgão erógeno, sendo a musculatura seu suporte. Embora situe a pulsão de domínio no escopo das pulsões parciais, Freud não lhe atribui significação sexual. Inicialmente, a noção de domínio aponta para uma pulsão autônoma, não sexual, apenas secundariamente ligada à sexualidade. Ele acreditava (1905/2006) que a pulsão de domínio era o único elemento presente na crueldade infantil: era dirigida para o exterior e relacionada com a agressividade, tendo como principal objetivo apoderar-se dos objetos. Ao longo do desenvolvimento infantil, a pulsão de domínio constituiria uma mescla com as pulsões sexuais, dando a estas certa parcela de agressividade.

Ao examinar as origens do sadismo, Freud propõe o domínio como um componente agressivo da pulsão sexual: seria preciso certa força para manter o objeto preso para que pudesse servir à satisfação. Entretanto, ela não visaria seu sofrimento (GANTHERET, 1981). No texto *A disposição à neurose obsessiva*, Freud (1913/2006) refere-se à pulsão de domínio marcando sua íntima ligação ao polo atividade/passividade, predominante na fase sádico-anal, e que antecede a polaridade masculinidade/feminilidade que ordena a fase genital.

Encontramos a antítese entre tendências com objetivo ativo e com objetivo passivo, a qual, posteriormente, se torna firmemente ligada à existente entre os sexos. A atividade é suprimida pelo instinto comum de domínio, que chamamos sadismo quando o encontramos a serviço da função sexual (FREUD, 1913/2006, p. 346).

A pulsão de domínio aparece sexualizada, vinculada ao sadomasoquismo, como componente agressivo da pulsão sexual. O caráter passivo é atribuído ao erotismo anal; em oposição, a pulsão de domínio é vinculada à atividade. Por um lado, uma tendência ativa, posta em ação pela motricidade, busca dominar um objeto externo; por outro lado, uma zona erógena cujo prazer se dá sob uma forma passiva, a partir de um objeto situado no interior do corpo.

Após a postulação do conceito de pulsão de morte, a problemática ligada à pulsão de domínio apresenta-se de forma diferenciada: a pulsão de domínio perde sua característica inicial de autonomia.

Assim, a partir de *Além do princípio do prazer*, com a pulsão de morte, a pulsão de domínio passará a ser entendida por Freud como uma das formas que esta pode assumir. Trata-se agora, essencialmente, de uma função de domínio, ativa, que diz respeito ao exercício de poder da pulsão de morte. Lembremo-nos que a ideia de domínio como passagem a ativo sempre esteve presente em Freud, porém agora esta passagem passa a ser concebida como da ordem de uma função (CARDOSO, 2002/2010, p. 107).

Neste momento, a pulsão de domínio é pensada como um dos derivados da pulsão de morte e designa uma modalidade e uma proporcionalidade de mescla pulsional; visa um objeto e sua meta é ditada pela presença da pulsão de morte, que lhe dá seu colorido característico. O movimento de passagem a ativo ganha destaque, indicando a repetição de algo que o sujeito viveu primeiramente de forma passiva e que repete adotando uma posição ativa. Esta modalidade de funcionamento psíquico põe em relevo tanto o modo de relação estabelecido com o objeto interno quanto o modo de relação estabelecido com o objeto externo. Em outras palavras, indica a articulação entre o domínio do objeto externo e a “dominação” da excitação pulsional.

Relacionado à problemática do domínio, além do termo *Bemächtigung*, encontramos também no texto freudiano o termo *Bewältigung*. O primeiro, como vimos, refere-se à busca pelo domínio do objeto externo, refere-se à ação da pulsão de domínio; já o segundo designa uma “dominação”, um controle, pensado por Freud no sentido de tornar-se senhor da excitação, seja pulsional ou externa. (LAPLANCHE & PONTALIS, 1982/2001).

Segundo Dorey (1988), devemos compreender que *Bewältigung* e *Bemächtigung* possuem sentidos diferentes. Porém, Laplanche e Pontalis (2001) nos advertem acerca

da possibilidade de articulação entre o domínio exercido sobre o objeto e a “dominação” da excitação pulsional, indicando vários pontos de passagem entre ambos. Essa função de dominar o afluxo de energia diferencia-se de sua ligação, que é uma função primordial do aparelho psíquico. A “dominação” da excitação está referida à passagem a ativo, a uma forma imediatista e precária de encaminhar a excitação pulsional. Já a ligação é a condição prévia para o domínio do princípio do prazer e antecede a instauração deste princípio (PEREIRA, 2006). Na análise que Freud realiza em *Além do princípio do prazer* (1920/2006) acerca do jogo do *fort-Da* e da neurose traumática, a articulação entre o domínio do objeto e a “dominação” da excitação pulsional é evidenciada. A tendência à repetição abordada pelo autor, nesse mesmo texto, é atribuída à pulsão de domínio.

Ao longo do capítulo, procuraremos mostrar a intrincada relação entre *Bemächtigung* e *Bewältigung* na neurose obsessiva, a partir da perspectiva da relação de domínio, aspecto dos mais relevantes nesta patologia. Procuraremos mostrar como a busca pelo domínio do objeto externo articula-se a uma “dominação” da excitação pulsional, indicando a impossibilidade de sua ligação.

Dorey (2003) considera o domínio como uma forma muito particular de interação entre dois sujeitos, correspondendo a um modo complexo de relação com o objeto. Tendo isso em vista, o autor propõe que a pulsão de domínio deve ser estudada no campo da intersubjetividade, indicando que a análise da problemática do domínio deve ter como ponto de partida uma análise da relação de domínio. O autor indica três correntes semânticas do termo domínio, que evidenciam a importância de se pensar tal problemática do modo de relação com o outro que ela engendra.

O primeiro sentido evoca a ideia de captura, sendo a significação antiga da palavra, própria à linguagem jurídica do século XVII: designa a ação que consiste em tomar os terrenos por expropriação, sendo resultante de um atentado contra a propriedade privada. No nível interpessoal, trata-se de uma ação de apropriação por desposseção do outro, representando uma violência infligida e suportada, que traz prejuízo ao outro, que vê sua liberdade reduzida. A segunda dimensão refere-se a uma dominação moral ou intelectual exercida sobre o indivíduo. Trata-se do exercício de um poder supremo, tirânico, subjugando o outro, que se sentirá controlado, manipulado. Uma terceira significação do termo aparece como consequência da dupla ação de apropriação e de dominação e resulta na inscrição de um traço, de uma marca. Aquele que exerce sua dominação grava sua marca sobre o outro, grava sua própria figura.

Dorey (2003) propõe pensarmos a relação de domínio como resíduo da relação arcaica com o objeto primário. O autor indica que a sedução realizada pelo objeto primário seria o protótipo de toda relação de domínio. Acreditamos que a investigação deste entrelaçamento entre domínio e sedução pode iluminar aspectos importantes acerca da instauração de um modo de relação com o outro marcado pela tentativa de domínio. Seguindo a pista enunciada pelo autor, daremos continuidade ao nosso percurso com uma investigação sobre o modo de relação estabelecido com o objeto primário na neurose obsessiva.

Cabe ressaltar que esses aspectos ligados à relação com o objeto primário são pouco explorados nos estudos acerca da neurose obsessiva. Nossa investigação pretende romper com essa tendência. Para tal, procuraremos indicar o papel fundamental que a relação com o objeto primário – marcada por uma dimensão de sedução traumática – desempenha nessa patologia.

II.2 Relação com o objeto primário

Acreditamos que o modo de relação que o sujeito estabelece com os objetos ao longo da vida está intimamente relacionado com a maneira como foi construída a relação com o objeto materno. Freud nos diz que “(...) a mãe adquire importância singular, incomparável, inalterável e permanente e torna-se, para os dois sexos, o objeto do primeiro e mais poderoso dos amores, protótipo de todas as relações amorosas ulteriores” (FREUD, 1938/2006, p. 202).

Como indicam Dorey (1981, 1988, 2003) e Kristeva (1988), na neurose obsessiva a relação inicial com a figura materna é marcada por aspectos singulares, intimamente ligados à especificidade da dinâmica psíquica materna. Segundo Dorey (1988), a mãe dirige ao filho intenso desejo erótico, o qual se torna para ela fonte de forte angústia – o que a conduz a recalá-lo, como forma de defesa. Este destino dado ao desejo erótico dirigido ao filho influenciará preponderantemente o modo de relação que a mãe virá a estabelecer com ele. O autor considera o desejo de sedução que a mãe dirige ao bebê, e o destino que ela dá a tal desejo – o recalque – como fatores determinantes da problemática obsessiva.

Neste contexto, o modo de a mãe relacionar-se com o filho caracteriza-se predominantemente por ser marcado por formações reativas ao desejo recalcado, ou seja, por “(...) expressões invertidas de um desejo reprimido, de natureza erótica”

(DOREY, 2003, p.120). Isso pode traduzir-se, dentre outros aspectos, em uma mãe que tende a exercer controle onipotente sobre o filho, exigindo dele total submissão. Trata-se de uma mãe que investe seu filho de maneira reativa, como forma de contrainvestimento ao desejo recalcado.

Dorey (1981) nos alerta que é importante que estejamos atentos para a ação de uma sedução efetiva. A especificidade da sedução na problemática obsessiva é que a dimensão erótica não está presente de forma direta, mas age através de formações reativas. Para o autor, esses aspectos constituem a base de uma relação primária de caráter traumático, em que a mãe situaria o bebê na posição de objeto do seu desejo. Embora o desejo excessivo e violento que a mãe dirige ao filho seja recalcado, é ele que comanda o modo de relação que ela estabelece com o filho. O bebê é confrontado com a efetividade do desejo que a mãe lhe dirige. A posição que a mãe ocupa é de poder, mantendo o bebê em uma posição de submissão, de passividade. Isso, além de indicar o recalque pela mãe do desejo erótico dirigido ao filho, indica também a sua recusa ao desejo erótico que o filho lhe dirige.

De acordo com Dorey (2003), essa relação de caráter traumático com o objeto materno, que caracteriza a neurose obsessiva, comportaria uma dimensão identificatória. Esta resulta de um duplo processo: por um lado, a mãe trata seu filho como objeto sexual diferenciado, como objeto de seu desejo; por outro lado, a criança adota essa posição, identificando-se com a posição de objeto de desejo materno. A mãe, que deveria recusar essa posição adotada pelo filho, reforça-a, colocando-o nesse lugar. O sujeito torna-se, então, prisioneiro dessa origem, desse tipo de relação que deixa uma marca – marca da figura daquele que exerce o domínio – e condenado a repeti-la indefinidamente. O obsessivo permanece submetido ao poder materno, em uma posição de passividade diante da marca deixada por esta relação. Detalharemos melhor este aspecto posteriormente.

Ao situar o bebê na posição de objeto de seu desejo, mãe busca mantê-lo sob seu domínio, não reconhecendo sua singularidade, sua diferença. Isso aponta para uma vivência marcada pela ausência do reconhecimento da diferença que o outro traz. Estamos diante da peculiaridade de uma indiferença experimentada no encontro com o outro. Moraes e Macedo (2011) denominam *vivência de indiferença* tal vivência. As autoras destacam que “Entende-se, nessa leitura, por *indiferença* uma qualidade de violência imposta à criança por parte do adulto em um tempo primordial de estruturação do psíquico” (MORAES & MACEDO, 2011, p. 42).

A função materna, no cenário da indiferença, evidencia a impossibilidade de captar os movimentos e as demandas da criança, que são expressões de diferença que, em sua existência, ela dirige à mãe.

Na definição de indiferença, cabe destacar que não se trata do desdém da oferta por parte do adulto ao outro (a criança), mas sim de uma marca de não reconhecimento daquilo que é mais próprio da singularidade desse outro: *seu existir*. Na indiferença predomina dramaticamente o não reconhecimento da diferença que a existência do outro aporta a esse encontro inicial e que se reproduz na apropriação do sentido de existência da criança (MORAES & MACEDO, 2011, p. 43. Grifos do original).

Ao não ser percebida na diferença de sua existência, a criança fica prisioneira de um registro mudo, porém com força de matriz. Em harmonia com as autoras, destacamos que não se trata de pensar em um funcionamento psicótico, mas sim em uma dinâmica de construção narcísica alicerçada na dificuldade de relação com o outro, com sua diferença, a qual busca incessantemente apagar. Encontramos uma forma singular de constituição narcísica, que não implica uma impossibilidade de diferenciação com o outro, mas sim acentuada dificuldade de lidar com a diferença. “O que se imprime não é a ausência de objeto (psicose), mas sim a alternância, a instabilidade e a fragilidade no sentido da diferença e da implicação do outro com o Eu incipiente” (MORAES & MACEDO, 2011, p. 45). Não se trata de um eu desestruturado, mas de um eu permanentemente ameaçado pela diferença do outro. Isso será enfrentado por meio da busca incessante do domínio do outro. Não há uma ruptura com a realidade, mas a tentativa de seu domínio.

A condenação aqui se dá à medida que a indiferença será a herança da qual o ego não conseguirá se apropriar, e que virá a repetir indefinidamente. O ego permanecerá capturado por esse modo de relacionar-se com o outro, buscando sempre dominá-lo, combater sua diferença. Aquilo que foi dirigido a ele é dirigido ao outro. A violência da tentativa de negar o outro em sua diferença denuncia a precariedade da capacidade de investir. “Se o que lhe foi ofertado é a indiferença, como será possível amar?” (MORAES & MACEDO, 2011, p. 71). “Como poderá fiar-se no outro se não pôde ter um fiador?” (Id., *ibid.*, p. 72). Isso evidencia as rupturas na construção do ego, na construção narcísica. Trata-se de uma situação em que a busca do domínio do outro surge como limitado recurso de defesa de si mesmo.

As ideias de Kristeva (1988) nos indicam outros aspectos importantes para enriquecermos nossa compreensão acerca da vivência de indiferença, dessa situação de sedução traumática que caracteriza a relação entre a mãe e o bebê. De acordo com a

autora, a mãe do obsessivo pode ser caracterizada, em grande parte dos casos, como uma mãe deprimida, mas com uma singularidade: ela procuraria encobrir a sua doença através de uma atividade exacerbada, por meio de formações reativas. A autora põe em destaque essa forma singular de lidar com a angústia por meio de formações reativas. Ou seja, a relação com o bebê torna-se recurso defensivo, o que evidencia a dificuldade de efetivamente investi-lo, evidencia a indiferença que a mãe dirige ao filho.

O que nos interessa destacar das proposições de Kristeva é a ideia de a relação estabelecida com o filho ser usada como recurso defensivo contra a angústia. Segundo Freud (1927/2006), a mãe deveria ser a primeira proteção contra a angústia, deveria servir inicialmente de para-excitação para o bebê. Neste caso, parece haver uma inversão: a relação com o bebê passa a ser uma forma de a mãe defender-se da angústia, e o bebê lhe serve de para-excitação.

Kristeva (1988) propõe que, em função do caráter traumático da relação estabelecida com a figura materna, o obsessivo manteria a “mãe enterrada” em seu psiquismo. Porém, adverte que o que ela denomina “mãe enterrada” não deve ser confundido com o que André Green propõe a partir de sua noção de “complexo da mãe morta.” Procurando enriquecer nossa compreensão acerca da noção que Kristeva denomina “mãe enterrada”, seguiremos sua indicação e procuraremos investigar as diferenças existentes entre esta e a noção de “complexo da mãe morta”. Para tal, primeiramente, abordaremos de forma breve algumas das principais ideias propostas por Green (1988a) acerca deste complexo.

O “complexo da mãe morta” é caracterizado por uma depressão grave da mãe, por um desinvestimento radical e temporário de seu filho, antecedido por um período de investimento normal. Em um primeiro momento, a criança sente-se o centro do universo materno e, repentinamente, vê-se atingida pela perda de seu amor e de seu investimento. Esse desinvestimento provoca a morte da imago materna no psiquismo da criança: embora viva, a mãe torna-se psiquicamente morta para a ela. É como se uma catástrofe tivesse atingido a relação entre a mãe e o bebê.

A tristeza e a falta de interesse pela criança representam uma ruptura no investimento materno. Green (1988a, *op. cit.*) sublinha que isto pode ocorrer em função da perda de algum membro da família, de separação, infortúnio ou humilhação que provoque o recolhimento materno em torno de um processo de luto. Diante desse desinvestimento materno há, por outro lado, um movimento de desinvestimento do objeto materno por parte da criança. Isso implica uma identificação inconsciente com a

mãe morta, mas trata-se, no caso, de uma identificação de tipo especular por meio da qual o sujeito torna-se o próprio objeto. Ao invés de permitir uma separação, este tipo de identificação promove íntima união entre a mãe e a criança, impossibilitando a elaboração da experiência de perda. Este complexo, segundo o autor, é aspecto essencial para pensarmos os estados limites.

A “mãe enterrada”, incrustada no psiquismo, da qual falávamos anteriormente à luz das postulações de Kristeva (1988), não se confunde com essa descrição que Green faz do que ele denomina “complexo da mãe morta”. Ao contrário, diz respeito a uma mãe inelutavelmente “viva”, demasiadamente presente, que exerce seu domínio ininterruptamente. A figura da “mãe enterrada” está referida a um estado de aprisionamento a um modo singular de relação com o objeto materno, a uma identificação ao modo de relação estabelecida com o objeto materno e, em especial, à identificação com a posição de objeto de desejo materno.

Kristeva destaca a diferença importante entre as crianças que, no início da vida, recebem entusiasmo e carinho e, em seguida, são postas de lado (em função de repentino desinvestimento) e aquelas que, desde o início, têm sua relação com a figura materna marcada por formações reativas. À primeira vista, poderíamos pensar que ambas estão expostas ao mesmo fenômeno: a impossibilidade de efetivo investimento materno. Porém, o caráter abrupto da exposição da criança no primeiro caso e, no segundo, a preponderância de formações reativas, estabelecem nuances determinantes.

No primeiro caso, estamos diante de uma ruptura no investimento materno: a mãe torna-se uma “mãe morta”, à qual o bebê se identifica de forma especular. Já no segundo caso, as formações reativas que a mãe dirige ao bebê indicam a posição em que ela o situa, de objeto de seu desejo. Neste caso, o bebê identifica-se a esta posição, permanecendo aprisionado à relação onipotente que estabelece com a figura materna. Isso se constituirá como ponto de limite do trabalho de luto diante da perda do objeto primário, mantendo-o, nos termos de Kristeva (1988), “enterrado” no psiquismo do sujeito.

Portanto, estabelece-se uma relação singular entre o bebê e a mãe, uma relação de domínio, na qual a mãe mantém seu poder situando o bebê na posição de objeto do seu desejo. Em outras palavras, mantém seu poder através da indiferença que dirige a ele. Como vimos, em função do recalque do desejo erótico que a mãe dirige ao bebê, isso é feito principalmente por meio de formações reativas. O aspecto principal que caracteriza as formações reativas é o ódio.

É através do ódio que a mãe contrainveste o desejo erótico que dirige ao bebê, sendo também uma forma de o manter na posição de objeto de seu desejo, uma forma de defender-se de sua singularidade. Estamos diante de uma relação de domínio alicerçada no ódio. Isso evidencia prejuízo da capacidade materna de ocupar o lugar de quem percebe, traduz e atende a uma demanda psíquica oriunda da condição assimétrica referente ao desamparo do bebê, evidencia a indiferença que a mãe dirige ao bebê. Dessa forma, o ódio adquire relevância fundamental para enriquecermos nossa compreensão acerca da singularidade do modo de relação que se estabelece entre a mãe e o bebê na neurose obsessiva. Detalharemos este aspecto a seguir.

II.2.1 O ódio materno

O ódio tem papel fundamental para a diferenciação entre o eu e o objeto. Freud, no texto “Os instintos e suas vicissitudes” (1915/2006), indica que o amor está ligado à relação do eu com suas fontes de prazer; o ódio, ligado à relação com o que é estrangeiro, com o que provoca desprazer. Originariamente o amor corresponde à incorporação no eu dos objetos que são fonte de prazer, já o ódio corresponde à expulsão, o colocar à distância o que causa desprazer, fundamental para a construção da diferença entre o eu e o objeto, da distinção entre o interno e o externo. Inicialmente, o ódio tem uma função de separação e diferenciação sujeito/objeto. O ódio origina-se da luta do eu por sua conservação e afirmação, uma forma primitiva de reação ao desprazer. Portanto, inicialmente o ódio é dirigido ao objeto primário como uma forma de o bebê manifestar seu desprazer, uma forma arcaica de afirmação de si.

Dorey (1986) destaca que o destino do ódio no psiquismo está diretamente ligado à posição adotada pela mãe ante as manifestações de ódio do bebê e à posição que ela atribui ao bebê na ordem do seu desejo. Como vimos, é por meio de formações reativas ao desejo erótico dirigido ao bebê que o investimento materno manifesta-se, sendo o ódio seu aspecto fundamental. A mãe utiliza a relação com o bebê como recurso defensivo contra a angústia. A mãe adota uma posição de poder, exigindo que o bebê se adapte a ela, negando sua diferença, tolerando mal as reações que escapem ao seu controle. A mãe se mostra intolerante às manifestações de ódio do bebê, e busca extingui-las, reforçando a relação de domínio que mantém com ele. Segundo Chabert (1992), as manifestações de ódio provenientes do bebê recebem uma resposta também

marcada pelo ódio por parte da mãe, pois ela não aceita manifestações que escapem ao seu controle onipotente.

Jeammet (2005) indica que o ódio é recurso utilizado frequentemente quando a relação com o objeto põe em risco o equilíbrio narcísico, ou seja, quando a integridade narcísica é ameaçada. É contra a separação que a mãe luta aqui, buscando extinguir as reações cheias de ódio do bebê; seu objetivo é que ele permaneça submetido ao seu domínio. Neste contexto, o ódio torna-se uma forma de ligação passional e destrutiva, que mantém o sujeito aprisionado à onipotência infantil.

Isso nos permite compreender a singularidade do destino dado ao ódio na dinâmica obsessiva. Essa resposta materna – marcada pelo ódio – faz com que o bebê deixe de manifestar o ódio e, além disso, se torna fonte de sentimento de culpa. A mãe responde ao ódio dirigido a ela também através do ódio; recusa a separação e repudia qualquer manifestação de ódio proveniente do bebê, o que faz com que ele recalque o seu ódio, em função do medo da perda do amor (CHABERT, 1992). Stein (1988) destaca que, quando as manifestações de ódio do bebê provocam reações maternas também marcadas pelo ódio, isso faz com que o bebê retorne sobre si mesmo o ódio que não pôde ser dirigido a ela. Este aspecto poderia ser enunciado da seguinte maneira segundo o autor: “Desde o dia de meu nascimento, o ódio de minha mãe caiu sobre mim: eu me odeio” (STEIN, 1988, p. 37).

Cabe ressaltar que a relação que se estabelece entre a mãe e o bebê não é marcada por agressividade manifesta, mas o que, predominantemente, se pode observar é uma solicitude exagerada, atenção devotada e disponibilidade incondicional que visam o domínio sobre o bebê, indicando o ódio subjacente (DOREY, 1988). O ódio que a mãe dirige ao bebê age de forma silenciosa e visa, em última instância, negá-lo em sua alteridade, negá-lo em sua diferença – mantê-lo como parte de seu universo, procurando fazer frente ao desejo que dirige a ele e ao desejo que ele lhe dirige. Assim, através do ódio, a mãe mantém o bebê na posição de objeto do seu desejo e, além disso, opõe-se a todo investimento libidinal proveniente dele. Essa forma de relação alicerçada no ódio visa, em última instância, ocultar a ausência do objeto, tanto para a mãe quanto para o filho. “O ódio sela um pacto de fidelidade eterna com o objeto primário” (GREEN, 2003, p. 104). Portanto, o ódio, que deveria abrir o caminho para a separação do objeto primário, não pode ser expresso, sendo recalçado – o que dificulta tal separação.

Como estamos procurando mostrar, o obsessivo estabelece com a mãe uma relação violenta, marcada pelo ódio. Por um lado a mãe recalca seu desejo erótico pelo

filho e, por outro, investe-o através do ódio, de forma reativa, como objeto sexual privilegiado. O ódio sela um pacto entre o bebê e a mãe que a mantém, nos termos de Kristeva, “enterrada” em seu psiquismo.

Isso indica que há elementos dessa relação que não puderam ser processados, e permanecem incrustados no psiquismo do sujeito. Este aspecto mobiliza nossa atenção, pois o consideramos de fundamental importância para avançarmos em nossa investigação acerca dos aspectos subjacentes à problemática do domínio na neurose obsessiva. Em nosso ponto de vista, esses elementos que não puderam ser processados podem ser pensados como mensagens transmitidas pela figura materna, mensagens que o bebê não pôde processar. Surge então a questão: Qual a natureza das mensagens que a mãe dirige ao bebê nessa relação marcada pelo ódio e pela indiferença?

Acreditamos que a investigação sobre a especificidade dessas mensagens pode nos ajudar a encaminhar nossa interrogação.

II.2.2 Mensagens maternas

Visando compreender melhor as consequências do encontro entre a mãe e o bebê na neurose obsessiva, encontro marcado por uma dimensão de sedução traumática, nós nos voltamos para uma investigação sobre a categoria de mensagens. Procuraremos investigar especialmente por que as mensagens veiculadas pela figura materna permanecem “enterradas” no psiquismo do obsessivo. Para tal, inicialmente, nos dedicaremos a uma breve exploração das ideias principais de Jean Laplanche referentes à categoria de mensagens, que consideramos de grande relevância para nossa investigação. Nosso guia para essa exploração será a análise realizada por Marta Rezende Cardoso (2002) em seu livro intitulado *Superego*.

A categoria de mensagens é proposta por Laplanche no escopo de sua teoria da sedução generalizada. A noção de sedução aparece como elemento fundamental nesta teoria; através dela, o autor afirma a prioridade do outro na gênese e no funcionamento psíquico. A partir de suas proposições, a sedução deixa de ser pensada como histórica ou factual e passa a ser postulada como base principal da constituição da sexualidade humana. Nas palavras de Cardoso:

Esta teoria é centrada na categoria de mensagens e parte do pressuposto de uma confrontação da criança com o adulto sedutor, confrontação com mensagens sexuais que são enigmáticas, porquanto o são para o próprio adulto. Estas mensagens ultrapassam em larga medida as capacidades de domínio da criança ‘penetrada’ pela sexualidade

inconsciente do adulto, o que constitui o fundamento de uma situação de passividade originária (CARDOSO, 2002, p. 73).

Inicialmente as mensagens que chegam até a criança são mensagens enigmáticas, cujo significado sexual é ignorado tanto pela criança quanto pelo adulto sedutor, pois são inconscientes para o adulto. “São as fantasias sexuais inconscientes dele [adulto sedutor] que vão implantar-se na criança e é a partir destas fantasias que a ‘experiência de satisfação’ da criança adquirirá um caráter sexual” (CARDOSO, 2002, p. 76).

Neste primeiro tempo, a criança está em situação de passividade absoluta diante das mensagens que chegam do outro, pois ainda não é possível exercer o trabalho de tradução. O processo tradutivo é o próprio processo de constituição do psiquismo. O adulto sedutor impõe sua sexualidade inconsciente, mas ao mesmo tempo oferece os recursos necessários para um trabalho de tradução, para dar início a um processo tradutivo.

As mensagens advindas do outro podem ser tanto intrometidas quanto implantadas no psiquismo da criança. As mensagens implantadas são traduzidas e os restos de tradução constituirão o recalçado; já as mensagens intrometidas são resistentes à tradução, rebeldes a qualquer tentativa de apropriação, elementos que o psiquismo não é capaz de metabolizar nem de recalcar. “Neste sentido é preciso conceber um processo comum, estruturante, e sua variante violenta” (CARDOSO, 2002, p. 106). Pode haver um fracasso parcial da tradução – o recalçado – e um fracasso em traduzir – mensagens intraduzíveis que não chegam a ingressar no processo tradutivo.

Assim, em relação a certas mensagens, o sujeito permanecerá na posição de passividade absoluta, o que põe em relevo um aspecto não metabolizável do outro. Elementos advindos do outro que não são passíveis de tradução – elementos intraduzíveis – passam a habitar o psiquismo do sujeito, ou seja, certos elementos das mensagens do outro se intrometem de maneira violenta em seu psiquismo. Isso evidencia a impossibilidade do ego de integrar ou recalcar tais elementos em seu território.

As mensagens que não ingressam no processo tradutivo, ou seja, que são intraduzíveis, permanecem no psiquismo como enclaves, como corpo estranho não metabolizável. Porém, é preciso que fiquemos atentos a que somente a partir do processo do recalçamento se pode supor que certas mensagens não ingressarão no processo tradutivo, permanecendo como enclaves. Dessa forma, não há mensagens intraduzíveis em si mesmas: a singularidade das mensagens provenientes do outro e a

capacidade de tradução do ego são os principais aspectos implicados na formação dos enclaves. A especificidade das mensagens enviadas pelo outro e a precariedade dos recursos tradutivos que ele oferece – e que irão constituir o espaço egoico – são indissociáveis.

Segundo Cardoso (2002), o caráter particular de determinadas mensagens se deve ao fato de que estão enclavadas também no próprio outro. Isso aponta para a necessidade de considerarmos o “estrangeiro” que reside no interior do próprio outro. Aqui estamos diante de um “estrangeiro radical” que reside no interior do outro e que é intrometido no psiquismo do sujeito. A intromissão está ligada à “realidade das mensagens” advindas do outro; como aponta Cardoso (2002), podemos falar aqui em uma “intromissão do outro”.

Essas mensagens deveriam ser consideradas antes como ‘mensagens-veredictos’, veredictos sexuais, veiculando uma espécie de ‘sentença’ à qual o indivíduo pode se ver defrontado, que pode ser condenado a repetir, sem no entanto poder torná-la sua, dela se apropriar. O caráter fechado da mensagem resultaria, dentre outras coisas, do fato de que a mensagem dirigida encontra-se, neste caso, paradoxalmente centrada, de maneira absoluta e cristalizada, no próprio remetente (CARDOSO, 2002, p. 115).

Essas mensagens que permanecem enclavadas no psiquismo do sujeito constituem um “corpo estranho”, que não se confunde com o recalcado, o que indica diferentes níveis de estraneidade habitando o psiquismo: “(...) a força pulsional excessiva constitui, ela mesma, uma exterioridade, uma ‘diferença’ em relação ao espaço egoico” (CARDOSO, 2007/2010, p. 84).

Laplanche denomina as mensagens advindas do outro como mensagens enigmáticas, sendo que seu destino no psiquismo pode ser diferente: a implantação ou a intromissão, como vimos. Cardoso (2011) enriquece as proposições de Laplanche quando destaca que o que caracteriza as mensagens que não ingressam no processo tradutivo é a ausência de enigma, de recobrimento da sedução, é sua literalidade. A autora propõe chamar de mensagens *ultraclaras* tais mensagens que são intrometidas no psiquismo e que permanecerão enclavadas: mensagens que, ao invés de oferecer um enigma ao sujeito, oferecem a literalidade da situação.

A categoria de mensagem e seu caráter de intromissão descortina uma via que acreditamos enriquecer nossa discussão acerca da relação que o obsessivo estabelece com a figura materna. Como vimos, na neurose obsessiva a sedução traumática que a mãe exerce sobre o bebê é marcada por formações reativas a um desejo erótico que ela lhe dirige, sendo o ódio a principal delas. Isso constitui uma relação marcada pela

indiferença, pelo não reconhecimento daquilo que é próprio da singularidade do bebê. Tendo isso em vista, consideramos que as mensagens que a mãe envia ao bebê não podem ser consideradas mensagens enigmáticas; ao contrário: são mensagens ultraclaras, mensagens destituídas do enigma, do recobrimento próprio à sedução. Trata-se, como vimos, de uma sedução traumática em função de seu caráter excessivo e violento.

Dessa forma, acreditamos que a sedução traumática possa ser pensada como o confronto com mensagens maternas de caráter violento, mensagens ultraclaras, às quais o sujeito fica aprisionado, pois, como destaca Cardoso, “Aquilo que não pode ser traduzido só faz repetir-se como um imperativo” (CARDOSO, 2002, p. 132). Portanto, a mãe veicula elementos não metabolizáveis, que possuem caráter imperativo, expondo o bebê à literalidade de um veredicto, que ele é condenado a repetir.

Estamos diante da intromissão do outro no psiquismo, o que para Laplanche (1980/1987) caracteriza uma posição de passividade, pois para ele a passividade está ligada à impossibilidade de simbolizar aquilo que do outro é intrometido no psiquismo. Isso põe em destaque a dimensão de poder absoluto do outro, poder absoluto da mãe que transmite mensagens que não poderão ser transformadas, que transmite uma herança da qual o sujeito não poderá se apropriar. Esses elementos permanecem como elementos externos, como um outro externo no interior do psiquismo, como uma “alteridade radical”, como aponta Cardoso (2007/2010). Coloca-se a questão do poder do outro no interior do espaço psíquico. Queremos desde já destacar, apoiados nas ideias de Cardoso (2002), a íntima articulação entre as mensagens intraduzíveis que a mãe envia ao bebê e a constituição do superego. Retomaremos a discussão deste aspecto no quarto capítulo.

A separação entre a mãe e o bebê não se dá de forma efetiva; elementos das mensagens que a mãe dirige a ele permanecem “enterrados” em seu psiquismo, o que mantém o sujeito aprisionado ao modo de relação estabelecido com a figura materna. Nós nos perguntamos como a figura paterna participa deste contexto – ou mesmo se participa – pois esses aspectos citados podem nos levar a pensar que o desejo materno dirige-se ao filho e não ao pai, o que inicialmente parece excluí-lo desta relação. Resta a questão: o pai estaria excluído da relação que se estabelece entre mãe e filho?

Até este momento procuramos indicar o papel fundamental que a relação estabelecida com o objeto primário desempenha na neurose obsessiva, contrariando, inclusive, como destacamos anteriormente, a tendência de grande parte dos estudos

sobre a neurose obsessiva. Em nosso ponto de vista, embora os aspectos relacionados à relação estabelecida com a figura materna sejam fundamentais para compreensão desta patologia, como procuramos mostrar, compreendê-la apenas a partir de tais aspectos empobreceria sobremaneira nossa investigação.

O relevo dado a este aspecto não consiste numa tendência a negar a importância da problemática edipiana: temos a intenção de apontar também a importância e a singularidade do papel paterno nesse processo. Queremos apenas pontuar que a consideração da problemática edipiana para a compreensão da neurose obsessiva é fundamental, mas a centralização de sua compreensão apenas em tal problemática pode promover o seu obscurecimento. Assim, parece-nos indispensável que as referências paterna e materna sejam analisadas, uma vez que uma exploração conjunta desses dois registros poderá resultar em enriquecimento de nossa compreensão.

Consideramos que tanto a relação primária quanto o referencial edipiano se acham em profunda e íntima articulação, já que se inter-relacionam e influenciam mutuamente. Dessa maneira, visando enriquecer a compreensão da complexidade da neurose obsessiva, procuraremos mostrar como a problemática primária e a problemática edipiana apresentam um particular entrecruzamento, formando o alicerce sobre o qual se constitui esta patologia.

A seguir, vamos nos dedicar à análise dos elementos mais diretamente voltados para o lugar que o pai ocupa na problemática obsessiva, indicaremos a importância e a singularidade do papel paterno nesta problemática, especialmente seu papel fundamental na relação que se estabelece entre a mãe e o bebê. Em outras palavras, daremos relevo à singularidade da problemática edipiana na neurose obsessiva. Além disso, procuraremos mostrar como a incidência precoce da problemática edipiana pode, por sua vez, mascarar e até mesmo impedir que se leve em consideração o papel fundamental que a relação estabelecida com o objeto primário desempenha nessa patologia.

II.3 Triangulação precoce

A referência paterna é de extrema importância no momento de constituição do sujeito, quando ocorre o processo de diferenciação em relação ao outro. No complexo de Édipo, a entrada do pai vem possibilitar a ressignificação da relação indiscriminada entre a mãe e o bebê, indicando que ele não é o único objeto do desejo materno. Isso faz

com que a criança depare-se com o desejo que a mãe dirige ao pai e com o desejo que o pai dirige à mãe. Neste contexto a mãe torna-se proibida para a criança, que deixa de se considerar o único objeto do desejo materno. A figura paterna faz intervir uma instância interditora, que barra a satisfação dos desejos incestuosos e liga inseparavelmente o desejo à lei (LAPLANCHE & PONTALIS, 1982/2001).

Uma vez que permite a discriminação entre a mãe e o bebê, essa interdição tem fundamental importância para a subjetivação deste. O estabelecimento dessa relação triangular permite, então, a passagem da posição arcaica de onipotência ao reconhecimento dos limites entre o eu e o outro. O ingresso neste momento secundário significa, portanto, aceitar a perda do objeto primário, defrontar-se com o mundo da alteridade e renunciar aos desejos primitivos.

Assim, a referência paterna tem como função a imposição de um limite na relação primária, permitindo a separação entre a mãe e o bebê, ou seja, estabelecendo a interdição dessa relação onipotente. Como vimos, a separação entre a mãe e o bebê não se dá de forma efetiva na neurose obsessiva, elementos das mensagens que a mãe dirige ao bebê permanecem “enterrados” em seu psiquismo, o sujeito permanece aprisionado à figura materna, o que nos conduz a pensar que o interdito não consegue se estabelecer de forma consistente. Tendo isso em vista, procuraremos investigar como ocorre o processo de interiorização do interdito nesta patologia.

A figura paterna parece não ter relevância para pensarmos a relação entre a mãe e o bebê na problemática obsessiva. Porém, contrariando essa ideia, Lachaud (2007) nos adverte que é fundamental investigarmos o papel aí desempenhado pelo pai. A autora realiza análise muito rica da relação entre o obsessivo e sua mãe, destacando o quanto é importante para sua compreensão que estejamos atentos para a posição ocupada pela figura paterna.

Lachaud (2007) propõe que a insatisfação materna, articulada à indiferença paterna, constitui o alicerce sobre o qual é construída a relação com o bebê. A mãe buscaria o pai, que é indiferente a ela, mas faria isso de forma “vingativa”, mostrando a ele que já possui outro objeto de desejo. Para a autora, a mãe situa o filho na posição de objeto de seu desejo, como forma de responder à indiferença¹ paterna. A relação

¹ O termo indiferença está sendo usado aqui em seu sentido convencional, que indica o menosprezo, a qualidade de ser indiferente; em contraste com o sentido que Moraes e Macedo (2011) conferem ao termo quando falam na *vivência de indiferença* que abordamos anteriormente.

estabelecida com o filho passa a ser uma “ferramenta” utilizada pela mãe para tentar atingir o pai, em busca de seu investimento.

Por um lado, a relação estabelecida com o bebê é utilizada como uma espécie de “vingança” dirigida ao pai, em função de sua indiferença. É principalmente através do filho, da posição em que o situa, que a mãe põe em evidência a impotência paterna. Por outro lado, indica também uma tentativa materna de convocar o investimento paterno. A relação estabelecida com o bebê estaria, em última instância, referida ao pai. Dessa forma, mesmo situando o filho na posição de objeto de seu desejo, o desejo materno continua referido ao pai, procura evidenciar sua impotência e também convocar seu investimento. Logo, há um desejo erótico dirigido ao filho, que traz subjacente um endereçamento ao pai.

O ponto que queremos destacar em harmonia com a autora é que a figura paterna está desde o início implicada na relação que a mãe estabelece com o bebê. O bebê é exposto à violência de uma triangulação precoce: a problemática edipiana invade a relação primária. A mãe situa a figura paterna em posição de impotência. Faz isso colocando o bebê no lugar de objeto de seu desejo, impondo-lhe, de forma violenta, uma triangulação precoce. “O desejo da mãe, apesar do lugar que ela faz seu rebento ocupar, não será mais satisfeito, já que é apenas uma estratégia cuja mensagem se endereça ao pai” (LACHAUD, 2007, p. 59). O obsessivo encontra-se ao mesmo tempo com a insatisfação materna e com a impotência paterna, ao ser situado na posição de objeto do desejo materno, encontrando-se, assim, precocemente com a problemática edipiana.

A função paterna não é recusada pela mãe: ao contrário, é um dos fatores determinantes do modo de relação que ela estabelece com o filho. O pai está presente, mas é desqualificado pela mãe, que põe em evidência sua impotência. É através da desqualificação materna que o pai será apresentado ao filho. A mãe sinaliza o pai, porém sinaliza-o como impotente.

A criança, ao voltar-se para figura paterna, verá um pai impotente, que não faz nada repreensível, mas também não faz nada para intervir com relação ao domínio que a mãe exerce sobre ela. Em outras palavras, a mãe situa o filho no lugar de objeto de seu desejo, como forma de tentar atingir o pai. Ele, porém, não responde, não intervém: permite ao filho ocupar o lugar que seria seu. O pai está presente, mas não enuncia seu interdito, mantém-se na posição que a mãe lhe atribui, mantém-se como figura desvitalizada, impotente (LACHAUD, 2007). Embora o pai esteja na base desta forma

de relação que se estabelece entre mãe e filho, em função desta ele é destituído de sua posição de interditor. Tal destituição é aceita pelo pai. Ele não intervém, não faz valer sua lei: falha em sua função. É preciso salientar, portanto, que há cumplicidade paterna na relação que a mãe estabelece com o bebê.

Neste contexto a interdição é enunciada pela mãe. Porém, o interdito que a mãe impõe à sexualidade da criança não é estruturante, pois não está referido à lei paterna, mas a um interdito pessoal – e, além disso, é um interdito que se contradiz, que é essencialmente ambíguo. A interdição que a mãe coloca para o filho, segundo Dorey, pode ser enunciada da seguinte maneira: “Tu és o objeto do meu desejo; eu te interdito de desejar” (DOREY, 1981, p. 158. A tradução é nossa). A mãe interdita o obsessivo de desejar, ao mantê-lo na posição de objeto do seu desejo. Desejar torna-se transgressão, um crime cometido contra o interdito materno. Diferentemente da lei paterna que liga o desejo à lei, a lei materna liga o desejo à transgressão, ao crime, interditando assim a satisfação.

Dessa forma, a elaboração do complexo de Édipo fica comprometida, não há um desligamento definitivo dos objetos incestuosos. O obsessivo permanece aprisionado ao interdito materno, o que faz com que o desejar se torne uma ameaça à manutenção de sua coesão narcísica, pois desejar torna-se crime. É a interiorização da lei paterna que delimita um território onde o desejo pode manifestar-se sem representar ameaça à coesão narcísica.

O registro primário e o registro edipiano entrecruzam-se precocemente, tal entrecruzamento será o alicerce sobre o qual a neurose obsessiva se constituirá. O luto referido à perda do objeto primário encontra um ponto de limite em função de a relação entre a mãe e o bebê ter sido invadida por uma triangulação precoce. Então, o encaminhamento da problemática edipiana não ocorre de forma efetiva, em virtude da impossibilidade de efetiva separação do objeto primário, da impossibilidade do estabelecimento de efetiva interdição.

As ideias propostas por Dorey são enriquecidas com as contribuições de Lachaud: subjacente ao modo de relação que a mãe estabelece com o bebê está a ação de uma triangulação precoce, o que provoca sexualização excessiva de tal relação. Em função disso, defensivamente, a mãe recalca o desejo erótico que dirige ao filho – o qual está em última instância referido ao pai. Isso fará com que a relação entre ela e o bebê seja marcada por formações reativas a tal desejo recalcado, sendo o ódio a principal delas. Em nosso ponto de vista, as ideias de Lachaud (2007) complexificam nossa

análise da relação estabelecida com o objeto primário na neurose obsessiva, especialmente por possibilitarem uma articulação – a qual, como já mencionamos, consideramos fundamental – entre o registro primário e o registro edipiano.

A relação primária, marcada pela triangulação precoce, apresenta características singulares: a figura paterna desvitalizada não é capaz de estabelecer efetivo interdito e, assim, efetiva separação entre a mãe e o bebê. O pai, embora presente, não intervém na relação estabelecida entre o bebê e a mãe, não atende à convocação que a mãe lhe dirige ao situar o bebê na posição de objeto de seu desejo. Em função disso, o obsessivo permanecerá aprisionado à relação que estabeleceu com a figura materna. O modo de relação estabelecido com a figura materna tornar-se-á o protótipo da relação que o sujeito estabelecerá com o outro. O obsessivo tenderá a reproduzir, invertendo as posições, o modelo de relação onipotente que estabeleceu com a mãe. A relação com o outro se construirá preponderantemente via ódio e agressividade.

Na neurose obsessiva, como estamos procurando mostrar, a ação de uma triangulação precoce compromete a elaboração do complexo de Édipo. A impossibilidade de efetiva separação do objeto primário faz com que a relação com o outro seja ancorada na oposição atividade/passividade e não na oposição masculino/feminino. O movimento de passagem a ativo ganha destaque, indicando a repetição de algo que o sujeito vive primeiramente de forma passiva e que repete adotando uma posição ativa. O domínio exercido pelo objeto primário se deu via ódio: através do ódio, a mãe o mantinha na posição de objeto de seu desejo; tornando-se ativo, o obsessivo busca dominar o objeto externo por meio do ódio. Neste ponto, levantamos a seguinte questão: Qual seria a dinâmica pulsional subjacente a esse modo de ligação ao objeto, marcado pelo ódio, pela busca por seu domínio?

II.4 Domínio e destrutividade

Visando aprofundar a compreensão acerca desta sideração em torno da busca de domínio, que tem lugar na neurose obsessiva, voltamo-nos agora para a questão da dinâmica pulsional que estaria subjacente a esse modo de ligação ao objeto. Para fazê-lo, vamos nos dedicar à análise das noções de “função objetalizante” e função “desobjetalizante”, de André Green. Partindo do estudo de Freud sobre o segundo dualismo pulsional, Green (1988b) afirma existir dois grandes mecanismos que dão conta da atividade da pulsão: para a pulsão de vida seria a ligação; para a pulsão de

morte, o desligamento. Green procura enriquecer tais proposições trazendo novos elementos.

O autor inicialmente ressalta que as pulsões de vida formam um conjunto bem mais amplo do que o da sexualidade. A sexualidade seria ligação, ou seja, não se poderia pensar a sexualidade sem o objeto, ainda que estejamos referidos ao registro do autoerotismo e do narcisismo. A partir disso, Green (1988b) desenvolve a ideia de que, se o grande mecanismo que serve para definir a ação da pulsão de vida é a ligação, o papel da pulsão de vida é o de assegurar uma função objetalizante, ou seja, ligar a pulsão ao objeto.

Esta função objetalizante não apenas concerne à criação de uma relação com o objeto (interno/externo), mas se revela capaz de transformar estruturas em objeto; pode fazer chegar à categoria de objeto aquilo que não possui nenhuma das qualidades, propriedades ou atributos do objeto, contanto que uma única característica se mantenha no trabalho psíquico realizado – um investimento significativo. Segundo o autor, este processo de objetalização não se limita a transformações de formações tão organizadas como o eu, mas pode dizer respeito a modos de atividade psíquica de tal maneira que, no limite, o próprio investimento pode ser objetalizado. O trabalho de luto é um processo fundamental para que a função objetalizante possa se exercer, pois é a possibilidade de interiorização do objeto, de sua negativização no psiquismo que possibilitará o investimento em objetos substitutos, ou seja, a função objetalizante.

Quanto à pulsão de morte, o autor destaca que a grande dificuldade é “(...) não podermos lhe atribuir, com a mesma precisão, uma função correspondente à da sexualidade com relação às pulsões de vida (ou de amor)” (GREEN, 1988b, p. 57). A forma característica de manifestação da pulsão de morte é a destrutividade, que pode estar intrínseca à pulsão de vida, como no sadomasoquismo, ou pode não estar, como nos casos graves de depressão, e que conduzem ao suicídio. Porém, nas neuroses graves e nas patologias narcísicas, pode-se encontrar formas de destrutividade mais ou menos aparentes. “É preciso notar que, em todas estas configurações clínicas [em que há a manifestação da destrutividade], o mecanismo dominante frequentemente invocado é o luto insuperável e as reações defensivas que ele suscita” (GREEN, 1988b, p. 57).

O autor nos mostra que, na base da destrutividade, da ação da pulsão de morte, estaria situada a problemática do trabalho de luto, mais especificamente de seu comprometimento: o luto que não é superado – a separação efetiva que não ocorre – suscita reações defensivas que mantêm o sujeito aprisionado ao objeto materno. Esse

aprisionamento indica a presença de obstrução do circuito pulsional que permanece fixado a um único objeto. Isso dificulta ou mesmo impede a constituição da função objetualizante.

Quanto à pulsão de morte, Green (1988b) postula a existência de uma função desobjetualizante, destacando que “(...) a função desobjetualizante, longe de se confundir com o luto, é o procedimento mais radical que se opõe ao trabalho de luto que está no centro dos processos de transformação característicos da função objetualizante” (GREEN, 1988b, p. 60-61). A pulsão de morte realiza a função desobjetualizante por meio do desligamento; não é somente a relação com o objeto que é impedida, mas também todos os seus substitutos, como é o caso do próprio investimento, se este tiver sofrido processo de objetualização. O que melhor ilustra o processo de desobjetualização é o próprio desinvestimento.

As contribuições de Green vêm auxiliar a compreensão da problemática do domínio na neurose obsessiva. A efetiva separação do objeto primário é indicada pelo autor como sendo de fundamental importância para a constituição da função objetualizante, ou seja, para a possibilidade de ligação da pulsão ao objeto. Como vimos, na neurose obsessiva a separação entre a mãe e o bebê apresenta limites importantes: o obsessivo fica aprisionado ao objeto primário, ao modo de relação com ele estabelecido. Isso permite a manutenção do investimento nos objetos, mas, como sinalizamos, isto se dá de forma muito limitada, restrita a uma relação de domínio. A função objetualizante parece comprometida, mas o desligamento não chega a vigorar.

A função objetualizante, como vimos, revela-se capaz de fazer chegar à categoria de objeto aquilo que não possui nenhuma das propriedades e atributos de um objeto a partir da manutenção de um investimento significativo. Como estamos procurando mostrar ao longo de nossa discussão, para o obsessivo, desde o início de sua vida, a problemática do domínio constitui o aspecto principal da relação com o objeto. Esta é, inclusive, a marca fundamental da relação travada com a figura materna, que, através da indiferença que dirige ao bebê, o mantém sob domínio.

Seguindo as pontuações de Green, talvez possamos pensar que, neste caso, a função objetualizante está cristalizada na busca pelo domínio do objeto, ou seja, cristalizada na relação de domínio. A possibilidade de ligação ao objeto é mantida, porém só pode se efetuar por meio desse modo de relação. Isso torna o ódio a forma privilegiada de ligação com o objeto. Gurfinkel (2005) pensa este investimento que se dá através do ódio como uma ligação às avessas, como um *investimento negativo*. O

autor considera o ódio como uma faceta negativa de um complexo investimento de objeto, o qual garante a preservação da relação com o objeto, porém à condição de dominá-lo. Neste contexto, a possibilidade de um encontro amoroso é suplantada pela busca de domínio.

Pensamos, então, ser possível supor a ação de uma dimensão destrutiva na neurose obsessiva, que não se dá, no entanto, pela ação da função desobjetalizante, mas de uma limitação significativa da função objetalizante, que fica restrita à busca de domínio do objeto. O obsessivo permanece, portanto, siderado pela busca de domínio, sendo essa a forma preponderante, se não a única, de ligação com o outro. O ódio e a agressividade são os principais recursos utilizados na tentativa de dominar o objeto externo. Isso engendra uma forma muito particular de relação com o outro, como veremos a seguir.

II.5 Singularidade da relação de domínio

Encontramos na neurose obsessiva uma busca imperiosa pelo domínio do outro, sendo esta a forma do obsessivo ligar-se ao objeto. Como nos adverte Dorey (2003), a busca pelo domínio não é uma forma de ligação ao objeto exclusiva da neurose obsessiva; o autor indica a perversão como outra patologia em que a relação com o objeto é marcada pela busca por seu domínio. Tendo isso em vista, a necessidade de investigarmos a singularidade da relação de domínio que o obsessivo estabelece com o outro se torna preponderante para avançarmos na compreensão desta patologia.

Procuraremos investigar a especificidade desta forma de relação com o objeto que caracteriza a neurose obsessiva. Para tal, acreditamos que um breve contraponto com a forma como o domínio é exercido na perversão nos auxiliará a demarcar com mais clareza a especificidade de seus contornos. Cabe ressaltar que abordaremos a problemática perversa de maneira restrita, limitando-nos a considerações acerca da especificidade da relação de domínio que lhe é própria. Não temos em nosso trabalho o objetivo de realizar uma discussão aprofundada acerca desta patologia, mas sim explorar alguns aspectos referentes ao modo de relação estabelecido com o objeto em contraponto à problemática obsessiva, visando delimitar com maior precisão a singularidade desta última.

O contraponto que realizaremos entre a relação de domínio que caracteriza a problemática perversa e a relação de domínio que caracteriza a problemática obsessiva

será guiado pelas ideias de Roger Dorey (2003), apresentadas em “Problemática obsessiva e problemática perversa. Parentescos e divergências”. O autor traça nesse texto uma aproximação entre as duas problemáticas, indicando a presença de algumas semelhanças entre elas. Estas, porém, não se dariam a partir da sintomatologia, mas sim do modo de relação estabelecido com o objeto, considerando-se seu estatuto e sua função. Dorey (2003) enfatiza que não se trata aqui apenas de duas problemáticas complementares, mas de uma intrincação de dois processos mórbidos, já que supõe a existência de um tronco comum às duas.

A hipótese do autor é que, tanto na neurose obsessiva quanto na perversão a mira final do domínio seria o outro como ser-de-desejo. É na forma como se dá esse domínio sobre o outro que encontramos a especificidade de cada uma. Na perversão, a relação de domínio ocorre essencialmente no registro erótico, onde a arma é a sedução, exercida de maneira privilegiada sobre o parceiro sexual. Trata-se, neste caso, de uma ação de separação, de desvio, de conquista. A natureza do domínio do outro na perversão é especular, uma vez que este se torna vítima de uma captação pela imagem, já que lhe é proposto um desejo que seria o reflexo de seu próprio desejo. O perverso busca revelar no outro um desejo equivalente ou complementar ao seu; dessa forma, o outro apenas existe enquanto for parceiro na posição que lhe foi determinada. O outro não é considerado como sujeito; sua alteridade é negada: é visto apenas como um objeto que possibilita o gozo perverso.

Já o obsessivo exerce seu domínio sobre o outro não no plano erótico, mas no “registro do poder e na ordem do dever” (DOREY, 2003, p. 118). O obsessivo busca o controle permanente sobre o outro, sua petrificação, sua aniquilação; procura evitar qualquer manifestação que escape ao seu controle. A busca pelo controle não se restringe ao parceiro sexual, mas dirige-se a todas as relações que ele estabelece.

Dorey (2003) propõe que pensemos a diferença e o parentesco entre as duas organizações no plano da dinâmica pulsional. Na problemática perversa, o domínio sedutor é exercido através de uma posição de saber em relação ao outro – o perverso saberia o que vem a ser o desejo do outro. O jogo pulsional que se trava aí está ancorado na sedução do outro, e visa a satisfação.

O domínio exercido pelo obsessivo pode ser considerado como de tipo totalitário: o outro deve agir da forma que ele considera adequada, pensar segundo as normas que ele impõe; desejar conforme o esquema traçado por ele e adotar a sua concepção sobre a ordem das coisas. O obsessivo torna-se, assim, um tirano cujo

exercício de domínio se dá por meio de intrusões repetidas que violam a intimidade do outro. Ele exerce esse domínio no registro do poder e na ordem do dever, tanto de maneira ativa, quanto sob a forma de resistência passiva, utilizando frequentemente como recurso o ódio e a agressividade. Na problemática obsessiva, o domínio é feito, portanto, através do ódio, sendo destrutivo. Apresenta-se sob diversas formas, entre elas a necessidade de controle, as condutas tirânicas, a vontade de poder.

Tanto o perverso quanto o obsessivo ocupam uma posição de *poder* sobre o outro, porém o obsessivo exerce o poder através do ódio, da agressividade, e o dirige a todas suas relações. Já o perverso exerce o poder através da sedução do outro, despertando um desejo equivalente ou complementar ao seu, sua busca de domínio dirige-se predominantemente ao parceiro sexual.

Ainda seguindo Dorey (2003), o objeto da ação destrutiva do obsessivo é o outro como ser desejante, que deve ser apagado, anulado. O perverso não reconhece a alteridade do outro; o obsessivo, ao contrário, reconhece-a, mas a reconhece como ameaça ao sentimento de onipotência. Ele não pode suportar a singularidade do outro, sua especificidade e, sobretudo, nenhuma manifestação de desejo erótico referido a si próprio.

O modo de relação que o obsessivo estabelece com o outro é marcado por uma dimensão de onipotência, que busca principalmente evitar ou excluir qualquer manifestação de ternura ou afeto, indicativos de desejo erótico dirigido a ele, pois isso evidencia a posição de sujeito desejante ocupada pelo outro e a sua posição de objeto do desejo do outro – posição insuportável para ele, pois o reenvia à posição ocupada em relação ao objeto primário: posição de passividade, a que ele busca incessantemente fazer frente. Tudo isso que deve ser evitado ou excluído parece ser a expressão de um desejo erótico, o qual situa o obsessivo em posição de passividade, à qual ele responde revertendo a passividade em atividade, tornando-se, então, violento. Através da relação de domínio, o obsessivo busca neutralizar o desejo do outro, busca torná-lo um objeto inteiramente assimilável; em outras palavras, dirige ao outro a indiferença que a mãe lhe dirigiu.

Nesse contexto, as variações quanto à distância do objeto são insuportáveis, fazendo com que o obsessivo tenha necessidade de dominar tudo que venha dele: movimentos, humores, opiniões. Qualquer movimento do objeto, passível de sair de seu domínio, é afastado com ódio. Logo, encontramos um eu blindado, onipotente, mantido por meio de constantes estratégias de domínio, marcadas pelo ódio e pela agressividade.

Como vimos, o ódio é a forma mais primitiva de afirmação de si; corresponde à tentativa de expulsão do que é estrangeiro e provoca desprazer.

Para o obsessivo, a submissão seria a prova do amor do outro, fundamental para o reconhecimento de si mesmo e para a manutenção do sentimento de onipotência. Há também no exercício desse domínio um desejo de reconhecimento. Este pode ser expresso, segundo Dorey (1981, p. 128. A tradução é nossa), pela seguinte proposição: “Ama-me, mesmo sabendo que eu faço tudo para não ser amado e para destruir-te”. Isso mostra que o exercício do domínio por meio da agressividade e do ódio também pode ser pensado como forma muito particular de mensagem endereçada ao outro, comportando uma dimensão de convocação, de espera por alguma resposta por parte dele. Cabe destacar que esse aspecto põe em evidência outra faceta da intensa ambivalência que caracteriza a problemática obsessiva.

Portanto, a relação que o obsessivo estabelece com o outro comporta um duplo aspecto: além de visar dominá-lo, negar sua alteridade, ela busca igualmente conseguir que o outro o reconheça, reconheça o seu desejo; isso restitui ao outro a sua alteridade e, mais que isso, coloca-o em lugar privilegiado, como testemunha necessária para validar seu desejo. O outro é destituído de sua alteridade e, ao mesmo tempo, investido como a alteridade da qual o obsessivo dependeria para o reconhecimento de si mesmo.

A relação de domínio que o obsessivo estabelece com o outro possui caráter paradoxal: visa negar o outro como sujeito desejante e, ao mesmo tempo, visa o reconhecimento de seu desejo por ele, indicando o lugar privilegiado em que o situa. Na neurose obsessiva encontramos uma relação paradoxal com o outro, na qual é preponderante a busca por seu domínio. Isso põe em relevo o modo de relação estabelecido tanto com o objeto externo, quanto com o objeto interno. Portanto, parece-nos que, através do ódio dirigido ao outro, o obsessivo luta contra esse “estrangeiro radical” que habita seu psiquismo.

Como destacamos no início do capítulo, a busca pelo domínio do objeto externo está intimamente articulada à “dominação” da excitação pulsional, à impossibilidade de sua ligação. A relação de domínio evidencia o que permanece inalterado, como marca da relação arcaica com o objeto primário. Em outras palavras, indica que a ligação do pulsional violento que marcou a relação com a figura materna não foi possível, continua a ameaçar as fronteiras egoicas. “(...) em situações singulares, marcadas por um além de violência e que implicam, dialeticamente, uma fragilidade das fronteiras egoicas, este

modo defensivo [a busca pelo domínio do outro] pode vir a se cristalizar” (CARDOSO, 2002/2010, p. 111).

Submetido a um domínio interno, o sujeito busca sair dessa posição de passividade através do domínio do objeto externo. O enfrentamento desta posição de passividade é feito através de sua reversão em atividade, ou seja, da reversão da passividade diante do outro interno em atividade diante do outro externo. Vítima de um domínio tirânico que ele sofre passivamente, o obsessivo torna-se ativo, passando a exercer tal domínio tirânico sobre o outro. Invertem-se os papéis entre aquele que inflige e aquele que é submetido ao domínio, à violência. Isso permite a “dominação” da excitação pulsional, mas não sua ligação, exigindo reiteração constante.

Estamos diante da preponderância da ação da pulsão de domínio. Ela passa a determinar o modo de relação estabelecido com o outro externo, indicando a ação da pulsão de morte, que dá seu colorido característico à relação estabelecida com o objeto. Somente a ligação da excitação pulsional possibilitaria ao obsessivo libertar-se do domínio exercido pelo objeto interno, o que permitiria um encontro amoroso com o outro, um encontro delineado pela oposição masculino/feminino e não mais pela oposição ativo/passivo.

O que procuramos mostrar ao longo deste capítulo é que a base traumática na qual a neurose obsessiva esta assentada está referida ao modelo do trauma postulado em 1920, intimamente articulado à ação da pulsão de morte. Concedemos, então, particular atenção à dimensão traumática do encontro com outro e ao seu papel na estruturação narcísica. Como vimos, o obsessivo tende a apresentar dificuldades no manejo da relação com o outro – com a alteridade – o que, em última instância, evidencia uma dificuldade de ordem narcísica. Essa dificuldade não pode, entretanto, ser dissociada daquela que diz respeito à ordem pulsional, em particular, à questão do excesso pulsional e de sua relação com a alteridade.

Na neurose obsessiva acreditamos que a busca pelo domínio de si mesmo e do outro é a expressão principal da vivência de indiferença que marcou a relação com o objeto primário. A busca incessante pelo domínio do outro interno/externo é uma expressão da força demoníaca da pulsão de morte, sendo porta-voz de singular processo de construção narcísica, que põe em evidência a marca da vivência de indiferença, da vivência traumática.

Subjacente à relação de domínio estabelecida com o objeto externo, está a impossibilidade de ligação das mensagens maternas, mensagens violentas e excessivas –

objeto interno de caráter radical – que permanecem “enterradas” no psiquismo do obsessivo. Podemos pensar a relação de domínio como defesa narcísica, uma vez que garante a manutenção das fronteiras entre o dentro e o fora, entre o eu e o outro, porém ao preço da manutenção do pacto de fidelidade ao objeto primário.

Como a impossibilidade de ligação das mensagens maternas vai incidir no plano do ato e na estranha relação que este parece ter com o processo de pensamento? Qual a sua relação com a ação da compulsão à repetição que, neste caso, paradoxalmente, se apresentará como uma compulsão à síntese? Estas são as principais questões a elaborar no próximo capítulo.

Capítulo III

O cárcere obsessivo: o pensamento como ato

*(...) a neurose obsessiva revela o primitivo,
ela não é o primitivo em ação
(GURFINKEL, 2005, p. 290).*

Como indicamos no primeiro capítulo, na neurose obsessiva há uma regressão tópica do ato ao pensamento. Este passa a ser sustentado por uma energia normalmente reservada às ações, ganhando assim valor de ato. Nosso objetivo neste capítulo é analisar os elementos metapsicológicos envolvidos nessa problemática. Destacaremos a articulação entre o processo de pensamento e o sentimento de onipotência, articulação de especial relevância em nosso estudo da neurose obsessiva.

Procuraremos mostrar que tanto a manipulação do pensamento quanto os rituais obsessivos implicam a inibição do ato. O pensamento é o terreno onde se manifesta um dos aspectos mais importantes da *Zwangsneurose*: a compulsão. Tentaremos mostrar qual seria a natureza singular desta compulsão.

Visando compreender melhor a especificidade do processo de pensamento na neurose obsessiva, especialmente a da dinâmica psíquica subjacente à substituição do ato pelo pensamento, acreditamos que uma investigação mais detalhada acerca de como se constitui tal processo faz-se necessária. Inicialmente, dedicar-nos-emos a esta investigação.

III.1 Perda do objeto: alicerce do processo de pensamento

No início o funcionamento do aparelho psíquico é inteiramente orientado pela busca de satisfação, submetido ao princípio de prazer e à lógica do processo primário. Seu objetivo principal é evitar o acúmulo de excitações, o que é realizado principalmente através da motilidade, da descarga das excitações. Sabemos que o bebê não tem condições de buscar a ação específica que aplaque a tensão interna criada pelo surgimento das necessidades fisiológicas. Diante do aumento do estímulo e da ausência

da satisfação, ele pode apenas realizar movimentos desordenados, ou seja, utilizar a descarga motora.

O bebê encontra-se em uma condição de impotência, sendo completamente dependente do mundo externo, do outro. A presença do outro é fundamental para a realização da ação específica e, assim, para a experiência primária de satisfação. Essa experiência terá valor de modelo: ligará a tensão interna, criada pelo surgimento das necessidades, à imagem mnêmica do objeto que a aplacou, ou seja, constituirá um traço de memória que será reinvestido toda vez que a mesma experiência de desprazer surgir. Ocorre um investimento de natureza alucinatória, um investimento alucinatório da lembrança da satisfação, lembrança do objeto que a possibilitou (FREUD, 1895{1950 [1887-1902]}/2006).

Em um primeiro momento, a alucinação do objeto é seguida pela apresentação efetiva do objeto materno, em função dos cuidados que dispensa ao bebê. No momento em que este busca o seio, encontra-o, o que cria uma ilusão de onipotência. Esta é a condição que permite o recurso à realização alucinatória do desejo. Estabelece-se uma estrutura complexa que engloba as manifestações do bebê e as reações da mãe. Dessa forma, os cuidados maternos servem de apoio para a construção do processo alucinatório. Portanto, as reações maternas são fundamentais para o estabelecimento desta estrutura complexa.

Porém, Freud (1900/2006) nos alerta que este modo primitivo de funcionamento do psiquismo deve ser substituído por um modo de funcionamento mais bem adaptado à realidade. A desconstrução desse modo de relação entre mãe e bebê é fundamental, pois seu desmoronamento possibilitará a continuidade do processo de estruturação do psiquismo. É a ausência da mãe que possibilita a continuidade da estruturação psíquica. A ausência, porém, deve ser transitória; deve ser ausência da satisfação esperada.

Segundo Freud (1911/2006), é a decepção do bebê, a não sincronia entre a satisfação alucinatória e a ação materna, que possibilitará o abandono da busca da satisfação pela via alucinatória e o início de adaptação ao mundo externo.

Foi apenas a ausência da satisfação esperada, o desapontamento experimentado, que levou ao abandono desta tentativa de satisfação por meio da alucinação. Em vez disso, o aparelho psíquico teve de decidir tomar uma concepção das circunstâncias reais no mundo externo e empenhar-se por efetuar nelas uma alteração real. Um novo princípio de funcionamento mental foi assim introduzido; o que se apresentava na mente não era mais o agradável, mas o real, mesmo que acontecesse ser desagradável (FREUD, 1911/2006, p. 238).

A experiência da ausência do objeto gera o que Freud (1895{1950 [1887-1902]}/2006) chama de experiência de dor. O bebê não reinvestirá a percepção da fonte da dor: ao contrário, o aparelho psíquico conserva uma tendência a abandonar essa imagem mnêmica dolorosa. Freud (Ibid.) indica a fuga da dor como o modelo e o primeiro exemplo do recalque, como experiência prototípica. Portanto, o investimento dos traços mnêmicos ligados à ausência do objeto é evitado, pela experiência dolorosa que provoca.

A falta do objeto é a excitação mais dolorosa que o aparelho psíquico primitivo pode experimentar, sendo invadido por grande afluxo de excitações. O recalque é o recurso utilizado para combatê-lo. Esse processo caracteriza a perda do objeto, fundamental para que o abandono do sentimento de onipotência ocorra (FREUD, 1900/2006).

Neste momento de perda do objeto, torna-se necessário ao aparelho psíquico adquirir a possibilidade de lidar com o aumento de tensão de uma forma mais elaborada, o que só será possível mediante a inserção do processo secundário. No processo primário, o objetivo principal é evitar o acúmulo de excitações no interior do aparelho psíquico, o que é alcançado através da motilidade, caminho da descarga das excitações. Já no processo secundário, a descarga é evitada, o aparelho deve suportar um acúmulo maior de excitação, cujo objetivo é articular uma ação motora que modifique adequada e intencionalmente o mundo externo. O pleno desenvolvimento do processo secundário e, assim, do pensamento, está diretamente ligado ao sucesso do recalque da experiência de dor, de perda.

O recalque da experiência de perda instaura um novo modo de funcionamento psíquico, no qual a satisfação depende de uma ação sobre o mundo externo que visa o encontro com o objeto que a possibilita. Essa operação comanda o nascimento do julgamento, do pensamento, da linguagem e conseqüentemente da ação dirigida ao mundo externo visando o prazer. Isso possibilitará a divisão psíquica, a instauração de dois modos de funcionamento, um regido pelo processo primário e outro pelo processo secundário, ligado ao princípio de realidade. Ocorre, assim, a separação entre o mundo interno e o mundo externo, entre sujeito e objeto. A atividade de pensamento indica a abertura e a adaptação do aparelho psíquico ao mundo externo.

A descarga motora, que durante o regime do princípio do prazer estava a serviço da supressão do aumento de estímulos no aparelho psíquico – e que havia cumprido esta missão por meio de inervações transmitidas ao interior do corpo (mímica e expressão dos afetos) –, ficou encarregada agora de uma nova função: a modificação adequada da

realidade; a partir deste ponto, ela transformou-se em ação. O adiamento, agora necessário, da descarga motora da ação, ficou sob a responsabilidade do processo de pensamento, que se tornou uma atividade unicamente de representação (FREUD, 1911/2006, p. 39-40).

Para que o sujeito realize uma ação sobre o mundo externo, é preciso que, pelo desenvolvimento de certas capacidades psíquicas, estabeleça-se uma diferenciação entre a alucinação e a realidade externa. Isto se torna possível por meio da introdução e vigência do teste de realidade. Quando associada ao teste de realidade sob a regência do processo secundário, a capacidade de pensar vem possibilitar que o ego tolere o aumento de tensão e lide com o adiamento da descarga, o que implica retenção da energia pulsional. A partir de então, “um prazer momentâneo, incerto quanto a seus resultados, é abandonado, mas apenas a fim de ganhar, mais tarde, ao longo do novo caminho, um prazer seguro” (FREUD, 1911/2006, p. 242). Na neurose obsessiva, o pensamento parece comportar, no entanto, uma dimensão de onipotência narcísica, que contraria essa tendência. Detalharemos este aspecto a seguir.

III.2 A regressão à onipotência

Encontramos na obra de Ferenczi contribuições importantes acerca da problemática da onipotência narcísica, as quais serão úteis para a continuidade de nossa reflexão. A teorização deste autor sobre a neurose obsessiva aponta caminhos que não chegaram a ser trilhados por Freud. De acordo com Ferenczi, os neuróticos obsessivos permanecem presos a uma problemática de onipotência incondicional: “Pois o que é onipotência? É a impressão de ter tudo o que se quer e de não ter nada a desejar” (FERENCZI, 1913/1992, p. 42). A obsessão representa justamente o retorno a um estágio em que desejar é idêntico a agir, no sentido da realização do desejo.

O neurótico obsessivo é descrito pelo autor como alguém que, à semelhança da criança, não renuncia à “onipotência do pensamento”, “onipotência incondicional”. Mantém-se aprisionado, defensivamente, ao estágio no qual os desejos se realizam magicamente através de transformações autoplásticas, estágio anterior à aquisição do sentido de realidade. Porém, como veremos mais adiante, o corpo apresenta intensa inibição de suas capacidades motoras.

Ferenczi (1913/1992) promove um redimensionamento da teoria da neurose obsessiva ao nela destacar, por exemplo, o papel desempenhado pelo outro em sua

gênese, dando ênfase ao que se passa no registro das relações primárias. Sublinha o descompasso existente entre a linguagem do adulto e a linguagem da criança, assim como os efeitos traumáticos que derivam desse descompasso. Em “A criança mal acolhida e sua pulsão de morte”, Ferenczi (1929/1992), aborda os efeitos negativos que um acolhimento inicial pouco amoroso poderia causar no psiquismo do bebê. As consequências de tal circunstância vão desde pessimismo e aversão à vida, até o surgimento de doenças capazes de levar à morte. Um dos pontos mais importantes de seu entendimento da etiologia da neurose obsessiva reside no peso dado ao outro, às primeiras relações.

Para Ferenczi (1933/1992), toda criança, no início da vida, vai se deparar com confusão entre sua linguagem e a dos adultos. A sexualidade infantil organiza-se como “linguagem da ternura”, marcada pelo lúdico, etapa que antecede uma sexualidade que estaria sob o primado da genitalidade. Já a linguagem adulta organiza-se como “linguagem da paixão”, regida pelo primado da genitalidade, marcada por recalcamientos e por sentimento de culpa. O adulto pode ser dominado por seus desejos e, sendo assim, pode vir a impô-los violentamente à criança.

O autor indica os dois modos pelos quais o mundo adulto impõe a sua linguagem ao bebê: pela sedução, de maneira terna, suave e gradual, ou pela via da intimidação, de maneira violenta e cristalizadora. A sedução levaria a criança a buscar significações para as suas vivências, a participar de um mundo de simbolizações que, pouco a pouco, vai sendo descortinado. Quando não se revela excessiva e intimidadora, a linguagem do adulto exerce pressão traumática sobre a criança, pressão cujo caráter é, no entanto, estruturante, uma vez que aciona uma exigência de trabalho ao psiquismo, levando-o a produzir representações.

Já a intimidação rouba a fala da criança, cristaliza a palavra, impedindo-a de ser pronunciada e de produzir novas representações, fazendo com que determinados elementos fiquem situados à parte do universo simbólico, dele sendo clivados. Na situação de intimidação, a criança vê-se exposta, de maneira violenta, às paixões (sexuais) do adulto, exposta a uma linguagem excessiva. Portanto, dependendo da forma como dirige seus cuidados ao bebê, a mãe poderá instaurar modos de relação que corresponderiam, ou à sedução, ou à intimidação. Isto vai depender da qualidade e da intensidade de seus afetos em diferentes momentos, e também das estratégias inconscientes de desejo presentes nesses cuidados. Trata-se de processos que terão forte influência sobre as estratégias de sobrevivência no decorrer da vida psíquica do sujeito.

Ferenczi (1933/1992) pensa a questão da intimidação relacionando-a à noção de desmentido. No desmentido, uma história contada pela criança (relacionada a um fato real de natureza sexual) é relegada pelo adulto ao plano da mentira – o adulto trata o acontecimento como ficção, não como acontecimento real. Deste modo, a situação vivida fica sem possibilidade de compreensão para a criança.

Em consonância com as ideias de Reis (2004), consideramos que, embora muitas vezes o desmentido esteja referido a um abuso sexual *stricto sensu*, não se restringe a essa circunstância. O desmentido também pode se fazer presente nas situações em que o adulto não cumpre seu papel de intérprete, quando desmente e desqualifica o vivido da criança, não só o seu prazer ou sofrimento, mas também o seu modo de ver e significar o mundo. Em outras palavras, o desmentido diz respeito ao não acolhimento da singularidade da criança, quando o adulto lhe impõe uma linguagem excessiva, traumática. Moraes e Macedo (2011) articulam a vivência de indiferença – temática explorada no segundo capítulo desta tese – ao desmentido, em função desse não reconhecimento da diferença que o outro traz.

Para Ferenczi (1933/1992), a fonte da intimidação não seria a exigência de renúncia às satisfações pulsionais – conforme as leis edípicas – mas sim, a resposta à ternura da criança com uma linguagem situada à margem da lei. Ao situar o bebê na posição de objeto do seu desejo, a mãe o expõe a uma linguagem violenta. Consideramos que esta exposição a uma linguagem materna violenta constitui uma das principais bases da neurose obsessiva.

São assim enfatizados os aspectos traumáticos próprios à gênese da neurose obsessiva, decorrentes, em primeiro lugar, do modo de relação estabelecido com o objeto primário. A este respeito, as proposições de Kristeva (1988), que mencionamos anteriormente, mostram que a mãe do obsessivo tende a colocá-lo na posição de objeto de seu desejo, proposição que possui, no nosso entender, estreita sintonia com as ideias de Ferenczi.

A reatualização do sentimento de onipotência é um recurso que o ego vem acionar como defesa, para fazer frente ao traumático e, particularmente, à perda do objeto, uma vez que esta resultaria, neste caso, em uma vivência de aniquilamento, de despedaçamento psíquico. Neste sentido Pinheiro destaca:

O que a criança entrevê é o risco da morte física e psíquica. Resta então garantir a permanência do objeto a qualquer preço. A criança encontra a solução de transplantar o sentimento de culpa do agressor para si própria, suportar a injustiça do desmentido e com isso recuperar o estado de ternura anterior ao trauma (PINHEIRO, 1995, p. 82).

Encontramos em Ferenczi mais uma indicação que enriquece nossa discussão. Segundo o autor, para se defender do sofrimento decorrente do desmentido o obsessivo “amadurece à força”, torna-se sábio, um bebê sábio. O “bebê sábio”, de acordo com Ferenczi (1923/1993), designa a criança que luta contra um adulto agressor que não a reconhece em sua diferença. Diante de um perigo, ela pode realizar, por clivagem, uma identificação prematura com o papel de adulto, passando a cuidar do eu ferido, a protegê-lo. Esta situação é pensada a partir da ideia de uma clivagem da inteligência na criança infeliz, e que se exprime pela hipertrofia do pensamento.

Ao se referir a esse processo, o autor menciona interessante metáfora. Fala de um fruto que se tornaria precocemente maduro e saboroso por ter sido ferido por um pássaro. Do mesmo modo, a parte clivada do ego torna-se adulta, protetora e previdente, buscando o domínio constante do outro para não se deixar por ele surpreender. Em contrapartida, clivada desta primeira, resta intacta uma outra parte, aquela que corresponde à criança frágil e assustada, que permanece operando sob a lógica da ternura. Torna-se, então, solícita, amável, prestativa, pronta a cuidar dos outros, com uma maturidade incompatível com a sua idade biológica. Esse processo o autor denomina progressão traumática.

Como esse amadurecimento se dá de forma abrupta e defensiva, não consistente, o ego apela à hipertrofia do pensamento, defesa apoiada num movimento de regressão do agir ao pensar, e que permite a manutenção do sentimento de onipotência. O processo de pensamento desvia-se, assim, de sua função, colocando-se a serviço de uma função defensiva e adquirindo, por este meio, valor de ato.

III.3 A busca pelo saber

Na neurose obsessiva, o pensamento apresenta dois traços fundamentais: a sexualização e a ruminação obsedante. Sustenta Freud (1910/2006) que se opera neste caso um recalque prematuro das pulsões de ver e de saber, elemento que ele julga ter grande relevância e que se mostra essencial no entendimento das determinações da tendência a uma intensa sexualização do pensamento.

Freud (1910/2006) igualmente propõe a existência de estreita relação entre o processo de pensamento e a pulsão de saber, deixando claro que seria mediante a ajuda da pulsão de saber que o ato viria a ser substituído por atos preparatórios de

pensamento. No entanto, ele não chega a aprofundar essas proposições, deixando-as indicadas, entretanto, como pistas de pesquisa que vieram incitar a nossa reflexão.

Freud (1910/2006) havia mostrado que a pulsão de saber se manifesta, inicialmente, pela curiosidade infantil. Esta, aliada aos seus desdobramentos ao longo da vida infantil, está estreitamente ancorada ao plano da relação primária. A maneira pela qual a curiosidade infantil será encaminhada nessa relação revela-se fator determinante para o destino da pulsão de saber no psiquismo e, portanto, para a constituição do processo de pensamento.

A experiência subjetiva de perda do objeto é o que possibilita o encontro com o desejo do outro, com a figura materna como objeto total. O confronto com esse desejo pode ser considerado como sendo a primeira e mais fundamental expressão da realidade. Segundo Freud (1925/2006), a perda dos objetos que outrora trouxeram satisfação é a condição essencial para a efetivação do teste de realidade.

Esta passagem transcorre de forma lenta e progressiva, não sem implicar inúmeras tentativas de se restabelecer o estado anterior de onipotência. Acrescenta Dorey (1981) que o principal recurso utilizado pelo bebê em sua tentativa de ocultação da vivência de perda, dá-se através da sua identificação com a posição de objeto de desejo materno, com a retomada, deste modo, da dominância de uma relação de tipo direto, imediato, exclusivo.

A recusa materna dessa identificação do bebê à posição de objeto de seu desejo instaura uma separação radical. Opondo-se a essa posição identificatória de tipo absoluto, a mãe indica o terceiro, o pai, como objeto ao qual seu desejo é dirigido; isso permite que a experiência da perda do objeto se inscreva em novo contexto significativo, com valor de *a posteriori*. Abre-se, assim a possibilidade de metaforização da perda do objeto, de valor essencial para a qualidade do funcionamento psíquico.

O desejo materno tornar-se-á um enigma para o bebê, enigma que ele tentará desvendar. Isso caracteriza a transformação do desejo dirigido à mãe em desejo de saber; saber diz respeito, em última instância, ao desejo materno. O interesse do bebê passa a dirigir-se ao pai, à relação estabelecida entre pai e mãe, relação da qual ele é excluído. Esta mutação revela-se decisiva para a constituição do processo de pensamento. O desejo de saber está diretamente ligado, portanto, à configuração edipiana, sendo que o sentido último dessa curiosidade adviria, em grande parte, da

interrogação acerca de suas origens. O desejo de saber se manifesta através da pulsão de saber (Dorey, 1988).

A curiosidade infantil é a principal expressão da pulsão de saber. Investigando o desejo materno, o sujeito vem a se confrontar com o interdito paterno, com o pai como objeto do desejo materno (Freud, 1910/2006). Isso limita, regula a curiosidade, retira a problemática do incesto de seus domínios, deixando-a livre para exercer sua atividade, sem os entraves ligados aos conflitos próprios à sexualidade infantil. Porém, quando a relação com o objeto materno traz a marca da sedução traumática, a criança tende a um “amadurecimento” precoce, em função, como sublinhamos antes, da progressão traumática. Este amadurecimento defensivo se dá particularmente pela hipertrofia do registro do pensamento, pela intensificação da curiosidade que se manifestará, especialmente, na exacerbação da investigação sexual, de caráter defensivo.

Nesse contexto, o desejo materno não se constitui como enigma para o bebê: ao contrário, torna-se violento, passa a comportar uma dimensão excessiva, incestuosa. A regulação do desejo de saber fica prejudicada, a interdição paterna não se dá de forma consistente e a curiosidade torna-se ainda mais intensa, pois é invadida pelos conflitos ligados à sexualidade infantil, o que determinará o recalque precoce da pulsão de saber. O recalque precoce da pulsão de saber constitui significativo elemento para podermos situar os fundamentos dessa sexualização do pensamento que tem lugar na neurose obsessiva (Freud, 1910/2006).

As ideias de Dorey (1988) vêm em nosso auxílio para elaborarmos essa última indicação de Freud. Contaminada pelos conflitos próprios à sexualidade infantil, o destino da pulsão de saber é o recalque precoce; porém, em função de sua violência, a pulsão de saber contorna a barreira do recalque e vem a se apresentar de maneira deformada e travada, imprimindo às operações do pensamento a marca da angústia e do prazer, próprios à atividade sexual (DOREY, 1988).

Há aqui, segundo Dorey (Ibid.), um fracasso parcial do recalque, que autoriza uma espécie de aceitação intelectual do recalcado, possibilitando o retorno da pulsão de saber. O pensamento é invadido pela pulsão de saber – invadido pelos violentos conflitos ligados à sexualidade infantil. A compulsiva ruminação obsessiva seria a expressão de tal invasão. A pulsão de saber retorna sob uma forma particular da atividade intelectual a qual, muitas vezes, torna-se a expressão maior de toda a vida libidinal do sujeito. Isto se dá mediante um funcionamento compulsivo, visto o excesso

de energia libidinal que atinge a atividade de pensamento. Nesse caso, a atividade de investigação pode substituir totalmente a atividade sexual.

A ruminação obsessiva e a sexualização do pensamento resultam de duas operações sucessivas. Primeiramente, do recalque precoce da pulsão de saber juntamente com as pulsões libidinais, pondo fim ao período de investigação infantil. Posteriormente, a pulsão de saber retorna, deformada, e passa a se exprimir de maneira substitutiva. A investigação intelectual se torna uma atividade sexual à parte, o que lhe confere um caráter entravado, sendo impedido seu desenvolvimento. A inteligência e a possibilidade de sublimação permanecem neutralizadas, tendo o pensamento se tornado um campo de batalha entre a pulsão de saber e as defesas egoicas (DOREY, 1988).

III.4 Pulsão de saber versus dúvida

Por um lado, há a intensificação da busca pelo saber; por outro, um movimento contrário que põe em dúvida o saber. O sujeito passa a não confiar em suas investigações, instaurando-se, assim, um perpétuo e compulsivo circuito de investigações. A dúvida parece constituir o recurso encontrado pelo ego para defender-se dos conflitos ligados à sexualidade infantil, os quais invadem o sistema de pensamento, associados à pulsão de saber (DOREY, 1988). Diante de tal invasão, o ego responde de forma compulsiva, através da dúvida.

Dorey (1988) igualmente destaca que a dúvida indica rejeição da pulsão de saber, mecanismo que visa sabotar a busca pelo conhecimento. Em outras palavras, o neurótico obsessivo parece fazer de tudo para não saber o que deseja realmente saber. A principal consequência da dúvida é a impossibilidade de se fazer escolhas, levando ao adiamento infundável de qualquer decisão, paralisando a ação. Trata-se, entretanto, de um adiamento distinto daquele que seria próprio do processo secundário através do qual a ação vem a ser mediada pelo trabalho de pensamento, com vistas ao prazer.

“A não-ação do processo secundário é um compasso de espera, um intervalo temporário que, mais do que substituir a ação, precede-a e aprimora-a” (GURFINKEL, 2005, p. 262). O processo de pensamento se torna o palco do conflito entre a pulsão de saber e a dúvida; em última instância, o palco sobre o qual se trava o embate entre o ego e o pulsional. Este embate ancora justamente as ruminações obsessivas compulsivas.

O comprometimento do processo de pensamento resulta, por sua vez, no não cumprimento de sua principal função: articular uma ação motora capaz de modificar

adequada e intencionalmente o mundo externo. Como pontuamos, é o estabelecimento consistente da interdição paterna que permite o livre desenvolvimento do pensamento e, mais que isso, “abre caminho para uma liberdade de ação: estabelece as condições e os impedimentos, delimita uma área proibida, mas ao mesmo tempo garante um espaço legitimado para agir” (GURFINKEL, 2005, p. 274). Um espaço legitimado de liberdade para pensar e para agir somente é garantido quando há delimitação consistente do interdito, o que justamente não tem lugar na neurose obsessiva.

O aprisionamento torturante na dúvida, a impossibilidade da tomada de decisão implica severa paralisação da esfera da ação. Esta é adiada indefinidamente, posto que o pensamento não realiza a sua função original – a de mediar a ação – ao contrário, a impossibilita, mantendo-a como tabu, fortemente inibida.

III.5 Tabu do toque: inibição da ação

No plano da realidade psíquica, estabelece-se a identidade entre pensamento e ato. Como vimos no primeiro capítulo, opera-se na neurose obsessiva importante deslocamento do pensamento do crime (desejo proibido) ao crime de pensamento (desejo percebido como ato realizado). Surge a figura do criminoso em pensamento e inocente em ato (LAPLANCHE, 1980/1987).

O desejo passa a ser articulado ao crime e não à interdição, fazendo com que o ego lute incessantemente para impedir a sua satisfação para evitar a ação dirigida ao objeto. A proibição dirige-se tanto aos impulsos eróticos quanto aos agressivos. O tabu de tocar condensa assim o “não gozarás” e o “não matarás” condenando o sujeito à inibição da ação, pois nenhuma ação dirigida ao objeto é permitida. Este parece ser o mandamento fundamental da religião particular do obsessivo (GURFINKEL, 2005). A possibilidade de realização de um ato articulado ao mundo externo, que vise o prazer, o objeto, é inibida.

A noção de inibição foi elaborada por Freud em “Inibições, sintomas e ansiedade” (1926/2006), texto onde, dentre muitas outras contribuições, ele demonstra a íntima articulação da inibição com as funções egoicas, aspecto que nem sempre terá, entretanto, implicação patológica. As inibições podem ser de dois tipos: generalizadas e específicas. Ao ver-se envolvido em uma tarefa psíquica particularmente difícil – como, por exemplo, no caso do luto – o ego perde grande quantidade de energia, gerando inibição generalizada de suas funções. Destaca ainda Freud (Ibid.) que, quando uma

atividade torna-se muito erotizada, quando sua significação sexual é aumentada, ela vem a ser inibida. “No tocante às inibições, podemos então dizer, em conclusão, que são restrições das funções do ego que foram ou impostas como medida de precaução ou acarretadas como resultado de um empobrecimento de energia” (Id., *ibid.*, p. 94).

Na neurose obsessiva há inibição específica cujo caráter é patológico. Tal inibição é operada pelo ego como medida de precaução contra o encontro com o objeto, contra a satisfação pulsional. Em outras palavras, como precaução contra a realização de um crime já cometido em pensamento.

Gurfinkel (2005) propõe uma comparação entre neurose obsessiva e neuroses denominadas, por ele, impulsivas, comparação que nos parece muito pertinente e nos auxilia a entender a inibição da ação, de caráter patológico, própria à neurose obsessiva. Nesta, a exigência pulsional não resulta em ato, ao contrário das neuroses impulsivas, onde há justamente hipertrofia da ação: onde a ação precede e/ou substitui o pensamento. A excitação pulsional conduz inevitavelmente ao ato que elimina a tensão. A eliminação da dor e da tensão sobrepõe-se aqui à busca do prazer. A forma como a excitação pulsional é experimentada diferencia-se da neurose obsessiva em função de sua irresistibilidade.

Nas neuroses impulsivas há o predomínio da ação impulsiva e irrefreável, semelhante ao modo de funcionamento do homem primitivo. O agir reduz-se a uma dimensão puramente econômica, com a eliminação de todo trabalho representacional. Agir é não falar, não pensar mas apenas descarregar a tensão psíquica que não pôde ser processada.

Segundo Gurfinkel (2005), a resposta imediata através da ação atrofia o processo de pensamento, sendo, ao mesmo tempo, o resultado de tal atrofia. A finalidade da ação é a descarga da excitação pulsional, imediatamente descarregada ao surgir, sem passagem pelo processo de pensamento – descarga primitiva, movimento que seria próprio ao regime do processo primário. Enquanto permanecer essa busca da descarga imediata das excitações, não haverá lugar para a predominância do processo secundário.

Para Gurfinkel (2005), na neurose obsessiva, agir é falar demais, revelar; é, acrescentaríamos nós, realizar o desejo, cometer um crime. Quando a interdição não é interiorizada de forma consistente, o ato passa a se confundir, no plano subjetivo, com um ato criminoso, a ser inibido, proibido. Portanto, embora em ambas as patologias o sujeito sinta-se compelido a agir, a maneira como isso se dá nas duas situações clínicas é inteiramente distinta. Nas neuroses impulsivas, o sujeito entrega-se ao ato; na neurose

obsessiva, o ego faz de tudo para evitá-lo, só o permitindo sob forma ritualizada. A energia que deveria dirigir-se ao ato dirige-se ao pensamento. O tocar, que assume caráter imperativo nas neuroses impulsivas, é sujeito a violentas inibições e proibições na neurose obsessiva.

Se na neurose obsessiva a ação é adiada indefinidamente por uma defesa de autoproteção, possibilitada pela reclusão na caverna dos pensamentos, no outro caso [neuroses impulsivas] é a ação de descarga que serve como defesa contra a atividade de pensamento (GURFINKEL, 2005, p. 270).

Se, por um lado o neurótico obsessivo não é dominado por uma ação de descarga primitiva, intolerante ao adiamento e à suspensão da descarga de excitação, por outro, ele não atinge um modo de funcionamento psíquico efetivamente regido pelos processos secundários: “o pensamento não é mais uma atividade preparatória e organizadora de uma ação mais eficaz, mas, enquanto fim em si mesmo, tem sua natureza pervertida” (Gurfinkel, 2005, p. 263).

Segundo Gurfinkel (2005), haveria na neurose obsessiva uma perversão do circuito do pensar-agir, uma fixação no meio do percurso em direção à constituição do processo secundário; a finalidade última de busca de prazer por meio de uma ação articulada no mundo externo é abandonada. Parece-nos especialmente rica essa ideia de fixação no meio do percurso em direção à constituição do processo secundário. Ela se entrecruza com a noção de progressão traumática, de Ferenczi (1923/1992), processo que, como já assinalamos, implica o amadurecimento egoico abrupto e defensivo cuja consequência é, dentre outras, uma hipertrofia do pensamento. Este “salto” na constituição do processo secundário se dá à custa do comprometimento de suas funções.

O pensamento perde o elo com a ação desejada e planejada; o que deveria ser um meio (para a ação) acaba por se tornar um fim em si mesmo. A manipulação das representações não se coloca a serviço de efetiva elaboração, por se constituir como defesa extrema contra a excitação pulsional. A soma de excitação permanece na esfera psíquica, conferindo caráter compulsivo aos pensamentos, fazendo com que o ego permaneça em constante estado de alerta.

Além de seu aspecto defensivo, a manipulação do pensamento comporta também satisfação (FÉDIDA, 2003). O pensamento tem a sua natureza pervertida, a sua sexualização sinaliza tal perversão. “Os ‘prazeres’ preliminares do pensamento preparatório se tornam, em analogia à concepção freudiana inicial da perversão, um fim em si mesmo, em detrimento da ação (ou, se quisermos, da sexualidade genital)”

(GURFINKEL, 2005, p. 263). Na neurose obsessiva, o toque ao objeto está interdito, mas a manipulação do pensamento permite ao sujeito uma satisfação substitutiva, autoerótica. A sexualização do pensamento fica atrelada ao tabu de tocar.

Além de exigir contrainvestimento permanente por parte do ego, esta cristalização do pensamento conduz, gradativamente, a um embotamento perceptivo e à anestesia corporal. As percepções são solicitadas como confirmações da realidade interna, auxiliando a manutenção da fantasia de onipotência. A possibilidade de ação do obsessivo reduz-se aos rituais, atos submetidos à sua religião particular, submetidos ao mandamento principal por ela instituído: a proibição do tocar.

III.6 Rituais obsessivos: império da inação

A vida dos obsessivos é repleta de rituais, restrições cumpridas por ocasião de certas ações da vida cotidiana, de maneira sempre semelhante ou com variações regulares. Essas atividades dão a impressão de ser simples formalidades e também são sentidas assim pelos próprios sujeitos. Porém, eles não são capazes de dispensá-las. Tudo se passa como se fosse um ato sagrado, impossível de ser negligenciado.

Como vimos no primeiro capítulo, os rituais obsessivos obedecem a leis desconhecidas as quais regulam o permitido e o proibido, tal qual numa religião particular. Freud (1907/2006) destacara que tais rituais originam-se do sentimento de culpa, colocando em evidência o seu caráter expiatório, punitivo. Por outro lado, indicara que eles são justamente a repetição deslocada do ato proibido, como satisfação substitutiva. Voltaremos, no último capítulo, à problemática da culpa, tema central da reflexão que faremos nesse momento conclusivo de nossa pesquisa.

Por ora, desejamos ainda acrescentar uma característica particularmente importante dos rituais obsessivos: na maioria das vezes, eles ocorrem em dois tempos, o segundo anulando o primeiro. Fazer e anular é uma sequência inútil no que se refere ao seu resultado. O ato obsessivo resulta da sobreposição de duas ações contrárias que se anulam, marca de sua dimensão bifásica. Quando esta tendência é levada ao extremo, muitas vezes não mais é possível perceber a sobreposição das duas ações, mas apenas a ausência de ação – seu efeito (GURFINKEL, 2005).

Na construção sintomática na neurose obsessiva, não há conciliação entre as tendências opostas que estão aí em jogo. Pelo contrário, elas se manifestam de forma isolada, primeiro uma depois outra, sem conciliação (FREUD, 1909/2006). A

impossibilidade de conciliação entre as tendências opostas foi atribuída por Freud, inicialmente, à intensa ambivalência que caracteriza esta patologia. Porém, após 1920, essa impossibilidade vem a ser relacionada, de maneira estreita, à presença de uma defusão pulsional, à ação pronunciada da pulsão de morte, provocada pela regressão. Os componentes sádicos do pulsional passariam a agir de forma autônoma, desligados da pulsão sexual.

Acreditamos que a ação da pulsão de morte pode ser apreendida a partir da violenta dimensão compulsiva em ação nos rituais obsessivos. Trata-se desse “estranho” do qual o obsessivo se queixa: “é mais forte do que eu” e “não posso evitar”, referindo-se aos seus rituais, o que coloca fortemente em relevo a ação feroz de uma dimensão compulsiva, imperativa. Porém, a compulsão apresenta-se aqui de forma singular. Subjacente aos rituais obsessivos, há um imperativo que conduz à ação, que a obriga de forma implacável, mas que ao mesmo tempo a restringe, limita. Isso dá à ação um aspecto hiperlimitado, entravado, como temos pontuado.

Segundo Assoun (1994), os rituais obsessivos evidenciam o estabelecimento interno de um contrato compulsivo marcado por um imperativo de “dever fazer”, tendo como pano de fundo um “interdito” de “não poder fazer”. O autor indica o desenvolvimento de intensa moralidade na neurose obsessiva, proporcional à intensidade da excitação pulsional que o ego tenta dominar. A moralidade seria a responsável por instituir esse freio inibidor à dimensão compulsiva. Nesta patologia, a compulsão se justapõe à interdição. Subjacente a esta justaposição da interdição à compulsão há, como veremos com mais detalhes no próximo capítulo, a emergência do sentimento de culpa, que contém, que delimita a exigência pulsional que atinge o ego de forma feroz e inescapável.

O único ato permitido é aquele submetido à religião particular do obsessivo, ato expiatório, destinado a expiar a culpa pelo crime de pensamento que serve, simultaneamente, de precaução contra a realização de novos crimes. Isso se dá porque, como vimos no primeiro capítulo, a interdição se estabelece na neurose obsessiva através da punição: os atos expiatórios indicam a repetição do crime de forma deslocada e a punição por sua realização. Estamos diante de um imperativo que conduz à ação e de um interdito que se confunde com ele, permitindo apenas atos ritualizados, a serviço da interdição da ação.

O ritual obsessivo carrega em si a violência da excitação pulsional e a busca do ego por seu domínio: em outras palavras, põe em relevo tanto um demônio em ação

quanto a religião que tenta exorcizá-lo. Trata-se de um enfrentamento que, em função de sua violência, transbordou os limites psíquicos, e que se apresenta em ato – ato ritualizado. Pensamos, com Gurfinkel (2005), que os rituais obsessivos são da ordem da inação, como um *não à ação* em função da ameaça que ela representa. “Os atos obsessivos são neste sentido um arremedo de ato, uma substituição patológica do ato humano livre” (FRANCO, 2005, p. 156). O obsessivo é aquele que vive à margem do ato, aprisionado em suas ruminções.

O afeto não vem a ser transposto para o corpo na busca de investimentos alternativos capazes de proporcionar satisfação através de uma formação de compromisso. Pelo contrário, ele se enquista no ego sob a forma de poderoso contrainvestimento que visa fazer face à exigência pulsional.

Na neurose obsessiva,

(...) o ego surge como um fator de ligação dos processos psíquicos; mas, nas operações defensivas, as tentativas de ligação da energia pulsional são contaminadas pelas características que especificam o processo primário: assumem um aspecto compulsivo, repetitivo, desreal (LAPLANCHE & PONTALIS, 1982/2001, p. 124).

Ocorre o que poderíamos chamar de um “frenesi” da ligação, da representação, ao qual o ego fica aprisionado. Este aspecto está relacionado à forma singular pela qual a compulsão à repetição se apresenta na neurose obsessiva, como desenvolveremos a seguir.

III.7 A singularidade da compulsão obsessiva

Como vimos no primeiro capítulo, as primeiras reflexões de Freud sobre a compulsão se dão no contexto da neurose obsessiva, sendo a compulsão um aspecto preponderante nesta patologia, claramente indicado em sua denominação na língua alemã: *Zwangsneurose*.

A compulsão surge na teoria freudiana diretamente ligada ao retorno do recalcado e ao sentimento de culpa, ou seja, inserida na dinâmica do conflito psicosssexual. Porém, o *Zwang* que a neurose obsessiva põe em evidência passou a interrogar a teoria freudiana, ao indicar um aspecto do funcionamento psíquico ignorado até então.

Assoun (1994) destaca que o termo *Zwang* designa a utilização de violência, seja corporal ou psíquica, e fala de uma exigência interna de agir, de caráter imperativo. A ideia de uma pressão inelutável exercida a partir do mundo interno evidencia a íntima

articulação existente entre compulsão e o próprio conceito de pulsão. O caráter repentino e disruptivo das compulsões indica a singularidade da temporalidade dos processos psíquicos envolvidos. O imediatismo é resultado da precariedade dos mecanismos de elaboração psíquica convocados. A compulsão, assim, coloca em evidência um “demônio” que age no interior do sujeito.

O reconhecimento do caráter demoníaco da compulsão problematiza de maneira decisiva essa noção, o que culminará na introdução da noção de compulsão à repetição.

Pode-se conhecer, no psiquismo inconsciente, o domínio de uma compulsão à repetição, procedente dos impulsos instintuais e provavelmente inerente à própria natureza dos instintos – uma compulsão poderosa o bastante para prevalecer sobre o princípio de prazer, emprestando a determinados aspectos da mente o seu caráter demoníaco (FREUD, 1919/2006, p. 256).

É através da compulsão que Freud tem acesso a algo mais elementar, mais originário, mais pulsional: a compulsão à repetição. A compulsão revela-se o indicador maior da ação da compulsão à repetição. Há um deslizamento da repetição em ação nas compulsões, para uma compulsão à repetição. É este deslizamento que vai permitir a entrada da pulsão de morte na teoria freudiana. Segundo Assoun (1994) a compulsão que a neurose obsessiva, de maneira inquestionável, põe em relevo, permite o aprofundamento da compreensão da problemática pulsional.

A noção de compulsão à repetição foi um dos principais alicerces para a construção da segunda teoria pulsional. Em 1920 Freud indica que o efeito compulsivo procede do efeito do trauma, do pulsional que não pôde ser dominado, e sua intensidade é proporcional a essa força traumática.

A postulação de uma compulsão à repetição e sua articulação ao traumático nos interroga acerca da singularidade da compulsão em ação na neurose obsessiva. A dimensão do ato ganha destaque neste contexto como forma de fazer frente a essa força que se impõe ao sujeito sem que ele possa dominá-la. Os rituais obsessivos dão notícia deste demoníaco que age a partir do interior, do imperativo interno inescapável, que obriga ao ato; porém, neste caso, trata-se de um ato ritualizado.

Assoun (1994) indica o entrelaçamento de duas dimensões contrastantes na compulsão obsessiva: uma pressão poderosa e inescapável que conduz ao ato e a vincula ao pulsional, e outra dimensão que limita, restringe a possibilidade de ação, que a veicula ao interdito. Isso ocorre devido à articulação que encontramos nesta patologia entre compulsão à repetição e interdição: como vimos, o imperativo de “dever fazer” se interliga de forma indissociável ao imperativo de “não poder fazer”, instituído pelo

sentimento de culpa. Os atos obsessivos, portanto, colocam em destaque tanto o interdito quanto o demoníaco em ação no interior do sujeito.

Na neurose obsessiva, como procuramos mostrar, a dimensão do ato encontra-se preponderantemente inibida, a possibilidade de ação estando reduzida aos rituais obsessivos. Neste contexto, como desenvolvemos, o pensamento adquire valor de ato, ato compulsivo, o que indica que seu funcionamento também é regido pela compulsão à repetição. Assoun (1994) nos adverte que a compulsão a repetir é tributária da pulsão de morte, mesmo que a ela se acrescente a obtenção de prazer, como no caso dos rituais e ruminções obsessivos. Estamos, portanto, diante de uma economia de repetição assentada na ação da pulsão de morte.

A justaposição da interdição à compulsão à repetição engendra uma forma singular de esta última apresentar-se tanto no registro do ato quanto no do pensamento: através de atos ritualizados e da manipulação incessante do pensamento. A seguir nos dedicaremos a analisar essa forma singular de a compulsão à repetição manifestar-se no terreno do pensamento.

O ego é conservador e fonte de resistência, visa garantir a sua suposta unidade, aspirando principalmente à ligação e à unificação. A característica principal do ego é sua tendência a sintetizar seus conteúdos, a resumir e uniformizar os processos psíquicos. Busca defender-se dos elementos que ponham em risco sua “unidade” narcísica. Esta tendência é considerada por Freud (1926/2006) como uma “compulsão à síntese”. Qualquer ameaça à unificação narcísica estimula a autodefesa narcísica. Na neurose obsessiva, a compulsão à síntese apresenta-se de forma singular em função das alterações que o processo defensivo produz no ego e do caráter mortífero e de paralisação que infiltra tal forma de compulsão repetitiva, sem abertura ao novo, a não ser pela via do deslocamento do “mesmo”.

Há, na neurose obsessiva, uma tendência à multiplicação das defesas, à criação de novos sintomas que vão se deslocando, mas a serviço da manutenção de um estado de inação – o que a torna a mais típica das neuroses de defesa. Os mecanismos de defesa não são abandonados após terem protegido o ego durante as fases do conflito defensivo; ao contrário, esse múltiplo processo defensivo resultará em alterações do ego, tendendo cada vez mais a cristalizar o seu funcionamento. Essas alterações consistem no “conjunto das limitações e das atitudes anacrônicas adquiridas pelo ego durante as fases do conflito defensivo, e que repercutem desfavoravelmente nas suas possibilidades de adaptação” (LAPLANCHE & PONTALIS, 1982/2001, p. 15).

Segundo os autores, a noção de “alteração do ego” aparece no princípio e no fim da obra de Freud nos seguintes textos: “Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa” de 1896 e em “Análise terminável e Interminável” de 1937. Embora Freud tenha mencionado esta noção em outros momentos da obra, é nesses dois textos, especialmente no de 1937, que Freud a desenvolverá. Em 1896, ele a relaciona à paranoia. Estabelece uma distinção entre duas formas de delírio: uma que estaria ligada ao retorno do recalcado. Quanto ao que chama delírio “combinatório” ou de “assimilação”, este envolveria uma adaptação do ego à ideia delirante: o paranoico tentaria atenuar as contradições entre a ideia delirante primária e o funcionamento lógico do pensamento.

No texto de 1937, Freud mostra que os mecanismos de defesa originalmente construídos para o enfrentamento dos perigos internos podem acabar por “fixar-se no ego” e constituir modos reacionais, alterações de caráter que serão repetidas ao longo da vida do sujeito. Os mecanismos de defesa tenderão a ser utilizados mesmo que a ameaça inicial tenha desaparecido da consciência. A alteração do ego deve ser comparada, sobretudo, a uma montagem de comportamento.

O ego do adulto, com sua força aumentada, continua a se defender contra perigos que não mais existem na realidade; na verdade, vê-se compelido a buscar na realidade as situações que possam servir como substituto aproximado ao perigo original, de modo a poder justificar, em relação àquelas, o fato de ele manter suas modalidades habituais de reação (FREUD, 1937/2006, p. 254).

O que Freud tem em vista é algo diferente da repercussão direta do conflito defensivo no ego. Ele fala de uma posterior cristalização dos mecanismos defensivos que passam a integrar as fronteiras egoicas. Sublinha que tais alterações tendem a ocasionar uma alienação cada vez maior com relação ao mundo externo assim como permanente enfraquecimento do ego.

Os mecanismos de defesa servem ao propósito de manter afastados os perigos. Não se pode discutir que são bem-sucedidos nisso, e é de duvidar que o ego pudesse passar inteiramente sem esses mecanismos durante seu desenvolvimento. Mas é certo também que eles próprios podem transformar-se em perigos. Às vezes, se vê que o ego pagou um preço alto demais pelos serviços que eles lhe prestam. O dispêndio dinâmico necessário para mantê-los, e as restrições do ego que quase invariavelmente acarretam, mostram ser um pesado ônus sobre a economia psíquica (Id., *ibid.*, p. 253).

Acreditamos ser este o caso na neurose obsessiva, já que o preço pago pelo ego pelos serviços dos mecanismos de defesa é alto demais. Neste caso, as alterações que a multiplicação de defesas provoca, limitam significativamente as perspectivas de mudança, o ego ficando engessado por tais alterações. Esta resistência à mudança causa

sensível estagnação do trabalho psíquico, empobrecimento da plasticidade psíquica, tornando-se obstáculo à realização de novas sínteses.

A capacidade de síntese se vê restrita à repetição compulsiva das sínteses já efetuadas pelo ego. Ocorre, como dissemos, uma cristalização, destrutiva, pela via da compulsão à repetição, no caso da própria tendência do ego à síntese, como forma de “dominação” da irrupção pulsional, fazendo prevalecer uma inércia psíquica, mortífera, um modo de funcionamento psíquico refratário à mudança, reforçado pelas formações reativas e pelo isolamento. Portanto, a repetição compulsiva das sínteses já realizadas pelo ego põe em relevo a ação da compulsão à repetição subjacente a ela, e que a comanda.

Em função da alteração do ego, os aspectos patológicos passam a integrar o espaço egoico, dificultando o seu abandono. Como alerta Fédida: “Não nos esqueçamos, evidentemente, que por mais penoso que seja o sofrimento da doença, temer-se-ia abandoná-lo, como se devesse abandonar sua identidade, com o risco de ser pura e simplesmente aniquilado” (FÉDIDA, 2003, p. 153). As alterações do ego são concebidas como secundárias, distanciadas do conflito e daquilo que traz a marca do inconsciente. Neste sentido, ofereceriam uma dificuldade especial ao tratamento, pois a elucidação do conflito tem pouca influência sobre as modificações inscritas no ego (FREUD, 1937/2006).

A dificuldade é que os mecanismos defensivos erigidos contra um perigo anterior reaparecem no tratamento como resistências ferrenhas contra o restabelecimento. “Disso decorre que o ego trata o próprio restabelecimento como um novo perigo” (Id., *ibid.*, p. 254). Logo, as resistências que surgem ao longo do processo analítico não estariam ligadas apenas à conscientização dos conteúdos do id, mas também à análise como um todo, e, assim, ao restabelecimento. “Uma verdadeira resistência opondo-se à descoberta das próprias resistências” (LAPLANCHE & PONTALIS, 1982/2001, p. 16).

Identificar as alterações do ego constitui uma das tarefas fundamentais da análise. Este aspecto vem descortinar interessante campo de discussão acerca do tratamento da neurose obsessiva, especialmente no que concerne à singularidade de seu manejo clínico, seus limites e possibilidades – perspectiva que deixaremos, no entanto, em aberto, pois explorá-la, neste momento, representaria um desvio em nosso percurso.

A intensa exigência pulsional intensifica a ameaça à unidade narcísica; a esta ameaça o ego responde pela exacerbação da repetição das sínteses já realizadas, visando

à manutenção de suas fronteiras. A manipulação incessante do pensamento expressa e serve justamente a esta repetição, obstruindo a abertura para uma efetiva elaboração.

Fédida (2003) se refere à manipulação incessante do pensamento como uma “(...) teorização solipsista do pensamento onipotente” (FÉDIDA, 2003, p. 152). Segundo o autor, estamos diante de um tratamento autocrático da excitação pulsional, que se dá através da manipulação do pensamento: tentativa de tratamento psíquico autocrático, tratamento do psíquico pelo psíquico. Há uma espécie de tentativa de autossuficiência do psiquismo, através de seu fechamento em torno de si mesmo, ou seja, uma forte tendência à exclusão do outro. Neste sentido, encontramos na neurose obsessiva um tratamento psíquico autocrático da excitação pulsional, intimamente relacionado à exacerbação da compulsão à síntese, ou seja, intimamente relacionado à ação da compulsão à repetição.

Chabert (1992) assinala que, para se defender da exigência pulsional, o ego investe suas fronteiras maciçamente. Esse superinvestimento implica retraimento narcísico, vindo transformar as fronteiras em membranas impermeáveis, rígidas, que vão, pouco a pouco, comprometendo a possibilidade de comunicação com os objetos. Como alerta Freud (1916/2006), a perda da capacidade de diversificar os investimentos libidinais é o sinal do empobrecimento egoico: um ego extremamente rígido e, portanto, extremamente frágil.

O ego, diante dos elementos traumáticos que passam a habitar o psiquismo e a ameaçar suas fronteiras, tenta, paradoxalmente, erigir fronteiras hiper-rígidas, pouco porosas, visando proteger-se, visando manter a distância entre ele e o outro, entre ele e o objeto. Trata-se de uma forma singular de enfrentar a exigência pulsional: pela exacerbação da repetição das sínteses já realizadas, pelo contrainvestimento maciço das fronteiras egoicas. Vemos aqui uma busca incessante e violenta por um controle narcísico imperioso – tendência a um tratamento autocrático da exigência pulsional – diretamente proporcional à fragilidade egoica e à intensidade da exigência pulsional. Estamos diante de uma defesa de caráter radical – comandada pela compulsão à repetição – que luta contra a intromissão do outro no psiquismo.

O resultado da intensificação da compulsão à síntese é a imobilização do ego, suas fronteiras tornando-se verdadeira armadura defensiva. Isso revela a presença de um trabalho ativo e permanente que busca fazer frente à exigência pulsional, trabalho operado, paradoxalmente, por meio desse engessamento do ego. O obsessivo torna-se, assim, prisioneiro das alterações que o ego sofreu, aprisionado em última instância pela

construção e manutenção de sua muralha defensiva. Portanto, a forma de o ego frágil e onipotente defender-se, acaba por fragilizá-lo ainda mais.

Estabelece-se um embate permanente e, através dele, o ego se torna prisioneiro do circuito defensivo que construiu, o qual vem a se tornar um cárcere para si mesmo. Uma “morte” por síntese?

O retraimento narcísico torna-se imperativo em função do investimento maciço das fronteiras egoicas, o que contribui para a manutenção da onipotência, intensificando ainda mais a fragilidade egoica. Estamos diante de um funcionamento psíquico também ancorado na onipotência narcísica e na busca por sua manutenção. A violência da exigência pulsional e a forma de o ego responder a tal ataque, através da intensificação da compulsão à síntese, indicam a importância da dimensão narcísica, a importância de atentarmos, mais uma vez, para a fragilidade narcísica que caracteriza esta patologia.

Laplanche indica que “(...) certamente que há uma morte do psiquismo por desintegração, morte pela pulsão de morte, mas há também morte do psiquismo por rigidificação e síntese excessivas, morte do psiquismo pelo ego” (LAPLANCHE, 1980/1987, p. 154). Na neurose obsessiva, o caráter destrutivo da resposta egoica nos permite deduzir a violência do pulsional que age subjacente a ela. E, além disso, evidencia que esse caráter mortífero infiltra a própria resposta egoica a essa exigência, resposta que se dá pela intensificação da compulsão à síntese – singular forma da manifestação da compulsão à repetição na neurose obsessiva – provocando o encarceramento egoico, uma forte tendência à exclusão do outro.

Esse aspecto põe em evidência a paradoxal forma de defesa narcísica que a intensificação da compulsão à síntese engendra: o encarceramento da subjetividade que estaria, paradoxalmente, a serviço da manutenção da vida. Logo, empenhado na luta pela vida, o obsessivo não pode viver.

Em função das alterações que o processo defensivo provoca no ego surge apego particularmente intenso à doença e ao sofrimento, que se opõe a qualquer movimento no sentido do êxito, inclusive à recuperação do próprio paciente na análise. Tal apego, segundo Freud (1937/2006), está intimamente articulado ao sentimento de culpa e à necessidade de punição, e deve ser localizado na violenta relação do ego com o superego, como exploraremos no próximo capítulo. “Esses fenômenos constituem indicações inequívocas da presença de um poder na vida mental que chamamos de instinto de agressividade ou de destruição, segundo seus objetivos, e que remontamos ao instinto de morte” (FREUD, 1937/2006, p. 259).

Freud destaca que o que está subjacente a esses fenômenos é ação da pulsão de morte, é o ataque pulsional. A violência do sentimento de culpa e do circuito autopunitivo que ele engendra revela a força da excitação pulsional contra a qual o ego luta. Passemos, então, à análise da problemática da culpa na neurose obsessiva.

Capítulo IV

O apelo à culpa: da transgressão pulsional à transgressão da lei

(...) o desamparo inicial dos seres humanos é a fonte primordial de todos os motivos morais

(FREUD, 1895{1950 [1887-1902]}/2006, p. 370. Grifos do autor).

A neurose obsessiva é considerada patologia intimamente ligada à problemática moral e aos seus desdobramentos subjetivos. Isso se deve à significativa importância que o sentimento de culpa aí adquire, expresso por meio de autoacusações. Procuraremos alcançar uma melhor compreensão da dinâmica psíquica subjacente à insistente e violenta presença das severas autoacusações.

Nossa investigação centrar-se-á principalmente na questão do sentimento de culpa. Examinaremos aqui aspectos que embasam a sua instauração nesse tipo de neurose, levando em conta a dinâmica pulsional que nela está em jogo. As questões que guiarão a nossa reflexão são as seguintes: Qual a natureza do sentimento de culpa na neurose obsessiva? Como nela o imperativo superegoico se articula com o sentimento de culpa?

Um caminho frutífero para trabalharmos tais questões, tendo em vista o objetivo central de nossa tese – demonstrar a ação de uma dimensão de violência psíquica na neurose obsessiva –, é a de analisar os elementos metapsicológicos do sentimento de culpa: investigar sua origem tópica e a dinâmica e economia psíquica aí envolvidas.

IV.1 As autoacusações obsessivas

A moralidade severa, própria à neurose obsessiva, chamou a atenção de Freud e continua a nos interpelar, especialmente em função das violentas autoacusações características deste quadro clínico. O homem dos ratos é o exemplo mais eloquente dessa moral implacável, uma vez que ele assume o papel de carrasco de si mesmo,

engendrando um circuito autopunitivo do qual não consegue desembaraçar-se. Como indica Laplanche (1980/1987), o sujeito em questão faz dos sintomas uma máquina de tortura, estando o sentimento de culpa no cerne dessa lógica autopunitiva. O sentimento de culpa não estaria dando notícias aqui de um ataque pulsional violento que o ego tende a infligir a si mesmo? É esta a ideia que pretendemos demonstrar.

O sentimento de culpa é comumente relacionado, de modo direto, à problemática da lei interna, levando-nos a investigar a questão do superego. Visamos analisar a singularidade da formação desta instância na neurose obsessiva, mas, cabe ressaltar, pretendemos romper com essa suposta evidência de que a ferocidade própria a essa instância estaria exclusivamente relacionada com a problemática da interiorização da lei edipiana. Esta proposta é, no nosso entender, de significativa relevância num estudo sobre a neurose obsessiva.

Como procuramos sublinhar no capítulo I, nesta patologia o superego apresenta caráter especial, instância responsável que nos parece ser pelo retorno das pulsões destrutivas sobre o ego. O superego apresenta-se aqui em sua vertente feroz e violenta, atacando o ego de modo impiedoso. Na neurose obsessiva, “a situação de perigo da qual o ego deve fugir é a hostilidade do superego, (...) o perigo está inteiramente internalizado” (FREUD, 1926/2006, p. 127).

A gênese do sentimento de culpa e sua singular ligação com a dimensão de lei interna merecem cuidadoso estudo, atento às nuances e às especificidades desta ligação e, em particular, à violência que a caracteriza. Faz-se, portanto, necessário compreendermos a natureza da “lei” que embasa a formação do superego na neurose obsessiva. Para tal, vamos nos deter no problema das origens do superego e no papel que exerce na dinâmica intrapsíquica, particularmente neste quadro clínico.

IV.2 O superego em Freud

Na neurose obsessiva, o sujeito constrói um circuito autopunitivo em torno do qual a vida psíquica permanece siderada. Porém, como sugere Laplanche (1980/1987), é preciso olhar para além do carrasco de si mesmo – tão bem exemplificado pelo homem dos ratos – e buscar compreender a singularidade da dinâmica intrapsíquica envolvida no caso.

(...) é preciso conceber, no ‘eu me faço sofrer’, a instauração de uma cena subjetiva com, pelo menos, duas personagens: ‘eu me faço sofrer’ é sempre, de um modo ou de outro,

‘eu faço sofrer em mim o outro que aí pus. Há um desdobramento interno. E não somente o *me*, de ‘eu me faço sofrer’, é um outro, mas é preciso entender – e é esse o tema do superego – que o *eu*, também, é um outro (LAPLANCHE, 1980/1987, p. 278).

Na obra freudiana, o superego é tratado, principalmente, como herdeiro do complexo de Édipo. No entanto, encontramos também em Freud, ainda que de forma menos nítida, uma linha de argumentação – intimamente ligada à neurose obsessiva – na qual o superego seria expressão dos mais poderosos impulsos e vicissitudes libidinais do id.

Consideremos, por um momento, a neurose obsessiva. Aqui, o estado de coisas é diferente. A desusão de amor em agressividade não foi efetuada por ação do ego, mas é o resultado de uma regressão que ocorreu no id. Esse processo, porém, estendeu-se além do id, até o superego, que agora aumenta a sua severidade para com o inocente ego (FREUD, 1923/2006, p. 67).

Freud pontua que os efeitos da regressão não se limitam ao id, mas agem de forma dominante no superego, sendo essa regressão o resultado de uma desintração pulsional. O ego recalca as pulsões sádicas, porém o efeito deste recalque é que tais pulsões não atuam apenas no id, tornando-se o núcleo do superego.

Podemos ou simplesmente aceitar como um fato que na neurose obsessiva surge um superego severo dessa espécie, ou considerar a regressão da libido como a característica fundamental da afecção e tentar relacionar a severidade do superego com isto. E realmente o superego, originando-se do id, não pode dissociar-se da regressão e desusão do instinto que ali se verificam. Não podemos surpreender-nos se ele se tornar mais áspero, mais rude e mais atormentador do que onde o desenvolvimento tem sido normal (FREUD, 1926/2006, p. 117).

Para Freud (1926/2006), a severidade do superego na neurose obsessiva deriva da importância da desintração pulsional provocada pela regressão à organização sádico-anal a qual, por sua vez, decorreria da problemática edípica. Isso faz com que a lógica incestuosa e violenta passe a imperar no psiquismo, pois os desejos incestuosos disfarçar-se-iam em tendências agressivas e destrutivas. Assim, o cenário edípico passa a ser um cenário sádico-anal. Em função da dessexualização, o componente erótico perde o poder de unir a totalidade da agressividade com a qual se achava combinado, sendo esta liberada. Nesse componente destrutivo, resultante da desintração pulsional, as pulsões sádicas que haviam sido projetadas para fora vêm a ser reintrojadas pelo ego em formação, constituindo o superego.

Em 1930, a relação entre o superego e as pulsões na neurose obsessiva passa a ser abordada de forma mais detalhada. Freud considera a renúncia pulsional como fonte da severidade do superego.

(...) a severidade original do superego não representa – ou não representa tanto – a severidade que dele (do objeto) se experimentou ou que se lhe atribui. Representa, antes, nossa própria agressividade para com ele. Se isso é correto, podemos verdadeiramente afirmar que, de início, a consciência surge através da repressão de um impulso agressivo, sendo subsequentemente reforçada por novas repressões do mesmo tipo (FREUD, 1930/2006, p. 133).

Vemos que nesta passagem a severidade do superego é estreitamente articulada à dimensão pulsional, aspecto que justificaria o fato de esta instância voltar-se contra o ego de maneira tão cruel. Freud destaca ainda que “(...) o efeito da renúncia instintiva sobre a consciência, então, é que cada agressão de cuja satisfação o sujeito desiste é assumida pelo superego e aumenta a agressividade deste (sobre o ego)” (FREUD, 1930/2006, p. 132). A renúncia pulsional não atenuaria, então, a ferocidade do superego em relação ao ego, mas ao contrário a agravaria. Esta intensificação da agressividade superegoica é sentida pelo ego pela exacerbação do sentimento de culpa. Quanto maior a renúncia pulsional, maior a pressão que o superego exercerá sobre o ego, indicador de que a renúncia pulsional é, na verdade, diretamente proporcional à exigência superegoica.

Esta constatação abre importante questionamento da ideia de que o superego seria apenas um herdeiro do complexo de Édipo. Deste modo, Freud evidencia a vertente pulsional do superego, problematizando, portanto, os elementos responsáveis por sua origem. Neste momento da obra, conforme aponta Cardoso (2002a), os aspectos contraditórios da teoria freudiana sobre a constituição do superego são evidenciados, revelando-nos a complexidade que comporta esta problemática, a qual demanda reflexão mais apurada.

A renúncia à satisfação da agressividade, ou seja, o retorno das pulsões sádicas passa a constituir e a alimentar o superego. Freud nos mostra (1930/2006) que a regressão e a desintração pulsional – que, segundo ele, resultariam de elaboração precária do complexo de Édipo – fazem com que a destrutividade ganhe força, passando a vigorar através do ataque que o superego endereça ao ego. O imperativo de satisfação pulsional vem a dominar no superego, que o dirige de forma impiedosa ao ego (FREUD, 1930/2006).

A renúncia pulsional é tratada por Freud como fonte de energia para o superego, colocando, portanto, em relevo a suposição de uma origem pulsional para esta instância. A ferocidade dela adviria justamente da violência das pulsões sádicas. E vale lembrar que o sadismo é o representante das pulsões de morte. “A segunda classe de instintos

[pulsões de morte] não foi fácil de indicar; ao final viemos a reconhecer o sadismo como seu representante” (FREUD, 1923/2006, p. 53).

A severidade do superego é inicialmente articulada por Freud à severidade da instância externa, representada pela figura paterna. Em um segundo tempo da obra, como procuramos mostrar – e de modo particularmente relacionado ao estudo da neurose obsessiva – a severidade do superego é relacionada à ferocidade da instância interna cuja fonte estaria nas pulsões. A partir de então, o superego é também intimamente articulado por Freud ao registro do pulsional e não apenas como representante da lei. “Apesar disto, a teorização freudiana manterá um caráter paradoxal: os aspectos mais ferozes da pulsão integrando-se mal em um modelo segundo o qual o superego é uma instância identificatória, herdeira do complexo de Édipo” (CARDOSO, 2002a, p. 43).

Estamos diante de uma dupla polaridade da teoria do superego em Freud: lei paterna por um lado; aspecto pulsional, sádico, por outro. Isso expressa, segundo Cardoso (2002a), o paradoxo que caracteriza a problemática do superego na obra freudiana: “(...) o superego como representante da ‘realidade’ e como instância que retira sua força das pulsões” (CARDOSO, 2002a, p. 21).

Considerando essa complexidade da gênese e do funcionamento do superego e, visando a uma maior precisão quanto à singularidade dessa instância na neurose obsessiva, retomaremos, a seguir, a problemática das mensagens maternas sob novo ângulo, pois, como adiantamos no segundo capítulo, ela vem se entrecruzar com a da constituição do superego.

IV.3 Mensagens maternas e superego

Procuramos mostrar anteriormente como a dimensão traumática do encontro com o outro, no âmbito da relação primária, desempenha importante papel na gênese da neurose obsessiva, sem, porém, deixar de articulá-la à problemática edipiana. Vimos que o caráter traumático do encontro com a figura materna advém, em grande parte, do fato de certas mensagens transmitidas, nesse momento inicial da vida psíquica, permanecerem “enterradas” no psiquismo do sujeito.

Ao analisar as razões pelas quais tais mensagens vêm a ser incorporadas, permanecendo na posição de enclaves no psiquismo, exploramos certas contribuições da “teoria da sedução generalizada”, desenvolvida por Jean Laplanche. Fizemos esse

percurso tendo como guia, em grande parte, as contribuições de Marta Rezende Cardoso (2002a). Dentre as noções desenvolvidas por Laplanche, destacamos as de intromissão e de enclave, que se revelaram ferramentas essenciais para a nossa investigação sobre a constituição da dimensão de alteridade interna e de seu papel na dinâmica intrapsíquica.

A sedução traumática é, no nosso entender, elemento de especial relevância no processo de constituição psíquica próprio à neurose obsessiva. Como desenvolvemos no capítulo anterior, a relação do sujeito com a figura materna seria veiculada, neste caso, por um confronto com mensagens de caráter violento, elementos não metabolizáveis. Isso aponta para o que Laplanche denomina “intromissão do outro”, dando destaque à dimensão de poder absoluto por este exercido. As mensagens “intrometidas” permanecem como elementos externos, como outro externo no interior do psiquismo, como “alteridade radical”, de acordo com o que aponta Cardoso (2002b/2010).

O sujeito fica exposto a uma face do objeto que escapa à sua capacidade de ligação, exposto a sua dimensão intraduzível e categórica. A intromissão do outro no psiquismo não nos parece configurar um processo de natureza identificatória, pois se trata justamente da impossibilidade de integrar no ego tais mensagens (Cardoso, 2002a).

Essa impossibilidade de integração das mensagens do outro no espaço egoico leva-nos à análise de um mecanismo de significativa importância em toda essa problemática: o da incorporação, recurso defensivo convocado quando a introjeção torna-se impraticável. Abraham e Torok (1995) traçam importante distinção entre as noções de introjeção e incorporação. Ao explorá-la, temos como objetivo a continuidade de nossa reflexão sobre a constituição do superego na neurose obsessiva, em especial sobre o que fundamentaria a ferocidade peculiar que ele apresenta nesse quadro clínico.

IV.4 Incorporação do outro: na base do superego feroz

A introjeção está na base dos processos identificatórios, e representa a integração, no território egoico, de traços pertencentes ao objeto. O processo de introjeção implica a possibilidade de assimilação das qualidades do objeto, numa metabolização desta apropriação, contribuindo para o enriquecimento egoico. A incorporação entra em cena quando a introjeção é impraticável, isto é, quando o objeto se mostra incapaz de cumprir a função de mediação necessária para que suas qualidades sejam metabolizadas pelo ego. Neste caso, o mecanismo da incorporação é convocado, e o objeto é instalado no psiquismo de forma direta, sem metabolização.

Segundo Laplanche & Pontalis (1982/2001, p. 248), na introjeção: “O sujeito faz passar, de um modo fantasístico, de ‘fora’ para ‘dentro’, objetos e qualidades inerentes a esses objetos”. Este processo envolve um trabalho de luto objetal, de elaboração da perda, e representa, conseqüentemente, uma mudança no psiquismo, o qual deve se reorganizar em função da assimilação das propriedades relativas ao objeto. É por meio do processo de introjeção que a perda do objeto poderá ser metaforizada pelo ego. Enquanto o processo de introjeção relaciona-se à integração de traços pertencentes ao objeto no território egoico, o mecanismo da incorporação diz respeito aos elementos “estranhos”, que não são passíveis de acomodação no universo representacional. A introjeção é o processo que permitiria a transformação daquilo que é estranho, em familiar, a eliminação das diferenças.

Segundo Pinheiro, “A introjeção não se realiza ou porque o objeto de interesse desapareceu, ou porque o objeto não possui as condições necessárias para servir de mediador” (PINHEIRO, 1995, p. 53). Seguindo as indicações da autora, um dos caminhos para compreendermos por que o objeto não consegue ser mediador da introjeção de seus próprios traços é a presença dentre estes de elementos traumáticos, não metabolizados em seu próprio psiquismo.

Na neurose obsessiva, elementos traumáticos advindos do objeto permanecem radicalmente “estrangeiros”, inassimiláveis, indicando que a sua introjeção não foi possível. Este aspecto está intimamente articulado ao que procuramos indicar anteriormente, a partir das ideias de Cardoso (2002a). Referimo-nos aqui ao caráter particular de certos elementos, que apontam para a precariedade da relação com o outro, em especial ao que concerne ao registro primário – elementos traumáticos que permanecem “enterrados” no psiquismo do sujeito – particularidade que se deve ao fato de esses elementos já se apresentarem na condição de enclaves no psiquismo materno.

Na neurose obsessiva, o objeto, em função de ter seu psiquismo habitado por enclaves, não funciona como mediador destes elementos, os quais ele próprio não chegou a integrar, nem a recalcar, em seu espaço egoico. A incorporação entra em cena quando o objeto não cumpre a sua função de mediação, necessária para que as suas qualidades sejam metabolizadas pelo ego. O mecanismo de incorporação dispensa o ego do trabalho de reorganização psíquica que o luto objetal exigiria:

(...) A ‘cura’ mágica por incorporação dispensa o trabalho doloroso da recomposição. Absorver o que vem a faltar sob forma de alimento, imaginário ou real, no momento em que o psiquismo está enlutado, é *recusar o luto* e suas conseqüências, é recusar introduzir em si a parte de si mesmo depositada no que está perdido, é recusar saber o

verdadeiro sentido da perda, aquele que faria com que, sabendo, fôssemos outro, em síntese, é recusar sua introjeção (ABRAHAM & TOROK, 1995, p. 245. Grifos dos autores).

A incorporação tem por finalidade reparar a ausência da introjeção, como forma de reparação narcísica. Visa à recuperação instantânea do objeto, buscando evitar os efeitos de sua perda. Isto impossibilita o enriquecimento e desenvolvimento psíquico. “(...) ela (a incorporação) implica a destruição fantasística, do ato mesmo pelo qual a metáfora é possível: o ato de pôr em palavras o vazio oral original, o ato de introjetar” (ABRAHAM & TOROK, 1995, p. 251). A introjeção e a incorporação operam em sentidos contrários, e mais do que isso “(...) a incorporação denuncia uma lacuna no psiquismo, uma falta no lugar preciso em que uma introjeção deveria ter ocorrido” (Id., *ibid.*, p. 245).

A distinção entre as noções de introjeção e incorporação permite a inteligibilidade dos aspectos violentos e ferozes do superego na neurose obsessiva. Em harmonia com as proposições de Cardoso (2002a) – que supõem a inscrição dos elementos intraduzíveis no superego –, consideramos que a formação da instância do superego na neurose obsessiva é fortemente ancorada no mecanismo de incorporação, ou seja, ancorada em um processo de transmissão traumática.

O superego se constitui como corpo estranho não metabolizável, sua origem estando, portanto, articulada às mensagens maternas violentamente inseridas no psiquismo, ou seja, a sua ferocidade está intimamente articulada ao pulsional excessivo, aos aspectos mais arcaicos do psiquismo, situando-se aquém do recalçado.

Destacamos a dimensão de alteridade implicada na incorporação de elementos traumáticos advindos do objeto, face inassimilável do outro que passa a atacar o ego, a ameaçar suas fronteiras. Estamos diante da introdução de elementos não metabolizáveis – intraduzíveis –, elementos que têm caráter imperativo. Trata-se de uma força estrangeira que vai agir no interior.

O pulsional passa a ser imposto de forma inescapável através dos ataques do superego, engendrando uma dinâmica particular, mecanizada, de ataque e defesa. A dimensão de alteridade interna desempenha singular papel na neurose obsessiva: de ataque permanente, o que faz com que o ego precise se defender de forma compulsiva e contínua. Tendo em vista este caráter estrangeiro do superego na tópica, e levando igualmente em conta as posições de Assoun (1994), acreditamos que o superego pode

ser considerado como o coração da compulsão obsessiva, como a matriz da *Zwang* que define a neurose obsessiva.

A questão do ataque do outro, seu aspecto não metabolizável, é para nós o traço originário do superego na neurose obsessiva. Portanto, a violência das autoacusações que a caracterizam está intimamente articulada ao embate com um superego arcaico que ameaça a delimitação das fronteiras egoicas. Em outras palavras, trata-se de pensar o ego numa situação de invasão de sua tópica por elementos traumáticos, fonte de angústia de aniquilamento, e que se situaria aquém de uma angústia de castração.

Na base da referida obstrução da introjeção, haveria um objeto impossível de ser efetivamente perdido, impossível de ser metaforizado, por seu caráter excessivo, traumático, objeto incorporado que permanecerá “enclavado” no psiquismo. A função principal do trabalho de luto – elaboração e a assimilação da perda, possibilitando efetiva separação com relação ao objeto perdido – fica comprometida.

Visto que a incorporação, que vai no caminho inverso ao da introjeção, gera resistência ao trabalho de luto e às mudanças neste implicadas, é possível compreender, agora com mais clareza, por que Kristeva (1988) destaca, como indicamos no segundo capítulo, que a mãe permanece “enterrada” no psiquismo do obsessivo. Isto se deve ao fato de seu aparelho psíquico conter elementos traumáticos não elaborados os quais constituíram entrave ao trabalho de luto de sua perda por parte de seu filho.

Referindo-se ao trabalho de luto na neurose obsessiva, Freud (1917) destaca:

Onde existe uma disposição para a neurose obsessiva, o conflito devido à ambivalência empresta um cunho patológico ao luto, forçando-o a expressar-se sob a forma de auto-recriminação, no sentido de que a própria pessoa enlutada é culpada pela perda do objeto (FREUD, 1917 [1915]/2006, p. 256).

Nesta passagem do texto “Luto e melancolia”, Freud (1917[1915]/2006) esclarece que o ego, na neurose obsessiva, responde à perda do objeto por meio de autoacusações, aspecto que confere caráter patológico ao trabalho de luto nesta patologia. Queremos destacar a articulação que Freud traça aqui entre perda do objeto e autoacusações. Em nosso ponto de vista, essa articulação permite esclarecer a dinâmica particular de ataque e defesa que se trava entre superego e ego nesta patologia. Como vimos, a perda do objeto é marcada pela incorporação de elementos traumáticos, os quais constituem o superego. O ego passa, assim, a ter suas fronteiras ameaçadas por estes elementos traumáticos que o atacam a partir da ação do superego.

Na neurose obsessiva há um ataque constante, originado do superego feroz, contra o qual o ego precisa defender-se. Ao violento ataque do superego, o ego responde com a convocação da moral, por meio do sentimento de culpa.

Seriam as autoacusações uma modalidade de resposta egoica ao ataque feroz e violento do superego?

IV.5 Angústia Moral

Na tentativa de conter o ataque superegoico, o ego lança mão da culpabilidade. Neste contexto, ganha relevância a dimensão de violência intrapsíquica, de autoataque, ocultada, de certa maneira, no sentimento de culpa.

Freud (1930/2006) aborda o sentimento de culpa na neurose obsessiva como angústia moral ou angústia diante do superego. Destaca que “(...) talvez seja bem-vinda, aqui, a observação de que o sentimento de culpa não é, no fundo, nada mais que uma variante tópica da angústia e que, em suas fases posteriores, ele é absolutamente idêntico à angústia diante do superego” (FREUD, 1930/2006, p. 138). Encontramos nesta passagem uma pista importante acerca da íntima articulação que haveria entre sentimento de culpa e angústia nesta patologia.

A articulação entre sentimento de culpa e angústia aparece pela primeira vez na obra freudiana em 1916, quando nela é consolidada a concepção das bases do sentimento de culpa. Isso se dá a partir da constatação de que a sua intensidade não estaria necessariamente ligada aos atos cometidos. O sentimento de culpa poderia, ao contrário, ser o fator que conduziria o sujeito a praticar um crime.

Ao analisar os “criminosos por sentimento de culpa”, Freud (1916b) sustenta que a convocação do sentimento de culpa vem dar sentido à angústia que atormenta o ego; o crime viria justificar a ação de tal sentimento. O sentimento de culpa não se constitui, portanto, a partir de um crime cometido, podendo constituir-se como o fator que impele o sujeito ao crime. Neste último caso, tal sentimento é pensado como fator de ligação: o ego, dominado pela angústia, convoca a moral como forma de aplacá-la, dominá-la.

Freud propõe, portanto, o sentimento de culpa como possibilidade egoica de enfrentamento da angústia, como forma de ele tentar recuperar o controle do mundo interno, de sua dinâmica pulsional. Sobre este ponto, destaca Cardoso:

Situar a culpa na tópica, eis aí uma tarefa essencial. A este propósito diríamos que a culpa vem sempre dar um sentido, mesmo quando se apresenta sob a forma ‘categórica’:

‘seja como for és culpado’. Porém, ela deve, neste caso, ser referida ao registro do ego, aquele que é afetado por uma ‘realidade’ que o ultrapassa. *Nesse sentido, toda culpa é do ego e toda culpa é secundária em relação à angústia* (CARDOSO, 2002a, p. 154. Grifo da autora).

Dominado por angústia difusa, o ego, ao apelar para a culpabilização, parece aí buscar um fator de ligação para um transbordamento interno ameaçador de suas fronteiras. O sentimento de culpa indica, assim, a busca do ego em dominar a força pulsional que o ataca a partir da ação do superego. A angústia moral, segundo Goldberg (1985), permitiria uma primeira contenção do ataque pulsional, dando-lhe uma forma, um contorno. Portanto, angústia e sentimento de culpa não se situam num mesmo plano; haveria uma via de passagem da angústia à culpa.

Neste ponto, levantamos a seguinte questão: o afeto provocado pelo ataque superegoico poderia ser efetivamente considerado como angústia?

“Susto”, “medo” e “ansiedade” são palavras impropriamente empregadas como expressões sinônimas; são, de fato, capazes de uma distinção clara em sua relação com o perigo. A “ansiedade” descreve um estado particular de esperar o perigo ou preparar-se para ele, ainda que possa ser desconhecido. O “medo” exige um objeto definido de que se tenha temor. “Susto”, contudo, é o nome que damos ao estado em que alguém fica, quando entrou em perigo sem estar preparado para ele, dando-se ênfase ao fator da surpresa (FREUD, 1920, p. 23).

As noções de “susto” e angústia se contrapõem, já que o “susto” aponta para uma situação de despreparo contrária à da angústia, que implica preparação para o perigo. A angústia tem a função de possibilitar ao sujeito antecipar o perigo, protegendo-o justamente de ser acometido pelo afluxo traumático. Quando esta preparação não ocorre, quantidades excessivas de excitação invadem o ego, deixando-o submerso e passivo, indicando transbordamento, marca do traumático.

A angústia protege o ego de uma invasão súbita de suas fronteiras; já o “susto” indica situação extrema na qual o ego encontra-se passivo. O termo “susto” coloca em relevo o fator surpresa, a ausência de proteção diante do ataque pulsional. Como iremos explorar a seguir, trata-se aqui, no nosso entender, de uma situação de desamparo psíquico.

IV.6 O desamparo e sua relação com a angústia moral

A noção de desamparo é de grande relevância para pensarmos as origens do sentimento de culpa, tendo como ponto de partida a preciosa indicação freudiana, no início de sua obra: “(...) o desamparo inicial dos seres humanos é a *fonte primordial* de

todos os *motivos morais*” (FREUD, 1895{1950 [1887-1902]}/2006, p. 370. Grifos do autor).

Na teoria freudiana, a noção de desamparo aparece vinculada à dimensão orgânica, à necessária prematuração do ser humano, estado inicial de dependência absoluta do bebê ao outro adulto para a satisfação das suas necessidades e sua sobrevivência. Após 1920, no quadro da segunda teoria da angústia, o estado de desamparo vem a ser considerado como protótipo da situação traumática geradora de angústia (LAPLANCHE & PONTALIS, 1982/2001). Freud reconhece que um aumento progressivo da tensão a ponto de o sujeito se ver incapaz de dominá-la, sendo submergido por ela, é o que define uma situação que vem reeditar o estado de desamparo, entendido, assim, como situação traumática.

Restringir a compreensão da questão do desamparo a uma ótica biológica – o que se oporia à compreensão psicanalítica dessa noção – significaria, dentre outros equívocos, considerar a vida psíquica a partir de uma perspectiva evolucionista de acordo com a qual, com o processo de desenvolvimento, a situação de desamparo seria superada, sendo desconsiderada, assim, a sua condição de experiência essencial e inevitável no funcionamento psíquico.

O estado de desamparo constitui o protótipo de toda situação traumática, conforme sustenta Freud (1926/2006) em “Inibições, sintomas e ansiedade”. Ele aí se refere ao desamparo como aquele estado no qual o sujeito encontra-se inundado pelo excesso de excitações, ultrapassando a sua capacidade de ligação. A partir dessa contribuição, a questão pode ser ampliada. Consideramos que o estado de desamparo diz respeito, em última instância, à questão da passividade egoica diante da pulsão, questão, em última instância, dos limites da representação, da simbolização da força pulsional. O desamparo está, portanto, vinculado à incapacidade: a princípio, incapacidade psicomotora do bebê, mas, sobretudo, incapacidade do aparelho psíquico em dar conta do excesso de excitações, do excesso pulsional.

Segundo Rocha, o que define o desamparo “é a situação de total passividade em que se encontra o sujeito, a incapacidade de, com seus próprios recursos, encontrar saída para seus impasses” (ROCHA, 2000, p. 130). Já nas proposições freudianas, encontra-se a ideia de uma impossibilidade de resposta por parte do ego como aspecto mais fundamental na situação de desamparo. Porém é Laplanche que vem dar realmente relevo a esta articulação, desvinculando definitivamente a compreensão da noção de

desamparo psíquico, do âmbito biológico e situando-a no âmbito da relação com o outro.

Assim, a angústia moral pode ser pensada como uma barreira ao desamparo, à *transgressão pulsional*. Essa expressão foi cunhada por Marta Rezende Cardoso para referir-se a “(...) um atravessamento pulsional no território egoico” (CARDOSO, 2002b, p. 161). A autora inspirou-se na ideia de transgressão marinha, que consiste na invasão de um trecho do continente pelas águas do mar. A ideia de transgressão pulsional nos ajuda a evidenciar a dimensão traumática que estaria subjacente à angústia moral.

Sustenta Laplanche (1980/1987) que, subjacente à angústia e à culpabilidade há o pulsional que ataca o sujeito, do interior. A angústia moral, a culpabilidade, vem sinalizar a luta do ego contra uma transgressão pulsional, primeiro enfrentamento do ataque pulsional. Dessa forma, o sentimento de culpa é secundário em relação ao desamparo, como resposta egoica ao ataque pulsional. Trata-se de recurso defensivo através do qual o ego vem dar a ele uma “figura”, (de)limitando, assim, a sua violência, ou seja, trata-se de uma tentativa de fazer frente ao ataque pulsional (GOLDBERG, 1985).

Na busca de sair da posição de passividade, de se defender do ataque superegoico, o ego utiliza mecanismos de defesa elementares implicados nessa passagem à culpabilidade, à angústia moral: retorno sobre si e inversão no contrário. Por meio do sentimento de culpa, o ego retorna sobre si os imperativos superegoicos – mas já simbolizados; com isso, sai da posição de passividade, tornando-se supostamente ativo, posto que permanece sob os comandos do invasor. Estamos diante da “dominação” desse estrangeiro radical através da repetição de seus imperativos.

Esta repetição se dá sob a forma de autoataque, de autopunição, engendrando violento circuito defensivo autopunitivo em torno do qual o neurótico obsessivo permanece siderado. Portanto, o ego, não conseguindo *responder a* tal ataque, impossibilitado também de recalcar tais mensagens ou integrá-las em seu território –, passa, através do sentimento de culpa, do circuito autopunitivo, a *responder por* ele, retornando os imperativos superegoicos sobre si (CARDOSO, 2002a).

Cabe destacar que os aspectos inassimiláveis, traumáticos, podem ser percebidos a partir desse circuito autopunitivo, mas não devem ser confundidos com ele, conforme procuramos mostrar. Nessa passagem à culpa, há já um trabalho de simbolização, trabalho egoico, ainda que elementar. Ao contrário do que talvez pudéssemos pensar, o sentimento de culpa não indica diretamente o ataque superegoico, mas sim, já o

acionamento de um enfrentamento egoico a tal ataque e isso se dá, como veremos adiante, de modo singular na neurose obsessiva, em contraponto com o que se dá, por exemplo, no quadro da melancolia. Acreditamos que esta discriminação tem importância fundamental, pois vem desvelar um elemento dos mais essenciais para a compreensão da neurose obsessiva, tendo em vista a sua complexidade.

Como temos pontuado, a cena interior na neurose obsessiva é marcada por violento embate entre superego e ego. Estabelece-se uma relação assimétrica entre as duas instâncias, de caráter sadomasoquista, regida pela dialética entre atividade e passividade a qual parece ter o encontro com o objeto primário como protótipo.

Vale notar que este mesmo aspecto tem lugar no quadro da melancolia, caracterizado também pela presença de violentas autoacusações. Sendo assim, cabe, neste ponto uma breve apreciação desta distinção, baseada, particularmente, em algumas das contribuições de Abraham (1927/1970), e que nos permitirá reforçar algumas ideias que já havíamos enunciado anteriormente, em especial, aquelas que dizem respeito à dimensão de domínio na neurose obsessiva.

Em ambas as patologias, há uma regressão à organização pré-genital da libido, mais especificamente à organização sádico-anal. Porém, apesar de sua relação comum com esta última, a melancolia e a neurose obsessiva apresentam diferenças fundamentais. Procuraremos nos deter em apenas um dos elementos que estariam aqui em questão.

Quando comparamos o curso da libido na neurose obsessiva e na melancolia, podemos logo ver que no neurótico obsessivo, apesar da insegurança de suas relações com o objeto, ele nunca se desvia tanto da meta normal de seu desenvolvimento numa direção regressiva como o faz no caso do melancólico (ABRAHAM, 1927/1970, p. 94).

A melancolia e a neurose obsessiva estariam sob a influência de elementos heterogêneos da fase sádico-anal. Segundo Abraham (Ibid.), o erotismo anal contém duas tendências de prazer opostas: reter e expulsar. Essas duas aliam-se às tendências sádicas: destruir o objeto por um lado e por outro controlá-lo, dominá-lo. A fase sádico-anal do desenvolvimento libidinal apresentaria, portanto, dois níveis. No nível posterior, predominariam as tendências conservadoras de reter e controlar o objeto, enquanto no nível mais antigo, as tendências hostis ao objeto, relativas à sua destruição, estariam em primeiro plano. Na passagem de um nível para o outro ocorreria decisiva modificação na atitude do sujeito para com o mundo exterior. A tendência a preservar o objeto começaria a predominar a partir do segundo nível.

Na melancolia encontraríamos a ação da tendência à expulsão e à destruição do objeto por meio apenas da incorporação – na base da “identificação com o objeto perdido”, de acordo com as proposições de Freud (1917[1915]) – abandonando, assim, o investimento nos objetos externos. Já na neurose obsessiva encontraríamos igualmente a tendência a reter o objeto, mas, em seguida, a de controlá-lo. O neurótico obsessivo vem a abandonar a tendência a incorporar o objeto, passando, além disso, ao desejo de dominá-lo e possuí-lo. Ele regride, mas para um nível posterior desses dois planos, mantendo, assim, o contato com o objeto.

Na melancolia, a regressão se daria e se deteria num nível mais primitivo da fase sádico-anal, abrindo caminho à regressão à fase oral canibalística, cuja finalidade pulsional é incorporar o objeto em si próprio. Dessa forma, esta seria importante zona de transformação dos investimentos. Uma vez ultrapassada numa direção regressiva, ou seja, uma vez tendo abandonado suas relações de objeto, a libido parece deslizar rapidamente para níveis precedentes. De acordo com as proposições de Abraham (1927/1970) encontraríamos agindo na melancolia tanto elementos ligados à organização sádico-anal quanto elementos ligados à organização oral.

Se as tendências conservadoras – as de reter e controlar seu objeto – são as mais poderosas, esse conflito em torno do objeto de amor suscitará fenômenos de compulsão psicológica. Mas se as tendências sádico-anais opostas – ou seja, aquelas que visam a destruir e expelir o objeto – forem as vitoriosas, então o paciente cairá em estado de depressão melancólica (ABRAHAM, 1927/1970; p. 93)

Ainda que demasiadamente centradas na questão das fases de organização da libido, as proposições de Abraham em muito nos interessam por indicarem que, tanto na neurose obsessiva quanto na melancolia encontramos a ação de uma dimensão destrutiva, porém de forma diferenciada. Na neurose obsessiva, a destrutividade, embora assentada num modo de funcionamento arcaico, encontra uma possibilidade de garantir a entrada em ação de Eros, no sentido da ligação com o objeto, mesmo que esta seja limitada a uma busca de domínio e de controle do objeto. Mas temos que levar em conta que a ligação com o objeto não se rompe como ocorre na melancolia, onde encontramos a ação da destrutividade no predomínio do desinvestimento.

Conforme exploramos anteriormente, a cena de submissão e domínio vivenciada com o objeto primário tende a ser reproduzida na esfera intersubjetiva, na relação com o outro externo. Do ponto de vista intrapsíquico, vimos no presente capítulo que o superego ataca o ego de maneira implacável, colocando-o em uma posição de

passividade. Na tentativa de superar esta passividade, o ego responde ao ataque superegoico pela convocação da moral e, igualmente, pelo domínio do objeto.

IV.7 Culpa insensata: abertura ao registro edipiano

Na neurose obsessiva, o sentimento de culpa apresenta-se sob sua forma categórica, imperativa e violenta: “Seja como for, és culpado”. A violência desse sentimento é diretamente proporcional à violência do ataque pulsional, superegoico: “Seja como for, és culpado representa a ação de um objeto inicial penetrante que vem terrorificar o indivíduo” (CARDOSO, 2002a, p. 160). Os imperativos morais categóricos ficam marcados com o selo de uma estraneidade radical, uma vez que indicam aquilo que, provindo do outro, não pôde ser assimilado, metabolizado. Em função de seu caráter categórico, o sentimento de culpa, nos permite vislumbrar uma tonalidade própria ao estado de desamparo.

De acordo com Cardoso (2002a), o superego é secundariamente revestido, pelo trabalho do ego, de um conteúdo moral. O violento enunciado “Seja como for, és culpado” envolve um processo de construção egoica, na busca de conter o ataque pulsional. A dimensão moralizante, moralidade categórica, virá dar um “sentido” àquilo que não pôde ser originalmente integrado na tópica. O violento circuito autopunitivo engendrado pelo sentimento categórico de culpa permite o recobrimento do ataque pulsional por uma dimensão edipiana – uma vez que na neurose obsessiva a lei se mantém através da punição –, o que dá outro destino a esse ataque, mas de caráter igualmente violento.

Como vimos no primeiro capítulo, a interiorização da lei realiza-se de forma frágil e o neurótico obsessivo permanece aprisionado ao conflito entre lei e transgressão. O circuito autopunitivo evidencia o embate entre o desejo e a proibição, embate ao qual o psiquismo do neurótico obsessivo permanece cristalizado. Dessa forma, o imperativo moral categórico “Seja como for, és culpado” transforma o obsessivo em um criminoso. Como dissemos, este recurso permite “limitar”, “dominar” a violência do ataque pulsional, pois o sentimento de culpa passa, a partir daí, a estar referido a um crime cometido, ou seja, o ataque pulsional ganha uma significação cuja lógica centra-se no interdito edipiano. A angústia de aniquilamento vem a ser, assim, recoberta pela angústia de castração.

“No *a posteriori* do recalçamento secundário as vias do Édipo e da castração tornam possível, pelo viés da moral e da culpa, uma espécie de deslocamento daquilo que foi introduzido originariamente e ‘encravado’” (CARDOSO, 2002a, p. 151). Os imperativos morais podem ser pensados como uma versão secundária das mensagens intraduzíveis, como representações egoicas da violência do superego.

Essa singular dinâmica estabelecida aqui entre ataque e defesa, engendrada pela violenta relação entre superego e ego pode ser ilustrada, em toda sua exuberância, no caso do homem dos ratos. O violento circuito autopunitivo que aí tem lugar expressa a dominância de uma lógica extremamente torturante e imobilizadora, marcada pela dialética entre atividade e passividade, e orientada por um roteiro sadomasoquista.

Mostramos com Freud, no primeiro capítulo, que na neurose obsessiva os desejos sádico-anais são comandados pela lógica edipiana, lógica incestuosa. Além da dimensão autopunitiva que essa organização sintomática evidencia, há também uma dimensão de intensa satisfação ligada à realização deslocada dos desejos incestuosos. Portanto, punição e satisfação, lei e transgressão aparecem articuladas no circuito autopunitivo que o homem dos ratos se impõe. Dessa forma, o suplício dos ratos, esta terrível apreensão que o atormentava, destaca, de modo exemplar, tanto a violência do ataque pulsional aí implicado, quanto o seu recobrimento por uma dimensão edipiana.

Ao se referir ao superego na neurose obsessiva, Laplanche (1980) sublinha:

O superego apresenta-se como um rato, gozador, cruel, a própria imagem da pulsão. De sorte que o conflito moral, torturante, implacável, aparentemente assimilável a um conflito de nível elevado, não faz mais do que encobrir uma luta ‘cruel e lúbrica’ em que o castigo supremo está sempre agregado ao gozo supremo (LAPLANCHE, 1980/1987, p. 286).

O recobrimento do ataque pulsional por uma dimensão moral, ou seja, a inserção do ataque pulsional em uma lógica edipiana possibilita que mecanismos de defesa neuróticos possam ser construídos, embora tragam a marca da violência pulsional. Na neurose obsessiva, o sentimento categórico de culpa nos permite vislumbrar a situação de desamparo a que o ego está exposto, embora nela se opere simbolização elementar dessa ameaça de aniquilamento, em resposta a ela.

A relação que o obsessivo mantém com o objeto externo, reduzida a uma relação de domínio, permite ao ego dirigir uma parte do pulsional violento que o ataca a partir do superego para o exterior, protegendo-o da destruição efetiva. O fato de as relações com os objetos externos tenderem ao exercício de domínio indica que não há investimento efetivo, que essas relações também são regidas eminentemente pela

dialética da atividade e da passividade, tendo, paradoxalmente, valor de reassseguramento narcísico, concorrendo para a manutenção do sentimento de onipotência.

A incorporação de elementos traumáticos – sinal da impossibilidade de efetiva separação do objeto – faz subsistir um modo de funcionamento mental essencialmente narcísico, onipotente, uma vez que a questão do fracasso em metabolizar as mensagens maternas não pode ser dissociada de fraturas na constituição narcísica. Além disso, como procuramos argumentar, tal fracasso concorre para a presentificação, no interior do psiquismo, de um potencial mortífero e destrutivo cuja manifestação pode ser vislumbrada nas violentas e insensatas autoacusações que se alternam com a violência também dirigida ao objeto externo. Trata-se, portanto, de ferrenha e compulsiva luta entre superego e ego, este tentando lutar, de uma só vez, contra uma transgressão da lei e, subjacente a ela, uma *transgressão pulsional*.

A secundarização do sentimento de culpa nos permitiu colocar em evidência a diferenciação entre uma dimensão de ataque pulsional, ligada ao superego e uma dimensão defensiva, de simbolização, que a recobre, referida ao ego. Procuramos mostrar que estas duas dimensões, embora sejam indissociáveis, não se reduzem uma à outra. Tal diferenciação nos possibilitou indicar o papel fundamental que a força pulsional – subjacente ao sentimento de culpa – desempenha na neurose obsessiva. Ademais, consideramos que este aspecto, aliado a vários outros que exploramos ao longo de nossa investigação, evidencia de forma exuberante a ação da pulsão de morte na gênese e na manutenção do sistema defensivo próprio a esta patologia.

Considerações finais

Em nossa pesquisa investigamos a patologia da neurose obsessiva procurando ampliar a sua compreensão. Para tal, inauguramos uma nova perspectiva de análise a partir da qual viemos a explorar a significativa dimensão destrutiva que lhe é própria, articulando-a com o conceito de pulsão de morte.

Em função de sua economia e dinâmica singulares, o estudo da neurose obsessiva promoveu, desde Freud, uma complexificação da teoria da neurose, visto que o recalque nela possui caráter frágil, o que exige a multiplicação das defesas. Para Freud, de acordo com a sua teoria da sedução, isto se daria em função da singularidade das experiências traumáticas que, neste caso, teriam ocorrido muito cedo, experimentadas, de início, de forma passiva e, em seguida, ativamente, com prazer – aspecto indicativo da dimensão agressiva dessa neurose. A precocidade do vivido traumático, aliada a sua intensidade, dificultaria o posterior domínio da pulsão sexual tendo como consequência maior a fragilidade do recalque e, portanto, o acionamento de defesas compulsivas.

Já em um segundo momento de sua obra, após a superação da teoria da sedução, Freud vincula a dimensão compulsiva da neurose obsessiva à sexualidade infantil. Considera que a libido, confrontada com o conflito edípiano – em função da intensidade dos desejos incestuosos – sofreria uma regressão à organização sádico-anal. Isto faria com que os desejos incestuosos dirigidos ao objeto fossem transformados em desejos hostis, agressivos. Não se dá aqui desligamento definitivo dos objetos incestuosos, e a problemática edípiana segue infiltrada por uma lógica sádico-anal. Desta forma, o neurótico obsessivo fica aprisionado a um conflito entre lei e transgressão, e a interiorização da lei se processa de forma precária.

Partindo da ideia freudiana de que na neurose obsessiva a interiorização da lei não se dá de modo consistente, viemos a nos interrogar sobre a relação entre neurose obsessiva e perversão. Até que ponto uma dimensão perversa manter-se-ia particularmente atuante na neurose obsessiva? Nela, o ego constrói um sistema defensivo de tipo neurótico, mas a manutenção do mecanismo de recalque está constantemente ameaçada. Assim, através de ferozes e violentas autoacusações – figura central desse tipo de neurose –, o circuito autopunitivo tem papel fundamental para a manutenção do recalque.

As rumações obsessivas revelam-se determinantes nesse circuito autopunitivo. Há incessante manipulação do pensamento, que se apresenta de forma singular, pelo seu caráter compulsivo e onipotente. Em função do sentimento de onipotência vem a se estabelecer

estranha identidade entre pensamento e desejo: o pensamento adquire valor de ato. Como indica Laplanche (1980/1987), há um desdobramento que vai do pensamento do crime (desejo proibido) ao crime de pensamento (desejo percebido como ato realizado). Por se confundir com a realização do desejo proibido, o desejo passa a ser vivido como crime. Isto se articula estreitamente à violência do sentimento de culpa e da ferocidade das autoacusações, próprias à dinâmica obsessiva.

Buscando melhor entender a dinâmica que fundamentaria essa violência do sentimento de culpa na neurose obsessiva, Freud postula a ação da consciência moral que aqui se apresenta implacável e feroz. Travar-se-ia, no mundo interno, uma batalha, cena violenta de julgamento e condenação, de exercício de poder e subjugação, orientada por uma lógica sadomasoquista. O sentimento de culpa sinalizaria, portanto, a existência de violento conflito entre ego e consciência moral.

Como procuramos demonstrar ao longo da tese, o modelo da neurose obsessiva, com suas contradições e dificuldades, mostrou-se especialmente determinante em Freud para a futura construção da segunda teoria pulsional e do segundo modelo do aparelho psíquico. No nosso entender, constitui importante pilar da pesquisa metapsicológica rumo ao aprofundamento na compreensão da violência psíquica e da compulsão, abrindo caminho para a emergência da compulsão à repetição. Porém, sabemos que tais transformações não foram efetivamente incluídas na análise de Freud; as indicações feitas por ele após 1920 acerca deste quadro clínico se mantêm preponderantemente alicerçadas no primeiro modelo do conflito.

Percorrer a obra freudiana nos possibilitou destacar alguns dos elementos que evidenciam a violência e a destrutividade típicas da neurose obsessiva, dentre eles: o trauma, a compulsão à repetição, a onipotência narcísica e as autoacusações demoníacas. Procuramos aprofundar estes elementos, partindo de certas “pistas” deixadas em aberto por Freud, mas visando explorá-las à luz das novas “ferramentas” teóricas que o segundo dualismo pulsional nos oferece. Reexaminamos, com novo olhar, a indicação freudiana inicial de uma base traumática na gênese da neurose obsessiva, buscando entender, dentre outros aspectos, o caráter violento de seu modo de funcionamento.

Enfatizamos, assim, os elementos traumáticos envolvidos nessa gênese, decorrentes, em primeiro lugar, do modo de relação estabelecido entre o eu e o outro – em especial com o objeto primário. Segundo nossos desenvolvimentos, apoiados nas contribuições de alguns autores, a mãe dirigiria, neste caso, intenso desejo erótico ao filho, o que nela se torna fonte de intensa angústia, conduzindo-a, como forma de defesa, a recalá-lo. De acordo com esta visão, essa relação é predominantemente marcada por formações reativas ao desejo recalçado.

Isso se traduz, dentre outros aspectos, pelo exercício de controle onipotente por parte da figura materna, exigindo do filho total submissão. Trata-se de uma posição de poder, de domínio, mantendo o sujeito em situação de passividade. Esses aspectos dão à relação primária tonalidade inegavelmente traumática, sem um espaço mais amplo para o reconhecimento da singularidade, da diferença do sujeito.

O ódio é o recurso principal utilizado pela figura materna para manter o bebê sob seu domínio, o que sela um pacto entre ela e o bebê que a mantém, nos termos de Kristeva (1988), “enterrada” em seu psiquismo. Estes elementos não são devidamente processados, permanecendo incrustados no psiquismo do sujeito que fica, de certa forma, capturado ao domínio materno. Como procuramos mostrar, este modelo tenderá a ser reproduzido nas suas relações ulteriores, mas de maneira reativa, numa incessante busca de domínio do outro.

De acordo com algumas contribuições de André Green (1988b), indicamos que na neurose obsessiva a função objetalizante vê-se cristalizada nessa tentativa de dominar o objeto. Vislumbramos, assim, a presença de forte destrutividade na neurose obsessiva, já pela significativa limitação da função objetalizante que se restringe, em grande parte, à busca de domínio, marcada pela agressividade.

Ao explorar essa dimensão da questão, pudemos traçar um contraponto com o modelo da perversão. Neste, o domínio do outro tende a se operar essencialmente no registro erótico, onde a arma é a sedução, exercida de maneira privilegiada sobre o parceiro sexual. Na problemática perversa, assume-se uma posição de saber em relação ao outro – o perverso saberia o que vem a ser o desejo do outro. O jogo pulsional que aí se trava se apoia na sedução do outro e visa à satisfação. Já o modo de domínio na neurose obsessiva seria de tipo totalitário: o sujeito busca o controle permanente do outro, procurando evitar qualquer manifestação que lhe escape. Torna-se, assim, um tirano, por meio de repetidas intrusões que violam a intimidade do outro. Trata-se aqui de um poder que se entrecruza com a ordem do dever e que se dá, tanto de maneira ativa, quanto sob a forma da resistência passiva.

Para o neurótico obsessivo, a submissão seria a prova do amor do outro, fundamental para o reconhecimento de si mesmo e para manutenção do sentimento de onipotência. Estamos diante da preponderância da ação da pulsão de domínio, que passa a determinar o modo de relação estabelecido com o outro externo, indicando, no que concerne ao mundo interno, a força da pulsão de morte, que dá seu colorido característico à relação com o objeto.

Tendo colocado em relevo os aspectos traumáticos decorrentes do registro da relação primária, procuramos, em seguida, articulá-los ao registro edipiano. Mostramos que a relação estabelecida com o filho passa a ser uma “ferramenta” utilizada pela mãe para tentar atingir o

pai, em busca de seu investimento. Mesmo situando o filho na posição de objeto de seu desejo, o desejo materno continua referido ao pai, mas evidenciando a impotência deste.

É no entrecruzamento precoce entre o registro primário e o edipiano, numa triangulação precoce, que se constitui o alicerce sobre o qual a neurose obsessiva se constituirá. Não se operam a efetiva separação do objeto primário e a sólida interiorização da lei, fazendo subsistir um modo de funcionamento predominantemente narcísico, onipotente, característico da vida infantil. O ego se mantém atrelado a uma vertente de onipotência narcísica, engendrando uma construção singular do processo de pensamento.

O neurótico obsessivo não renuncia à onipotência dos pensamentos. Para defender-se do trauma, “amadurece à força”, torna-se sábio, um “bebê sábio”, como propõe Ferenczi (1923/1993). Porém, como esse amadurecimento do processo de pensamento se dá de forma abrupta e defensiva, a hipertrofia desse registro não possui caráter de elaboração, mas supõe um movimento de regressão do agir ao pensar. Antes mesmo que o processo secundário, apoiado no teste de realidade, possa se desenvolver, o sujeito precisa se defender do trauma. O processo de pensamento desvia-se, então, de sua função, passando a servir a uma função defensiva radical, adquirindo valor de ato e tornando-se compulsivo.

A curiosidade torna-se intensa, invadida que é pelos conflitos ligados à sexualidade infantil, e instaura-se uma busca compulsiva pelo saber, também de natureza defensiva. A pulsão de saber é aqui determinante de uma sexualização do pensamento cujas operações produzem a angústia e o prazer próprios à atividade sexual. A dúvida é a forma que o ego encontra para se defender dos conflitos ligados à sexualidade infantil que invadem a esfera do pensamento, associados à pulsão de saber. Trava-se embate entre pulsão de saber e dúvida, o que está na base das ruminações obsessivas compulsivas.

Este modo singular de compulsão se expressa por uma compulsão à síntese, que tenta barrar o ressurgimento de elementos que ponham em risco a “unidade” narcísica. Na neurose obsessiva, a compulsão à síntese tende a se tornar cada vez mais rígida em função das alterações que o singular processo defensivo produz no ego, e do caráter mortífero que apresenta tal forma de compulsão. Diante dos elementos traumáticos que ameaçam as suas fronteiras, o ego, tenta, paradoxalmente, torná-las cada vez mais rígidas, pouco porosas, para se proteger, para manter a distância entre ele e o outro. Trata-se de uma forma singular de confronto com a exigência pulsional: pela exacerbação da repetição das sínteses já realizadas, pelo contrainvestimento maciço das fronteiras egoicas.

Estamos, assim, diante de um sistema defensivo radical – comandado pela compulsão à repetição – que luta contra o ataque pulsional, operando por meio de um engessamento do

ego. Esse aprisionamento torturante implica severa paralisação da esfera da ação. Esta tende a ser indefinidamente adiada, posto que o pensamento não realiza sua função original – a de mediar a ação – ao contrário: impossibilita-a, mantendo-a como tabu, fortemente inibida.

Como vimos, o ato se confunde, no plano subjetivo, com o ato criminoso, a ser inibido, proibido. A hiperexigência pulsional não resulta numa passagem ao ato, ao contrário do que ocorre nas neuroses impulsivas, nas quais há hipertrofia da ação. Nas neuroses impulsivas, o agir é reduzido a uma dimensão puramente econômica, com a eliminação do trabalho representacional. Agir é não falar, não pensar, mas apenas descarregar a tensão psíquica que não pôde ser processada. Já na neurose obsessiva, agir é revelar, realizar o desejo, “cometer o crime”. Embora em ambas as patologias o sujeito sinta-se compelido à ação, a maneira como responde a essa exigência é inteiramente distinta. O tocar, imperativo nas neuroses impulsivas, é sujeito a violentas inibições e proibições na neurose obsessiva, agir compulsivo, mas permitido apenas sob uma forma ritualizada, deslocada.

Vale ressaltar que a primeira confrontação de Freud com a problemática da compulsão se deu a partir da análise dos sintomas obsessivos. Foram eles que, primeiramente, iluminaram essa exigência severa, à qual o ego não pode se furtar. O *Zwang* que, de maneira inquestionável, a neurose obsessiva põe em relevo, passou a interrogar a teoria freudiana, ao desvelar um aspecto do funcionamento psíquico até então ignorado: o aspecto destrutivo, demoníaco, do pulsional. Portanto, a compulsão obsessiva foi ferramenta essencial para a posterior postulação da noção de compulsão à repetição. Os rituais obsessivos não deixam de dar notícia deste demoníaco que age a partir do interior, do imperativo interno inescapável, que obriga ao ato; porém, como mostramos, trata-se, neste caso, de um “cerimonial”.

Mas o que estaria subjacente a esta forma singular da compulsão cuja manifestação se dá no registro do ritual e das rumações? Encontramos nas ideias de Assoun (1994) indicações que muito enriqueceram esta discussão. O autor indica o entrelaçamento de duas dimensões contrastantes na compulsão obsessiva: uma pressão poderosa e inescapável que conduz ao ato e a vincula ao pulsional, e outra dimensão que limita, restringe a possibilidade de ação, que a veicula ao interdito.

Isso se dá em função da articulação, que tem lugar nesta patologia, entre compulsão e interdição: o imperativo de “dever fazer” se interliga de forma indissociável ao imperativo de “não poder fazer”, instituído pelo sentimento de culpa. Os atos obsessivos colocam em destaque, tanto o interdito, quanto o demoníaco em ação no interior do sujeito. Portanto, trata-se de uma economia de repetição assentada na ação da pulsão de morte, comandada, em última instância, pela compulsão à repetição.

A respeito da problemática da culpa na neurose obsessiva, procuramos compreender, especialmente, o seu caráter violento e feroz. Para tal, nos debruçamos sobre a questão do superego, em particular, sobre a singularidade desta instância na neurose obsessiva. Tentamos romper com a suposta evidência de que a ferocidade que seria própria ao superego estaria exclusivamente relacionada com a problemática da interiorização da lei edípiana. Procuramos investigar a natureza da “lei” que acionaria a ferocidade do superego na neurose obsessiva.

Procurando avançar em nossa investigação sobre a constituição da dimensão de alteridade interna e de seu papel na dinâmica intrapsíquica, exploramos certas contribuições da “teoria da sedução generalizada”, desenvolvida por Jean Laplanche. Fizemos esse percurso tendo como guia, em grande parte, as contribuições de Marta Rezende Cardoso (2002a). Assim, viemos a destacar as noções de “intromissão do outro” e de “enclave”, as quais nos permitiram ressignificar os elementos que havíamos levantado anteriormente sobre o caráter traumático da relação com a figura materna. Este advém, em grande parte, do fato de certas mensagens transmitidas possuírem caráter intraduzível, permanecendo como enclaves no psiquismo.

As mensagens “intrometidas” permanecem como elementos externos, como alteridade interna radical, de acordo com o que aponta Cardoso (2002b/2010). Isso se deve ao fato de esses elementos já se apresentarem na condição de enclaves no psiquismo materno, aspecto que nos levou a analisar um mecanismo de significativa importância em toda essa problemática: a incorporação. A formação da instância do superego na neurose obsessiva é fortemente ancorada nesse mecanismo, ou seja, ancorada em um processo de transmissão traumática. O superego se constitui como corpo estranho não metabolizável, sua origem estando, portanto, articulada às mensagens maternas violentamente inseridas no psiquismo, ou seja, aos elementos que não puderam ser elaborados.

O superego pode ser considerado como o coração da compulsão obsessiva, como a matriz da *Zwang* que define a neurose obsessiva. O pulsional passa a ser imposto de forma inescapável através dos ataques do superego, engendrando dinâmica particular, mecanizada, de ataque e defesa. Ao ver-se invadido por intensidade pulsional excessiva, o ego é remetido a uma vivência de desamparo, vivência transbordante e apassivadora. Na tentativa de escapar da posição de passividade, de se defender do ataque superegoico, responde com a convocação da moral, por meio do sentimento de culpa. Ganha aqui relevância a dimensão de violência intrapsíquica subjacente ao sentimento de culpa.

Ressaltamos, então, que a angústia moral, a culpabilidade, vem sinalizar a luta do ego contra uma *transgressão pulsional*. O sentimento de culpa é secundário ao ataque pulsional.

Trata-se de recurso defensivo por meio do qual o ego vem dar a ele uma “figura”, (de)limitando, assim, a sua violência, ou seja, tentando fazer frente ao ataque pulsional

Como mostra Cardoso (2002b), na passagem à culpa opera-se já um trabalho de simbolização, trabalho egoico, ainda que elementar. Ao contrário do que talvez pudéssemos pensar, o sentimento de culpa não indica diretamente o ataque superegoico, mas sim, já o acionamento de um enfrentamento egoico a tal ataque. De nossa parte, partindo dessa ideia, procuramos mostrar que isto se dá de modo singular na neurose obsessiva – através do circuito defensivo autopunitivo e do modo de relação com o objeto – em contraponto com o que se dá, por exemplo, no quadro da melancolia.

Na melancolia, há a tendência à expulsão e à destruição do objeto por meio da incorporação – na base da “identificação com o objeto perdido” – abandonando, assim, o investimento nos objetos externos. Na neurose obsessiva, encontramos igualmente uma tendência a reter o objeto mas, em seguida, a de controlá-lo. O neurótico obsessivo mantém o vínculo com o objeto externo, através do desejo de dominá-lo e de possuí-lo.

Há a presença de uma dimensão fortemente destrutiva em ambas as patologias, porém de forma diferenciada. Na neurose obsessiva, a destrutividade, embora assentada num modo de funcionamento arcaico, tem garantida a entrada da ação de Eros, no sentido da ligação com o objeto, mesmo que esta seja limitada a uma busca de domínio e de controle do objeto. Mas a ligação com o objeto não se rompe como ocorre na melancolia, na qual a destrutividade se exerce pela via do desinvestimento objetal

Do ponto de vista intrapsíquico, em ambas as patologias o superego ataca o ego de maneira implacável, colocando-o em posição de passividade. Na neurose obsessiva, o ego, procurando superar esta passividade, responde ao ataque superegoico pela convocação da moral e, igualmente, pelo domínio do objeto. O violento circuito autopunitivo engendrado pelo sentimento categórico de culpa permite o recobrimento do ataque pulsional por uma dimensão edipiana – uma vez que na neurose obsessiva a lei se mantém através da punição – dando outro destino a esse ataque, ainda que de caráter igualmente violento.

O imperativo moral categórico “Seja como for, és culpado” transforma o obsessivo em um “criminoso”. Como dissemos, este recurso permite “limitar”, “dominar” a violência do ataque pulsional, pois o sentimento de culpa passa, a partir daí, a se referir a um suposto “crime” cometido, ou seja, o ataque pulsional ganha uma significação cuja lógica centra-se no interdito edipiano. Deste modo, a angústia de aniquilamento vem a ser recoberta pela angústia de castração, possibilitando que mecanismos de defesa neuróticos sejam acionados, embora tragam a marca da violência pulsional.

O conjunto dos aspectos analisados ao longo de nossa tese indica a complexidade da problemática que a neurose obsessiva põe em relevo, a qual julgamos especialmente marcada por uma dimensão “demoníaca”, de violência psíquica. Sublinhamos o caráter fronteiro da neurose obsessiva em sua relação com outras situações clínicas, partindo justamente de certos elementos que viemos a considerar fundamentais em sua gênese e em seu sistema de defesa: o trauma, a problemática do domínio, a compulsão à repetição, a pulsão de morte e a ferocidade do sentimento de culpa. Esta nova perspectiva de análise vem, inclusive, problematizar o lugar da neurose obsessiva no campo da psicopatologia, tendo em vista a amplitude e a complexidade das questões que ela nos apresenta.

Concluimos esta pesquisa sublinhando a atualidade e a importância do modelo da neurose obsessiva, que continua a interpelar fortemente a teoria e a clínica psicanalíticas. O seu estudo vem também iluminar as teorizações contemporâneas sobre a questão da pulsão de morte, de suas figuras e destinos na vida psíquica.

Referências Bibliográficas

- ABRAHAM, K. (1927) *Teoria Psicanalítica da libido*. Rio de Janeiro: Imago, 1970.
- ABRAHAM, N. & TOROK, M. (1995) *A casca e o núcleo*. São Paulo: Escuta.
- ASSOUN, Paul-Laurent. (1994) “La passion de répétition. Genèse et figures de la compulsion dans la métapsychologie freudienne.” *Revue Française de Psychanalyse* n.2, p. 335-357.
- BRUNOT, C. (2005) *La névrose obsessionnelle - Histoire d'un concept*. Paris: L'Harmattan.
- CARDOSO, M. R. (2002a) “Violência, domínio e transgressão”. In: _____ & GARCIA, C. A. *Entre o eu e o outro: espaços fronteiriços*. Curitiba: Juruá, 2010, p. 103-113.
- _____ (2002b) *Superego*. São Paulo: Escuta.
- _____ (2007) “A impossível ‘perda’ do outro nos estados limites: explorando as noções de limite e alteridade.” In: _____ & GARCIA, C. A. *Entre o eu e o outro: espaços fronteiriços*. Curitiba: Juruá, 2010, p. 77- 90.
- _____ (2011) Anotações em sala de aula.
- CHABERT, C. (1992) “Incidents narcissiques dans la névrose obsessionnelle.” In: *Psychanalyse à l'Université*, 17, 65, 1992, p. 33-50.
- COUVREUR, C. (2003) “Introdução aos escritos de Freud sobre a neurose obsessiva.” In: BRUSSET, B. & COUVREUR, C. (orgs). *A neurose obsessiva*. São Paulo: Escuta.
- DOREY, R. (1981) “La relation d'emprise.” In: *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, n. 24, automne, Paris: Gallimard, p. 117-139.
- _____ (1986) “L'amour au travers de la haine.” In : *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, n 33. *L'amour de la haine*. Paris: Éditions Gallimard. p. 75- 94.
- _____ (1988) *Le désir de savoir - nature et destins de la curiosité en psychanalyse*. Paris: Denoël.
- _____ (2003) “Problemática Obsessiva e Problemática Perversa. Parentesco e divergências”. In: BRUSSET, B. & COUVREUR, C. (orgs). *A neurose obsessiva*. São Paulo: Escuta, p. 115- 140.
- FÉDIDA, P. (2003) “Um órgão psíquico hipocondríaco. Tratamento psíquico autocrático.” In: BRUSSET, B. & COUVREUR, C. (orgs). *A neurose obsessiva*. São Paulo: Escuta, p. 141- 168.
- FERENCZI, S. (1913) “O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios”. In: _____ *Psicanálise II*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 39- 53.
- _____ (1923) “O sonho do bebê sábio”. In: _____ *Psicanálise III*. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 207.
- _____ (1928) “A adaptação da família à criança”. In: _____ *Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 1- 14.
- _____ (1929) “A criança mal acolhida e sua pulsão de morte”. In: _____ *Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 47- 52.

_____ (1931) “Análise de crianças com adultos”. In: _____ *Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 69- 117.

_____ (1933) “Confusão de Línguas entre os adultos e a criança”. In: _____ *Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 347- 356.

FERRAZ, F. C. (2005) “A ‘religião particular’ do neurótico. Notas comparativas sobre a neurose obsessiva e a perversão.” In: BERLINCK, M. T. (org). *Obsessiva Neurose*. São Paulo: Escuta.

FRANCO, S. G. (2005) “Pensando a neurose obsessiva a partir de ‘Atos obsessivos e práticas religiosas’, de Freud. In: BERLINCK, Manoel Tosta (Org.). *Obsessiva neurose*. São Paulo: Escuta, p. 151- 164.

FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

(1894) “As neuropsicoses de defesa.” Vol. III, p. 51-74.

(1896a) “A hereditariedade e a etiologia das neuroses”. Vol. III, p. 141-158.

(1896b) “Observações Adicionais sobre as neuropsicoses de defesa”. Vol. III, p.159-186.

(1900) *A interpretação dos sonhos*. Vol. IV e V.

(1905) “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”. Vol. VII, p.119-219.

(1907) “Atos Obsessivos e práticas religiosas”. Vol. IX, p.107-120.

(1909) “Notas sobre um caso de neurose obsessiva”. Vol. X, p.137-276.

(1910) “Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância.” Vol. XI, p. 67-142.

(1911) “Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental”. Vol. XII, p. 233-246.

(1913a) “Totem e Tabu”. Vol. XIII, p. 13-168.

(1913b) “A disposição à neurose obsessiva”. Vol. XII, p. 337- 352.

(1915) “Os instintos e suas vicissitudes”. Vol. XIV, p.117-146.

(1916a) “Os caminhos da formação dos sintomas.” Vol. XVI, p. 361- 378.

(1916b) “Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico.” Vol. XIV, p. 325-350.

(1917) “As transformações do instinto exemplificadas no erotismo anal”. Vol. XVII, p. 133-144.

(1918) “História de uma neurose infantil”. Vol. XVII, p. 15-132.

(1919a) “Uma criança é espancada”. Vol. XVII, p. 193-220.

(1919b) “O estranho”. Vol. XVII, p. 235- 276.

(1920) “Além do princípio do prazer.” Vol. XVIII, p. 13-156.

(1923) “O Ego e o Id”. Vol. XIX, p. 15-82.

(1926) “Inibições, Sintomas e Ansiedade”. Vol. XX, p. 81-174.

(1927) “O futuro de uma ilusão”. Vol. XXI, p. 13-66.

- (1930) “O Mal-estar na civilização”. Vol. XXI.
- (1937) “Análise terminável e interminável”. Vol. XXIII, p. 225- 274.
- (1938) “Esboço de Psicanálise”. Vol. XXIII, p. 153- 224.
- (1950) Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. Vol. I.
 (1895) “Projeto para uma psicologia científica”. p. 335-464.
- GANTHERET, F. (1981) “De l’emprise à pulsion d’emprise.” *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, n. 24, automne, Paris: Gallimard, p.103-116.
- GOLDBERG, J. (1985) *La culpabilité - axiome de La psychanalyse*. Paris: PUF.
- GREEN, A. (1988a) *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. São Paulo: Escuta, 1998.
- _____ (1988b) “Pulsão de morte, narcisismo negativo, função desobjetalizante.” In: YORKE, C., et al. *A pulsão de morte*. São Paulo: Escuta, p. 53-64.
- GURFINKEL, D. (2005) “Ódio e inação: o negativo na neurose obsessiva.” In: BERLINCK, Manoel Tosta (Org.). *Obsessiva neurose*. São Paulo: Escuta, p. 237-294.
- JEAMMET, P. (2005) “Haine de soi, haine de l’autre: l’ultime défense d’un narcissisme menacé.” In: Fine, A., Nayrou, F. & Pragier, G. (Org.). *La Haine*. Paris: PUF, p. 111-124.
- KRISTEVA, J. (1988) “L’obsessionnel et sa mère.” *Revue Française de Psychanalyse*. Paris: PUF, 6, p. 1357-1371.
- LACHAUD, D. (2007) *O inferno do dever- O discurso do obsessivo*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- LAPLANCHE, J. (1980) *Problemáticas I – A angústia*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- _____ *Novos fundamentos para a psicanálise*. Paris: PUF, 1987.
- _____ & PONTALIS. (1982) *Vocabulário de Psicanálise*. 4ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- MÉNÉCHAL, V. (2000) “La nevrose obsessionnelle: l’apport freudien” In: LARA & MARINOV & MÉNÉCHAL (orgs.). *La névrose obsessionnelle - Contraintes et limites*. Paris: Dunod, 2000, p. 61- 128.
- MORAES, E. G. & MACEDO, M. M. K. *Vivência de indiferença - do trauma ao atodor*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.
- PEREIRA, S. W. (2006) *As pulsões de morte e seus derivados: os avatares da teoria*. Tese de doutorado, Rio de Janeiro: UFRJ/ IP.
- PINHEIRO, T. (1995) *Ferenczi: do grito à palavra*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- REIS, E. S. (2004) *De corpos e afetos*. Rio de Janeiro: Editora Contra Capa.
- ROCHA, Z. (2000) *Destinos da angústia na psicanálise freudiana*. São Paulo: Escuta.
- STEIN, C. (1988) *As Erínias de uma mãe - Ensaio sobre o ódio*. São Paulo: Escuta.